

Intergeracionalidade no Espaço Arquitetónico:

Residências Temporárias no Antigo Hospital Militar de Belém

Patrícia Alexandra de Campos Pasadinhas

(Licenciada em Estudos Arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:

Professor Doutor João Pernão

Júri:

Presidente: Professora Doutora Dulce Loução

Vogal: Arquiteto Carlos Macedo

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, FA ULisboa, dezembro, 2019

“If you are in the habit of doing things with joy, you will rarely find difficult situations”

“Make this world a little better than you found”

Baden-Powell

RESUMO

O presente Projeto Final de Mestrado, tem como tema “construir com intergeracionalidade no Património” com intervenção no Antigo Hospital Militar de Belém que outrora fora um Convento.

Neste sentido a intervenção insere-se na área da reabilitação com base em conceitos relacionados com a teoria de valor e a preservação da identidade do edifício.

Após a análise do lugar correspondente à freguesia da Ajuda, mais propriamente ao Largo da Boa Hora e à sua envolvente próxima foi possível verificar que já existe uma proposta aceite na Câmara Municipal de Lisboa para a requalificação urbana desta área. Assim entendeu-se que era necessária uma breve adaptação da mesma com a elaboração da proposta para o objeto arquitetónico que se pretende intervir.

Neste sentido foi necessário debruçar sobre aspetos que caracterizavam a zona em termos históricos, urbanos e sociais, e perceber quais as faixas etárias da população que reside e que procura residência nesta área.

Através desse estudo e da análise ao edifício a abordagem de projeto é uma proposta de reabilitação do Hospital dando-lhe um novo uso, neste caso, redefinir o objeto arquitetónico para residências temporárias intergeracionais, gerando assim uma proposta de resolução para esta área sem nunca esquecer a identidade do edifício.

Com esta intervenção procura-se dar resposta às necessidades da população atual, desenvolver e dinamizar o território.

PALAVRAS CHAVE

INTERGERACIONALIDADE | REABILITAÇÃO | RESIDÊNCIAS
TEMPORÁRIAS | PERCEÇÃO

ABSTRACT

The present Master's Final Project has as its theme “building with intergenerationality in heritage” with intervention at the Old Military Hospital of Belém that was once a Convent. In this sense the intervention is inserted in the area of rehabilitation based on concepts related to the theory of value and the preservation of the identity of the building. After analyzing the place corresponding to the parish of Ajuda, more properly to the Largo da Boa Hora and its surrounding area it was possible to verify that there is already an accepted proposal in the Lisbon City Council for the urban requalification of this area. Thus it was understood that a brief adaptation of the same was necessary with the elaboration of the proposal for the architectural object to be intervened. In this sense it was necessary to look at subjects that characterized the area in historical, urban and social terms, and to understand which age groups of the population resides and seeks residence in this area. Through this study and the analysis of the building, the design approach is a proposal for rehabilitation of the Hospital giving it a new use, in this case, to redefine the architectural object for intergenerational temporary residences, thus generating proposal for a resolution for this area without forgetting the identity of the building. This intervention seeks to respond to the needs of the current population, develop and streamline the territory.

KEYWORDS

INTERGENERATIONALITY | REHABILITATION | TEMPORARY RESIDENCES |
PERCEPTION

AGRADECIMENTOS

O meu percurso académico foi uma verdadeira aventura, preenchida de momentos fáceis, outros mais difíceis, mas todos me fizeram refletir e aprender. Aprendizagem essa ao nível profissional, mas igualmente enriquecedora em termos pessoais.

Dirijo os meus agradecimentos a todos os que me acompanharam, apoiaram e incentivaram ao longo dos diferentes momentos do curso.

Ao orientador João Pernão por tudo o que me ensinou, pelas diretrizes e pela honra em poder realizar este trabalho. À Professora Maria Manuela da Fonte que influenciou o meu percurso académico, na qual agradeço todas as aprendizagens, a paciência e o apoio prestado.

A todos os colegas que se tornaram grandes amigos, pelas memórias, pela partilha de conhecimentos, pelo apoio incondicional ao longo destes seis anos. Em especial à Inês Palma, à Arq^a Joana Cordeiro, à Joana Faustino e à Arq^a Ana Sofia Lacerda por todos os momentos.

Ao Arq^o André Ribeiro Mota por todo o companheirismo e por todos os conhecimentos que partilhou comigo.

Aos colegas de Erasmus pelos valores, ensinamentos e memórias felizes que tornaram este percurso académico mais especial.

Aos amigos que são família.

Aos meus pais e ao meu irmão pelo apoio incondicional que nunca me deixaram desistir e por me permitirem seguir o meu coração.

À minha tia, à minha afilhada e ao meu primo pelas inúmeras noites a elaborar maquetas.

À minha avó e ao meu avô que à sua maneira estiveram sempre presentes, que me apoiaram e mimaram ao longo de toda a minha existência.

Dirijo um agradecimento muito especial ao meu namorado, Leonardo Freire, pelo apoio incondicional, pela força e coragem que me

transmite, pela paciência em todos os momentos, especialmente nos mais críticos, por não me deixar desistir e continuar motivar-me a realizar todos os meus sonhos, por fazer deste mundo e do outro para que eu possa seguir os meus sonhos.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 - VISTA AÉREA DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM (BOA-HORA).....	3
<i>Fonte: Google Earth Pro</i>	
FIGURA 2 - COLISEU DE ROMA, UMA DAS GRANDES HERANÇAS PATRIMONIAIS	13
FIGURA 3 - DIMENSÕES DE INTERVENÇÃO DA REVITALIZAÇÃO; (ROMÃO, 2017)	22
<i>Fonte: (Romão, 2017)</i>	
FIGURA 4- ESQUEMA DE LUZ DIRETA, DIFUSA E REFLETIDA.....	25
<i>Fonte: (Romão, 2017)</i>	
FIGURA 5 -ILUSTRAÇÃO QUE REPRESENTA A INTERGERACIONALIDADE	31
<i>Fonte: https://www.marabadiario.com/single-post/2018/09/24/Por-que-fazemos-menos-gentilezas-do-que-gostar%C3%ADamos-A-ci%C3%AAncia-explica, consultado a 23/04/2019</i>	
FIGURA 6 -INTERGERACIONALIDADE EM ATIVIDADE ARTÍSTICA, DOS 7 AOS 70 ANOS.	32
FIGURA 7 - INTERGERACIONALIDADE EM ATIVIDADE ARTÍSTICA	33
FIGURA 8 - INTERGERACIONALIDADE EM ATIVIDADE ARTÍSTICA	36
FIGURA 9 - À ESQUERDA, ATIVIDADES DE PARTILHA	36
FIGURA 10 - À DIREITA, ATIVIDADES DE PARTILHA ENTRE VÁRIAS GERAÇÕES, DOS 7 AOS 60 ANOS.....	36
FIGURA 11 - RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA ULISBOA, ATELIER CVDB.....	45
<i>Fonte: http://www.cvdbarquitectos.com/new-gallery-87/b0uvlcbadug94dgru3yig37m9yoxb http://www.cvdbarquitectos.com/new-gallery-87/n0wfcavh9cew0wmf2iizae6o52af</i>	
FIGURA 12- PISO 1, RESIDÊNCIA ULISBOA.....	46
<i>Fonte: Atelier cvdb arquitectos</i>	
FIGURA 13 - PISO 0, RESIDÊNCIA ULISBOA	46
<i>Fonte: Atelier cvdb arquitectos</i>	
FIGURA 14-PISO 3, QUARTOS E ZONAS COMUNS DA RESIDÊNCIA ULISBOA	47
<i>Fonte: Atelier cvdb arquitectos</i>	
FIGURA 15 - ILUSTRAÇÃO DA ENTRADA DA RESIDÊNCIA ULISBOA.....	47
<i>Fonte: Atelier cvdb arquitectos</i>	
FIGURA 16 - CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE, ATELIER CVDB.....	48
<i>Fonte: http://www.cvdbarquitectos.com/centro-de-apoio2/x843sd05ynbza9otuctfcp3l66ijz0</i>	
FIGURA 17 - CENTRO DE APOIO Á TERCEIRA IDADE, ATELIER CVDB - COR NO ESPAÇO ARQUITETÓNICO . 48	
<i>Fonte: http://www.cvdbarquitectos.com/centro-de-apoio2/fmlgqmsci89zesuvz41ikuuw8k7bsv</i>	
FIGURA 18 - PISO 0, CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	49

Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 19 - PISO 1, CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	49
Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 20 - PISO 2, CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	49
Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 21 - PISO 3, CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	50
Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 22 - PISO 4, CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	50
Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 23 - CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE, ATELIER CVDB - COR NO ESPAÇO ARQUITETÓNICO .	50
Fonte: <i>Atelier cvdb architectos</i>	
FIGURA 24 - RESIDÊNCIA SÉNIOR EM ALCABIDECHE, ATELIER GUEDES CRUZ ARCHITECTS.....	51
Fonte: https://www.publico.pt/2014/03/31/p3/fotogaleria/um-complexo-para-idosos-tambem-e-arquitectura-384055	
FIGURA 25 - RESIDÊNCIA SÉNIOR EM ALCABIDECHE, ATELIER GUEDES CRUZ ARCHITECTS.....	51
Fonte: https://www.publico.pt/2014/03/31/p3/fotogaleria/um-complexo-para-idosos-tambem-e-arquitectura-384055	
FIGURA 26 - PLANTAS DAS HABITAÇÕES.....	52
FIGURA 27 - PLANTAS DE CONJUNTO DAS UNIDADES HABITACIONAIS.....	52
FIGURA 28 - ILUSTRAÇÃO DE EXEMPLO DE UMA DAS HABITAÇÕES.....	53
Fonte: http://www.shigerubanarchitects.com/works/2011_onagawa-container-temporary-housing/index.html	
FIGURA 29 - PLANTAS REPRESENTATIVAS DOS DIFERENTES USOS POSSÍVEIS.....	54
Fonte: (Freire, 2017)	
FIGURA 30 - INTERIOR DE UMA DAS HABITAÇÕES.....	55
FIGURA 31 - CARTOGRAFIA SILVA PINTO 1901-1911	59
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/	
FIGURA 32 - CARTOGRAFIA SILVA PINTO 1911.....	60
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/	
FIGURA 33 - CARTOGRAFIA ATUAL, 2019	60
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/	
FIGURA 34 - ESQUEMA DOS MELHORAMENTOS PROPOSTOS NO PROJETO “UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO”	61
FIGURA 35 - IGREJA E FACHADA PRINCIPAL DO CONVENTO DA BOA-HORA, 1943.....	62
Fonte: Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa)	

FIGURA 36 - O LARGO DA BOA-HORA À AJUDA EM 1943	62
Fonte: Eduardo Portugal, Arquivo Municipal de Lisboa)	
FIGURA 37 - À ESQUERDA ESCADA EXISTENTE ALA POENTE; NO MEIO, CORREDOR PRESERVADO ALA NASCENTE; À DIREITA, CORREDOR PRESERVADO ALA SUL.	63
FIGURA 38 - À ESQUERDA, ENTRADA PRINCIPAL DO HOSPITAL MILITAR; AZULEJO A PRESERVAR DEVIDO À TEORIA DE VALOR. À DIREITA, INTERVENÇÕES FEITAS PELOS MILITARES EM ALGUMAS DAS PAREDES DO CONVENTO;	64
FIGURA 39 - CONJUNTO DE FOTOGRAFIAS DAS INTERVENÇÕES NO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM	65
FIGURA 40 - CONJUNTO DE FOTOGRAFIAS DO EXTERIOR DO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM	65
FIGURA 41 - FACHADA NORTE DO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM, ESFORÇO ESTRUTURAL	65
FIGURA 42- ILUSTRAÇÃO PROJETO "UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO", LARGO DA BOA HORA	73
Fonte: (CML, s.d.)	
FIGURA 43 - ILUSTRAÇÃO PROJETO "UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO", ZONA DE ESTADIA CHAFARIZ.....	73
Fonte: (CML, s.d.)	
FIGURA 44 - ILUSTRAÇÃO PROJETO "UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO", PLANTA URBANA PROPOSTA.....	73
Fonte: (CML, s.d.)	
FIGURA 45 - PROPOSTA URBANA.....	74
FIGURA 46 - PORMENOR DO JARDIM ELABORADO	74
FIGURA 47 - FACHADA EXISTENTE COM VISTA PARA AS DUAS ÁRVORES CLASSIFICADAS	75
FIGURA 48 - ILUSTRAÇÃO PROJETO "UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO", ORGANIZAÇÃO VIÁRIA	76
Fonte: (CML, s.d.)	
FIGURA 49 - ILUSTRAÇÃO PROJETO "UMA PRAÇA POR CADA BAIRRO", ORGANIZAÇÃO PEDONAL	77
Fonte: (CML, s.d.)	
FIGURA 50 - PROPOSTA URBANA PARA A ÁREA ENVOLVENTE	79
FIGURA 51 - PLANTA DE USOS	81
FIGURA 52 - AZULEJOS EXISTENTES A MANTER	84
FIGURA 53 - AZULEJOS EXISTENTES A MANTER; ACESSO AO PÁTIO	84
FIGURA 54 - ZONA DE DISTRIBUIÇÃO ALA NASCENTE; ARCOS EXISTENTES A MANTER	86
FIGURA 55 - PLANTA QUARTOS INDIVIDUAIS	87
FIGURA 56 - ILUSTRAÇÃO DO MOBILIÁRIO M1	87
FIGURA 57 - PLANTA QUARTO INDIVIDUAL/CASAL	88
FIGURA 58 ILUSTRAÇÃO DO MOBILIÁRIO M2	88

FIGURA 59 - ESQUEMA DE ROTAÇÃO DO MOBILIÁRIO.....	88
FIGURA 60 - PLANTA QUARTO DUPLO.....	89
FIGURA 61 - ILUSTRAÇÃO DO MOBILIÁRIO MÓVEL	89
FIGURA 62 - PLANTA PISO 0 DUPLEX	90
FIGURA 63 - PLANTA PISO 1 DUPLEX	91
FIGURA 64 - ILUSTRAÇÃO DO MOBILIÁRIO M33	91
FIGURA 65 - AMOSTRA: PARKET FLUTUANTE MOGNO.....	99
FIGURA 66 - AMOSTRA DA PEDRA EXISTENTE.....	99
FIGURA 67 - AMOSTRA PARKET FLUTUANTE MOGNO	100
FIGURA 68- AMOSTRA ALPE ANTHRACITE	102
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 69 - AMOSTRA ALPE GREY	102
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 70 - AMOSTRA ALPE GREY	102
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 71 - AMOSTRA MOSAIC BLUR GREY	102
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 72 - AMOSTRA BRICK LIGHT BEIGE.....	103
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 73 - AMOSTRA ALPE ANTHRACITE	103
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 74 - AMOSTRA MUSTANG SLATE BLACK	103
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 75 - AMOSTRA DECOR HIDRA ALPE GREY	104
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 76 - AMOSTRA PÓS-CORTE GREY.....	105
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	
FIGURA 77 - AMOSTRA PARKET FLUTUANTE MOGNO.....	105
FIGURA 78 - AMOSTRA DECK GREY.....	106
Fonte: https://aleluia.pt/downloads/Cat-ALELUIA_2019-2020.pdf	

Nota: Sempre que a fonte não for mencionada, as figuras são de autoria própria.

ÍNDICE

RESUMO.....	I
ABSTRACT.....	V
AGRADECIMENTOS	IX
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. ENQUADRAMENTO	3
1.2. OBJETIVOS	5
1.3. METODOLOGIA.....	7
2. ESTADO DA ARTE	9
2.1. PATRIMÓNIO E TEORIA DE VALOR	13
2.2 REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO URBANA.....	19
2.3 PERCEÇÃO DA LUZ, COR E MATÉRIA NO ESPAÇO ARQUITETÓNICO.....	25
2.4 INTERGERACIONALIDADE	31
2.5 HABITAÇÃO E CONTEMPORANIEDADE	37
3. CASOS DE ESTUDO.....	43
3.1 - RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA ULISBOA	45
3.2 – CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE	48
3.3 –RESIDÊNCIA SÉNIOR, ALCABIDECHE	51
3.4 – CONTAINER TEMPORARY HOUSING, ONAGAWA, JAPÃO.....	52
3.5 – SONGPA MICRO HOUSING	54
4. ANÁLISE	57
4.1. A AJUDA E O LARGO DA BOA HORA.....	59
4.2. O HOSPITAL MILITAR	62
5. PROJETO	67
5.1 PROGRAMA	71
5.2 INTERVENÇÃO URBANA.....	71
5.3 INTERVENÇÃO NO OBJETO ARQUITETÓNICO	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
7 BIBLIOGRAFIA	113
8 ANEXOS.....	119

1. INTRODUÇÃO

1.1. ENQUADRAMENTO

O presente Projeto Final de Mestrado na área de especialização de Arquitetura de Interiores e Reabilitação do Edificado, tem como escolha a Reabilitação do Antigo Hospital de Belém (figura 1) situado na Freguesia da Ajuda, concelho de Lisboa, tendo como temáticas principais a Intergeracionalidade das várias faixas etárias, desde os idosos aos mais jovens, unindo o passado ao futuro no mesmo espaço. E à aplicação da luz, cor e matéria no espaço arquitetónico.



Figura 1 - Vista aérea do Antigo Hospital de Belém (Boa-Hora)

Neste conjunto edificado, que outrora fora um convento e posteriormente Hospital Militar, pretende-se a criação de residências que promovam maior conforto habitacional à população envelhecida da zona, bem como a partilha das suas experiências de vida de modo a que residam simultaneamente naquele espaço maior número de jovens, tendo em conta que é uma freguesia com elevada procura universitária.

Assim, pretende-se contrabalançar os valores habitacionais para as duas maiores faixas etárias referidas, uma vez que atualmente tanto os idosos e os jovens têm mais dificuldades para pagar uma casa atualmente, pois esse é um dos principais problemas da habitação.

Ao nível urbano, esta área carece de investimento e desenvolvimento para proporcionar maior conforto e maior dinamismo social. A

reformulação deste espaço requer a criação de mais áreas verdes, áreas de lazer, áreas comuns à população, de reestruturação urbana, por exemplo vencer as diferenças altimétricas entre ruas de modo a dar mais acessibilidade à população, solucionar o problema do estacionamento desta área, ou seja, revitalizar todo o carácter urbano, demonstrando toda a sua autenticidade e potencialidade social.

1.2. OBJETIVOS

Os objetivos do Projeto Final de Mestrado passam por caracterizar melhor o lugar e o objeto arquitetónico para elaborar uma proposta arquitetónica que responda às questões/problemas que foram impostos ao estudar a área de intervenção.

OB1. Revitalizar o valor urbano da envolvente próxima e o valor arquitetónico do objeto em estudo.

Esta é uma zona que necessita de uma lufada de ar fresco, de um novo rumo que a valorize e a revitalize dado que a área de intervenção se encontra no cimo de uma das principais calçadas históricas de Belém, provavelmente um eixo secundário da malha urbana. Atualmente, está descaracterizada com um pequeno largo denominado como Largo da Boa-Hora que pouco ou nada é chamativo ao convívio social entre os locais, a própria malha urbana ainda denota linhas do passado. É interessante, deste ponto de vista, poder apostar num melhoramento como a criação de áreas verdes e zonas de lazer de modo a que a população possa tirar proveito das mesmas sem destruir as memórias do passado, melhoramento dos percursos pedonais, tanto na calçada como na ligação entre as ruas adjacentes ao terreno, fazendo com que desta forma mais fluxos de indivíduos sejam atraídos para esta zona criando uma melhor qualidade de vida local.

OB2. Dinamizar a relação entre os idosos e os jovens, criando espaços habitacionais no mesmo conjunto arquitetónico.

A proposta de intervenção para o objeto arquitetónico recai na criação de residências temporárias onde nelas se inserem espaços comuns de melhor acesso para as diferentes faixas etárias. Isto porque, cada vez mais é uma zona de grande procura habitacional na área devido à sua proximidade com o Polo Universitário da Ajuda e outras universidades, mas também por ser uma zona de população envelhecida, considerando-se assim a criação de residências para jovens e idosos

tentando colmatar as necessidades mencionadas para as duas faixas etárias que mais prevalecem nesta zona.

OB3. Definir quais os elementos da pré-existência a manter na reabilitação, tendo em conta uma teoria de valores.

Na leitura do objeto arquitetónico, foi possível verificar algumas alterações feitas após ter deixado de ser convento para passar a ser Hospital Militar, sendo que a maioria dessas alterações não foram bem-sucedidas e estão, atualmente, a suscitar problemas ao nível estrutural e ao nível métrico, não tendo preservado a memória do espaço. Com isto, uma hipótese de solução passa por devolver parte da estrutura inicial e colmatar os estragos feitos ao longo dos anos.

OB4. Reabilitar para um programa intergeracional.

Atualmente, não é comum a interação dos idosos com os jovens e a solução visa a criação de espaços comuns para que haja troca de cultura, espaços comuns de atividades sociais, sendo que a maior dificuldade passará pela criação dos espaços habitacionais de modo a não haver distinção para qualquer que seja a faixa etária. Assim sendo, cada espaço será totalmente inclusivo para que possa ser tanto para um idoso como para um jovem.

1.3. METODOLOGIA

O presente trabalho será dividido em vários capítulos para que seja perceptível a intenção da proposta de intervenção.

O capítulo 1, Enquadramento, irá conter uma introdução onde se expõe o contexto do trabalho, abordando os principais objetivos que ajudam a dar um fio condutor à investigação para o desenvolvimento da proposta.

O capítulo 2, Estado da Arte, irá basear-se numa pesquisa bibliográfica e iconográfica sobre cada conceito chave a retratar no presente trabalho, que explicita a escolha do tema, título e intervenção da proposta. Neste desenvolvimento teórico, e com base em autores que abordam os mesmos assuntos para o entendimento do tema, procede-se a uma análise e reflexão dos dados adquiridos onde é evidenciada a importância da intergeracionalidade nos anos atuais.

No terceiro capítulo, Casos de Estudo, parte procede-se à leitura e análise de alguns casos de estudo em que os conceitos chave que se pretendem abordar sejam aplicados na sua vertente prática.

O quarto capítulo, Análise, é onde se realiza uma análise ao enquadramento histórico e geográfico do lugar de intervenção – Largo da Boa-Hora. Posteriormente, é ainda realizada uma análise ao objeto arquitetónico – Antigo Hospital Militar, investigando o que era antes da intervenção dos militares para a atualidade.

No quinto capítulo, Projeto, é executada a proposta de intervenção no Antigo Hospital Militar de Belém.

No sexto capítulo, serão descritas as considerações finais, bem como as conclusões concretizadas após a realização do trabalho, analisando se foram cumpridos os objetivos iniciais do mesmo e se responderam a todas as questões iniciais sobre a área de intervenção.

Para finalizar, será apresentada a bibliografia que serviu de base à análise dos conceitos desenvolvidos e em simultâneo auxiliou o desenvolvimento do tema “Intergeracionalidade no Espaço Arquitetónico”.

2. ESTADO DA ARTE

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” (Saint-Exupéry, 2012)

2.1. PATRIMÓNIO E TEORIA DE VALOR

“o valor do património arquitetónico não está só na sua aparência, mas também na integridade de todos os seus componentes, como produto único da tecnologia de construção específica do seu tempo. Em particular, não é conforme os critérios da conservação a remoção da estrutura interior mantendo-se apenas as fachadas” (ICOMOS, 2003)

O conceito de Património deriva do latim *Patrimonium* (Pater, Pai + Monium, recebido) [Furari e Pelegrini, 2006 – Lido em (Lourenço, 2018)] que pretende transmitir referências e modelos para as gerações futuras. Este conceito pretende a preservação do passado (figura 2), sendo que é no presente que se decide o que deve ou não existir no futuro. Como Victor Hugo, menciona: “uma lei para o passado”, “aquilo que uma nação tem de mais sagrado, depois do futuro”. (Choay, 2001)



Figura 2 - Coliseu de Roma, uma das grandes heranças patrimoniais

O Património é algo que tem vindo a ser discutido ao longo dos séculos por toda a Europa, sendo que a sua génese se encontra em França e Itália, onde começaram a surgir as primeiras abordagens sobre o mesmo, embora de modo inconsciente. Em França, criou-se a primeira Comissão dos Monumentos Históricos, em 1837, onde inicialmente a noção de Património era ligada aos edifícios da Antiguidade e aos edifícios da Idade Média (Choay, 2001).

A Revolução Francesa¹ impulsionou a consolidação do conceito de Património. Segundo Choay (2001) em 1789, muitos edifícios históricos ficaram totalmente destruídos e outros parcialmente por atos de vandalismo. Devido a esse acontecimento, foi necessário classificar os monumentos de modo a distinguir-se quais os que deveriam ser preservados, originando o primeiro documento com instruções para a conservação dos monumentos históricos.

Posteriormente à criação desse documento, apareceram nomes bastante importantes para a revisão e consolidação do conceito de Património Histórico. Entre outros, podemos salientar Viollet-le-Duc (1814-1879) e John Ruskin (1819-1900), com opiniões opostas, assim como William Morris (1834-1896), Alois Riegl (1858-1905), Gustavo Giovannoni (1873-1947) e Camilo Boito (1836-1914).

Viollet-le-Duc defende uma doutrina intervencionista, mais conhecido como “restauro estilístico” que predomina nos países europeus. Esta defende a remoção de todos os acrescentos feitos até à data, para que prevaleçam os vestígios antigos e enaltecendo o monumento original.

Ruskin, seguido por Morris, defende uma doutrina anti-intervencionista radical que predomina na Inglaterra (Choay, 2001, p. 153).

“envelhecidos ou mutilados, receberam do tempo ou dos homens uma certa
beleza” Victor Hugo apud Choay (2001, p. 160)

John Ruskin alegava que restaurar um edifício é como atentar sobre o mesmo porque o destruía, assim defendia a preservação do monumento no estado de conservação que se encontrava de modo a manter as marcas do tempo, contudo não descartava a hipótese de reparações caso fosse necessário, assim como algum tipo de reforço.

¹ A revolução Francesa ocorreu entre 1789 e 1799.

Assim, Ruskin argumentava “nós não temos o mínimo direito de fazê-lo. Eles não nos pertencem. Pertencem em parte àqueles que os edificaram, em parte ao conjunto das gerações humanas que virão depois de nós”. (Choay, 2001, p. 155).

Segundo Choay (2001), John Ruskin e Morris são os primeiros a conceber a proteção dos monumentos históricos, sendo que Ruskin ainda interroga os monumentos pela memória objetiva da história.

“A preservação dos monumentos antigos é antes de tudo uma mentalidade”;
“Saber conservá-los fisicamente e restaurá-los é algo que se baseia em outro tipo de conhecimento” (Choay, 2001, p. 149)

Porém, outra doutrina contrapõe o valor histórico² que é a de Riegl, embora próxima da doutrina Ruskiniana, esta predominava na Áustria, tal como Camilo Boito em Itália.

Alois Riegl foi pioneiro na noção do significado de teoria de valores para interpretação da conservação dos monumentos. Para Riegl, o valor de anciandade do monumento histórico é uma realidade que como refere Choay (2001), se decompõe em duas categorias: “valor artístico relativo”³ e o “valor de novidade”⁴.

² “Um edifício só se torna “histórico” quando se considera que ele pertence ao mesmo tempo a dois mundos: um mundo presente, e dado imediatamente, o outro passado e inapreensível” (Choay, 2001, p. 158)

³ “Valor artístico relativo” refere-se à parte das obras artísticas antigas que continuou acessível à sensibilidade moderna (Choay, 2001, p. 169)

⁴ “Valor de novidade” refere-se à aparência fresca e intacta das obras artísticas antigas (Choay, 2001, p. 169).

Contundo, não podemos restringir a teoria de Ruskin apenas ao restauro, uma vez que a sua posição é bem salientada entre a arquitetura tradicional e a arquitetura contemporânea na medida em que considerava que a ligação entre o passado e o presente eram essenciais para o desenvolvimento de uma cidade. (Choay, 2001)

“Ruskin teorizou a inclusão no património edificado a preservar, dos urbanos históricos, da arquitetura anónima que, ao longo de inúmeras gerações, construiu a cidade” (Aguar, 2002, p. 81)

A mudança do século XIX para o século XX ficou fortemente motivada pela expansão e consolidação do conceito Património, motivada pela revolução industrial e pela Segunda Guerra Mundial. A grande consequência destes dois fatores foi a necessidade de planos de reestruturação das cidades, dando origem às conferências e congressos internacionais.

Após as tentativas em Paris (1921) e em Roma (1930) de estabelecer regras internacionais para a salvaguarda do Património, foi apenas em Atenas (1931) que se viram esses resultados.

A Carta de Atenas de 1931, a primeira a nível internacional, refere-se às práticas de intervenção no património edificado, dando maior importância ao monumento quanto à sua função, respeitando acima de tudo os valores artísticos e históricos, bem como toda a sua ornamentação (ICOMOS, 2006).

Em 1933, a Carta de Atenas foi reformulada com base nos planos de reestruturação das cidades, propondo a demolição de alguns bairros e elementos urbanos que impedissem o desenvolvimento das mesmas. Esta carta teve bastante visibilidade dada a destruição das cidades após a Segunda Guerra Mundial (ICOMOS, 2006).

Em Itália, surge o conceito de património urbano pela mão de Gustavo Giovannoni⁵, discípulo de Camillo Boito, que ganha o seu sentido e valor como elemento de uma doutrina de urbanização.

Assim, como refere Choay (2001), a doutrina de Giovannoni pode ser resumida em três princípios:

- Todo o fragmento urbano antigo deve ser integrado num plano diretor local, regional e territorial, simbolizando a vida presente.

- O conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício isolado.

- A natureza da cidade, dos conjuntos urbanos e o seu ambiente resulta na dialética da arquitetura maior e do seu entorno.

Segundo Aguiar (2002), Giovannoni sintetizou o conceito de património urbano ultrapassando assim dois momentos conceptuais precedentes. O autor aborda Choay, quando a mesma se refere às novas teses de Gustavo Giovannoni citando “o património urbano histórico é (re)introduzido na lógica do fluxo histórico, conservando valências de valor histórico e estético, mas integrando-se num novo conceito de urbanização”.

Esta teoria serviu como base para outra importante carta. A Carta de Veneza (1964) referia-se à preservação dos valores dos conjuntos urbanos e do edificado nas cidades históricas, sendo que ficava à responsabilidade das novas gerações respeitar os valores, as memórias, as culturas e as tradições desses mesmos monumentos.

A Carta de Washington (Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas) veio completar a Carta de Veneza. Nesta carta são definidos os princípios e os objetivos, os métodos e os instrumentos da ação adequada para salvaguardar a qualidade das cidades históricas. Princípios esses que são baseados na proteção, na conservação e no seu restauro (ICOMOS, 1986).

⁵ Gustavo Giovannoni (1873-1947) foi um arquiteto italiano.

“manteve-se a tipologia do parcelamento e a morfologia urbana anteriores, mas a correspondência das novas construções para com as antigas é apenas exterior tendo, os interiores sido significativamente modernizados” (Aguiar, 2002, p. 87)– no caso de Varsóvia (cidade tradicional)

Assim, as relações que se obtêm com o Património que nos foi deixado bem como o que queremos deixar para as gerações futuras, terão de seguir e compreender as Cartas acima referidas e ainda compreender os conceitos de Reabilitação, Restauro, Reconversão e Conservação do conjunto urbano e edificado. Estes são as bases para salvaguardar os valores culturais.

O ICOMOS da Austrália elaborou, em 1999, a última versão da Carta de Burra, na qual é perceptível as orientações para que se possa salvaguardar e conservar os sítios com significado cultural:

“Porquê conversar? Os sítios com significado cultural enriquecem a vida das pessoas, proporcionando, muitas vezes, um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade e à paisagem, ao passado e às experiências vividas.”

2.2 REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO URBANA

“Se é verdade, como julgamos, que a arquitetura, de todas as artes, é a única que já não tem futuro, empreguem seus milhões para conservar, manter e eternizar os monumentos nacionais e históricos que pertencem ao Estado, e para adquirir os que estão em mãos particulares” (Victor Hugo citado por (Choay, 2001, p. 138))

O conceito de Reabilitação surge após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com a necessidade de reaver as cidades destruídas por toda a Europa. Embora Ludovic Vittet (1802-1873) tivesse defendido que o arquiteto não se devia basear apenas na história do edifício, mas também num estudo arqueológico para que o edifício possa voltar à sua origem.

Reabilitação do Edificado pode definir-se como forma de devolver à cidade as características inerentes que garantem provas não só do valor arquitetónico e históricos, mas também valores culturais desse mesmo edificado. Assim podemos assumir que a reabilitação de um edifício passa por dar um novo uso ao mesmo, aproveitando as estruturas iniciais e alguns elementos construtivos de modo a que seja adaptado à contemporaneidade sem perder os valores históricos, patrimoniais e estéticos, ainda que por vezes ao reabilitar um edifício seja necessário demolir alguns elementos e à construção de novos.

Este conceito ganha sentido quando se começa a sensibilizar para a preservação das características e do valor do edifício, nomeadamente quando se trata de um objeto classificado como Património, que inequivocamente conta a história da cidade e do objeto arquitetónico. Assim, ao longo dos anos foram feitas obras de reabilitação sem nunca se ter denominado assim, dado que era reconhecido o objeto de estudo com elementos históricos, fazendo com que, ao mantê-lo (se possível estruturalmente) e melhorando, não se danifique a memória do passado. Por vezes é necessário reconstruir parte para que assim possa voltar ao ativo (Alves, 2017).

“Na realidade a reabilitação articula o objetivo da “recuperação dos valores preexistentes numa dada edificação histórica (ou não) (...)” (Pinho, et al., 2006).

Ao longo dos anos, vários monumentos caíram em desuso por inúmeras razões, acabaram por dar “uso” ao conceito de reabilitar, isto é, sem danificar o ainda existente desses espaços, sendo eles considerados como património, mas dando-lhe um novo uso de forma a reintegrar espaços na cidade, tanto a nível económico, social e cultural.

“processo para adaptar uma construção a um novo uso ou função, sem alterar as partes da construção que são significativas para o seu valor histórico” (ICOMOS, 2003).

A reabilitação nesses espaços tem de ser cuidada e respeitadora do seu próprio valor, de modo a que sejam preservados quaisquer testemunhos que neles se encontrem, que fizeram com que fossem considerados como património. Assim sendo, quando se pensa num programa para um desses espaços, tem de se ter em conta a memória do local em simultâneo com a necessidade da sociedade, uma vez que terá de ser versátil para que no futuro possam novamente sofrer de alterações de uso (Alves, 2017).

“é impossível projectar sobre um edifício existente como se ele não existisse (...), o que significa que o projecto tem de integrar o contruído e simultânea e prioritariamente, integrar-se com ele. Os materiais e tecnologias originais estão, portanto, e desde logo, a fazer parte do próprio projecto de reabilitação” (Appleton, 2003).

O conceito de requalificação urbana surge com o Pós-Guerra, no final do século XX, que se baseia em promover o desenvolvimento urbano de modo a possibilitar uma melhor qualidade de vida da população, tendo em conta os aspetos fortes dessa mesma área urbana de modo a que as soluções para a requalificação passem por construção e recuperação de equipamentos, assim como a valorização do espaço público. Nestas estratégias de requalificação do espaço, um dos

grandes objetivos é garantir uma mudança de valor da área, não perdendo na íntegra o caráter da mesma (Oliveira, 2018).

À medida em que a cidade foi sofrendo evoluções ao nível do edificado, foi necessário em simultâneo, reestruturar urbanisticamente para criar uma coerência entre os edificados e a malha urbana. Segundo Jacobs (1961), a cidade é uma obra de conjunto em que é feita pelo arquiteto para as pessoas, e até mesmo que a cidade devia ser planeada em torno das relações sociais e socioeconómicas (Oliveira, 2018).

Em 1995, deu-se o primeiro encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana em Lisboa, que deu origem à elaboração da Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada. Nesta carta estão presentes os princípios básicos que deverão assentar as intervenções, bem como as instruções para as suas aplicações.

No 1º Artigo da Carta de Lisboa é possível verificar os conceitos que se inserem em Reabilitação Urbana, sendo poucas as diferenças entre os mesmos.

O primeiro, a Renovação Urbana, é marcado pela demolição das estruturas morfológicas e tipológicas dando lugar a construção nova com caráter diferente, isto porque, por norma são construídos novos edifícios morfológica e tipologicamente diferentes para que dê uma vida completamente diferente ao lugar devido às atividades neles inseridas (Moura, et al., 2006), (CML, 1995).

Este conceito baseou-se em estudos de cidades norte-americanas e francesas que reocupou as zonas centrais com atividades económicas expulsando as funções residenciais para as periferias. Em Portugal, a renovação urbana surgiu na época do Estado Novo, onde o tecido antigo da cidade é considerado sem valor patrimonial propondo-se assim a sua demolição ou renovação.

O segundo, a Reabilitação ao invés da demolição do tecido urbano pretende qualificar e readequar o que já existe para que seja dado mais

importância aos objetos arquitetónicos presentes de modo a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais. Pretende-se melhorar a qualidade de vida dos residentes mantendo a identidade e as características da área (Moura, et al., 2006), (CML, 1995).

Segundo o Arq.º Alcino Soutinho in 2º Encontro de Programas Urban e Reabilitação Urbana (1998): “a reabilitação significa a restituição da estima pública. Sendo o seu objectivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas também, criar condições de maneira a quês núcleos ou essas cidades constituam núcleos estimados pela sociedade e a colectividade.” (Moura, et al., 2006)

O terceiro, a Revitalização (figura 3) centra-se ao nível mais geral em termos de intervenção e mais ao nível de mudança, pois contém um carácter inclusivo e integrador, isto porque este conceito visa utilizar estratégias para melhoramento da vida económica, cultural e social de uma cidade em decadência. O conceito é muito próximo do anterior sendo que também tem a intenção de intervir em zonas sem identidade oferecendo uma “nova vida” ao lugar ou ainda trazer dinâmicas perdidas ao longo dos anos (CML, 1995).

O quarto, a Requalificação Urbana, aplica-se maioritariamente a locais



Figura 3 - Dimensões de Intervenção da Revitalização; (Romão, 2017)

habitacionais onde se pretende dar um novo uso mais adaptado a esse local e ao contexto em que se insere, tanto a sua envolvente como a

época em que se encontra, recorrendo à recuperação de equipamentos, infraestruturas e valorização do espaço público (Moura, et al., 2006) (CML, 1995).

Este conceito promove o melhoramento e o crescimento das cidades garantindo um novo valor económico, social e cultural fazendo com que haja um crescimento da população, dando mais sentido e vida à própria área de intervenção.

2.3 PERCEÇÃO DA LUZ, COR E MATÉRIA NO ESPAÇO ARQUITETÓNICO

“Não é a luz a razão de ser da Arquitectura? Não é a história da Arquitectura a da busca, entendimento e domínio da luz?” (Baeza, 2004).

Os conceitos luz, cor e matéria estão interligados entre si, e ao mesmo tempo, dependem uns dos outros. Uma vez que a luz natural é o elemento principal e o mais difícil de controlar, é a partir da mesma que são criados os ambientes e sempre diferentes uma vez que a incidência da luz varia consoante a posição do sol (latitude), a época do ano, as horas do dia, o lugar em si e reflexão noutros objetos (figura 4). Por essas razões que alguns autores consideram que a luz é a génese da visibilidade (Pernão, 2012).

“La saturacion de los colores proyectados varía con la intensidad de la luz natural en un día determinado. El movimiento del sol alegra los colores y transforma este tiempo-movimiento en um flujo extraño y brillante.”⁶ (Holl, 2018, p. 24)

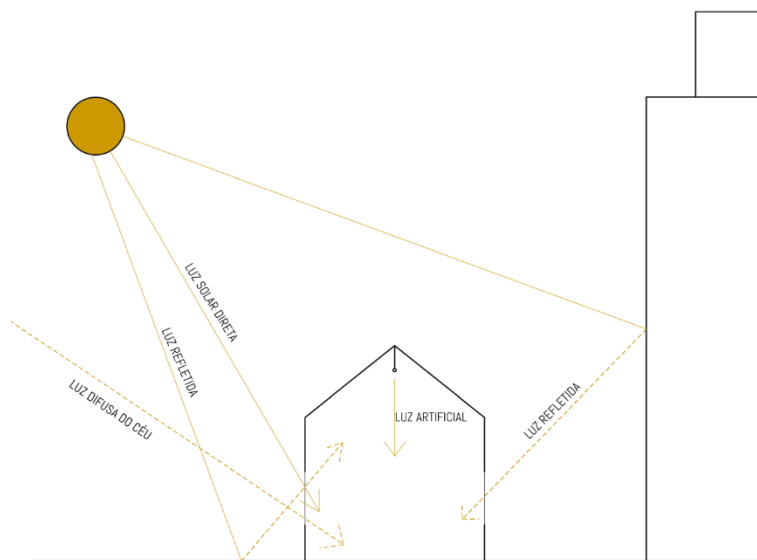


Figura 4- Esquema de luz direta, difusa e refletida.

⁷ “A saturação das cores projetadas varia com a intensidade da luz natural num determinado dia. O movimento do sol alegra as cores e transforma tempo-movimento num fluxo estranho e brilhante” - Tradução livre

“la luz natural, com su variedad de cambio etérea, orchestra la intensidad de la arquitectura y de las ciudades. Lo que ven los ojos y sienten los sentidos en matéria de arquitectura se conforma según las condiciones de luz y sombra.”⁷ (Holl, 2018, p. 25)

A luz poderá ter várias interpretações, dado que agarrado a este conceito de luz está sempre o conceito da sombra, criando assim variantes na própria cultura, por exemplo, a cultura ocidental que procura sempre tirar o melhor proveito da luz, e a cultura oriental que é quase obsessiva na procura da sombra criada pela luz (Loução, 2016).

“La situación, el clima y la cultura pueden determinar el uso y la posterior experiencia del color” (Holl, 2018, p. 23)⁸

O próprio conceito de luz influencia na totalidade o conceito da cor, na medida em que, a luz possui em si todas as cores e a sua reflexão influencia a visão que temos sobre as cores que conhecemos.

Segundo Shea (2003) lido em Moreira da Silva (2013) o valor da cor indica a quantidade de luz que uma cor reflete. Desta forma podemos unir o conceito luz com o conceito matéria dando origem ao conceito cor visto que, a interação da luz com a matéria origina a cor (Gibbs, 2009)

“(…) é importante considerar que o olho somente percebe um objeto devido à luz que o mesmo nele reflete e que a cor e a qualidade dessa luz variam em diferentes partes do mundo.” (Gibbs, 2009, p. 118)

⁷ “A luz natural, com a sua variedade de mudanças etérea define a intensidade da arquitetura e das cidades. O que os olhos veem e sentem os sentidos na matéria de arquitetura adaptam-se segundo as condições de luz e sombra.” - Tradução livre

⁸ “A situação, o clima e a cultura podem determinar o uso e experiência posterior da cor” - Tradução livre

Embora, por um lado a luz mais confortável seja a luz natural em que se torna difusa e mais suave, por outro a luz artificial é a mais fácil de controlar, criando espaços e ambientes, contrastes ideais para determinados espaços (por exemplo: locais de relaxamento), pode ser utilizada de forma decorativa, de forma pontual para glorificar algo que mereça destaque (Loução, 2016).

“O espaço interior elege, assim, o seu valor funcional ou simbólico através da luz e da matéria, configuradas a partir de uma ideia desenvolvida para acolher o Homem, na sua dimensão existencial.” (Loução, 2016)

O conceito de cor poderá ter diversos estudos, pois a cor é um elemento capaz de influenciar as emoções e de criar percepção distintas dos objetos (a partir da luz). É também um elemento que pode caracterizar um espaço, transmitir mensagens, transmitir sinais, transmitir alertas, fornecer orientações, indicar funções, que também podem ser atributos culturais, entre muitos outros casos em que a cor é fundamental e estudada (Mahnke, 1996).

“O aspeto psicológico da cor pode ser particularmente importante em um projecto (...). A cor pode induzir à calma em áreas potencialmente estressantes (...)” (Gibbs, 2009, p. 115).

De acordo com Moreira da Silva (2006) a cor interfere em tudo o que nos rodeia: na nossa alimentação, na nossa saúde, na nossa disposição e forma de estar, no nosso carácter, na forma de vestir, na forma como lidamos com o mundo metafísico, etc.

“Possui a capacidade de transmitir instantaneamente a atmosfera e o estilo e de criar efeitos visuais. Também é um dos primeiros aspetos percebidos em um ambiente. As pessoas podem não mencionar o esquema cromático de um projeto, mas, certamente, comentarão que um determinado ambiente é muito acolhedor, cálido, convidativo, limpo, espaçoso, elegante ou intimista – impressões diretamente provocadas pelas tonalidades de cor utilizadas” (Gibbs, 2009, p. 110).

Apesar da cor estar ligada à luz, como exposto anteriormente, em criar ambientes sendo que a sua tonalidade varia devido à sua saturação, a própria cor contém simbolismos diferentes apropriados a cada tipo de espaço, bem como à ideia de dimensão que nela está intrínseca. (Gibbs, 2009).

Por esse motivo é que o indivíduo associa determinadas cores a determinados espaços, por exemplo o branco é sempre associado a hospitais, embora nos dias de hoje se tente contrariar essa relação. Mas também essa mesma cor branca é relacionada com a dimensão do espaço, dado que quando a luz reflete no branco dá a sensação de um espaço maior. Já as cores azuis são ligadas aos espaços mais frios contrariamente aos vermelhos e laranjas, que são cores bastante fortes sendo associadas a espaços mais quentes.

Moreira da Silva (2013) cita Michel Lencaster “...a cor é a luz tornada visível através da interação com as superfícies de todos os tipos; são as superfícies, sejam opacas ou translúcidas, que formam a cor visível”.

O conceito da matéria é um pouco mais geral uma vez que é um objeto real e provavelmente o que é possível de controlar, dependendo da escolha da mesma. A matéria poderá ser delimitadora de espaços e ambientes, tal como poderá ser utilizada para intensificar um espaço.

“as imagens que surgem da matéria projetam experiências, recordações, associações e emoções mais profundas e significativas.” [Bachelard in -
(Pallasmaa, 2018, p. 41)]

A matéria pode ser aplicável a várias áreas de trabalho, mas, aplicando à arquitetura, podemos abordar a matéria em termos estruturais, decorativos, sustentabilidade e revestimentos. Neste último aspeto a matéria pode definir a luminosidade do próprio espaço ou do espaço envolvente. Os pavimentos claros no exterior fazem com que a luz seja refletida para dentro dos espaços e se uniformize a luz no seu interior.

“A caracterização das espacialidades passa pela estrutura, textura das superfícies, dos revestimentos, da luz (natural ou artificial), das relações forma/fundo, dos modos de aproximação e de leitura”

(Moreira da Silva, 2006, p. 4)

Desta forma, a matéria tona-se um elemento crucial para a definição dos espaços, estando inteiramente ligado com a incidência da luz, isto porque os materiais contêm inércias térmicas para causar sensações ao Homem, como por exemplo, as cores transmitem sensações frias e quentes assim como a madeira está intrinsecamente ligada ao quente e o metal está ligado ao frio.

“A cor, é uma das estruturas básicas do ambiente, que influencia directamente a qualidade de vida. Existem quatro factores para a percepção cromática: O primeiro factor é a iluminação; o segundo é o espectro de propriedades do material utilizado; o terceiro factor é o conjunto das outras configurações forma-fundo, dos elementos envolventes ao objecto em questão; e o quarto factor é a sensibilidade cromática do observador.”

(Moreira da Silva, 2006, p. 5)

Em suma, para projetar e harmonizar os espaços com um nível de conforto ideal para o Homem, é necessário culminar estes três conceitos.

2.4 INTERGERACIONALIDADE

A intergeracionalidade é um conceito bastante discutido ao longo dos anos, um pouco por todo o mundo, uma vez que tem vindo a aumentar a esperança média de vida e a diminuir a taxa de natalidade, fazendo assim com que não haja famílias tão numerosas como antigamente. Atualmente 70% da população ocidental vive mais de 65 anos e 40% mais de 80 anos. Conforme a análise feita pela Eurostat (2019), Portugal é o 9º país mais velho do Mundo. [Hamilton,2002 – lido em (Teiga, 2012)]. Em *Envelhecimento activo em Portugal* (2014) os autores referem “segundo dados da Eurostat, três em cada dez residentes em Portugal terão 65 ou mais anos em 2050” (figura 5).



Figura 5 -Ilustração que representa a intergeracionalidade

Este conceito é a junção do conceito *geração* com o conceito de *relações sociais*. Assim, intergeracionalidade significa relações/convivência de pessoas que se encontram em fases diferentes da vida, ou seja, ocorrem entre diferentes gerações sem que seja necessário ter uma relação familiar entre ambas. Segundo a Dr^a Ema, em *Jovens e Idosos* (1995) “a sabedoria dos mais velhos é em muito a sabedoria da vida”, assim estas relações possibilitam a troca de conhecimentos, ideias, visões e ensinamentos ganhos pelas inúmeras experiências de vida criando ao longo das gerações novas conceções sociais (Teiga, 2012).

“As relações Intergeracionais renovam opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas” Lopes apud (Teiga, 2012, p. 30)

Figura 6 - Intergeracionalidade em atividade artística, dos 7 aos 70 anos.



No entanto, não podemos restringir o conceito de intergeracionalidade apenas aos idosos e às crianças mesmo que seja o mais fácil de entender, pois estas relações poderão ocorrer entre indivíduos de gerações diferentes mesmo que próximas, isto é, quando se fala na geração dos anos 50 ou na geração dos anos 60 estamos implicitamente a intergeracionar duas gerações diferentes, sendo elas próximas, o que não significa que não haja troca de saberes (Teiga, 2012). Na figura 6 podemos ver um exemplo disso mesmo, onde no mesmo palco estão várias gerações visto que esta atividade artística intergeraciona pessoas desde os 7 anos de idade até aos 70 anos.

“a transmissão de saberes não é linear, ambas as gerações possuem sabedorias distintas, o que possibilita que se dê origem a uma história em comum, a partir da experiência de cada um, funcionando como uma via dupla, pois ambos ensinam e ambos aprendem” (Oliveira, 2011, p. 7)

No entanto, o grande problema do crescimento da sociedade é que permite o afastamento de muitas gerações impossibilitando a convivência entre os mesmos. Falando das gerações mais opostas como os idosos e os jovens, que é onde se nota a maior fragilidade e o maior afastamento entre os indivíduos, podemos afirmar que na atualidade

poucos são os jovens que se importam em partilhar momentos e saberes com os idosos.

Há uns anos atrás, cerca de 25/30 anos, o dia a dia de algumas famílias com filhos pequenos era arranjar uma “ama”, que por norma era uma senhora com os seus 60/70 anos de idade, para ficar com as crianças enquanto estas não poderiam frequentar a creche. Assim, estas senhoras já com a sua experiência de vida transmitiam conhecimentos, através de histórias baseadas em factos da sua própria experiência de vida ensinando às crianças saberes do quotidiano, rotinas diárias, entre outros. Atualmente é raro existir esse trabalho com essas mesmas condições, o qual criava ligações entre os mais velhos e os mais novos, conseguindo em pelo menos dois momentos do dia o confronto de três gerações diferentes. Atualmente, os mais velhos já não convivem tanto com crianças fora do seio familiar, perdendo a oportunidade de trocar conhecimentos e experiências. Por sua vez, as crianças tornam-se adolescentes sem ligações, sem saberes e sem essas mesmas vivências, levando assim os idosos à solidão. Aqueles idosos que não se deixam remeter à solidão combatem diariamente com outras realidades, isto é, muitos dos idosos que têm gosto em partilhar os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas histórias de vida com os mais novos, deslocam-se a locais de atendimento ao público, à prática do desporto (figura 7), ou até mesmo a uma simples paragem de autocarro que tenham jovens adultos para poder ter o prazer de cinco minutos de conversa, aproveitando qualquer instante para dialogar sobre



*Figura 7 -
Intergeneracionalidade em
atividade artística*

qualquer tema, até apenas sobre as condições climáticas do dia, comparando-as ao passado, contando as suas aventuras de juventude ou já de idade adulta, etc.

Contudo, a própria cidade e sociedade atual, procura ter espaços diferentes para cada faixa etária, não permitindo assim a relação entre os idosos e os jovens. Apesar de, por vezes, facilitar a vida quotidiana de cada indivíduo, vem afastar as hipóteses de intergeracionalidade. Isto porque cada vez se depende mais da inovação tecnológica, do conhecimento e criatividade empírica dessa inovação. A velhice, que apesar de ser reconhecida muitas vezes como a geração da sabedoria e do conhecimento, nos dias de hoje poucos são os que acompanham esse conhecimento atual, perdendo assim o “estatuto” de sábios devido à falta de estimulação intelectual e comunicativa. Desta forma, embora este mundo tecnológico tenha ajudado em muitos aspetos quotidianos na vida dos idosos, também veio afastar as diferentes idades, bem como gerar o isolamento dos mesmos. Tal acontece porque, no passado, as relações entre os indivíduos surgiam naturalmente, uma vez que a vida era feita mais em convívio, enquanto que atualmente, a sociedade depende de toda essa tecnologia fazendo com que não haja tempo para as pessoas se relacionarem (Cantinho, 2018).

Porém, desde os anos 60/70 que se começou a perceber o início dos preconceitos, comportamentos negativos, atitudes menos boas perante a sociedade e entre as gerações. Por consequência dessas mesmas atitudes foram criados programas Intergeracionais.

Os Estado Unidos da América foram os pioneiros neste tipo de programas embora já esteja espalhado por todo o mundo. Estes programas surgem como estratégias para solucionar os problemas sociais entre as gerações, cada vez mais agravados no decorrer das décadas, por exemplo:

- *"The granded program* - desenvolvido na Suécia em que o objetivo era que o idoso estivesse mais próximo de crianças em processo de formação. Para isso, idosos voluntários deslocavam-se às escolas para realizarem diversos trabalhos de apoio como a preparação do local para comemorações, auxílio na elaboração e organização de atividades lúdicas e resolução de conflitos existentes.

- *Experience Corps*: este programa dá a possibilidade aos idosos de dedicarem o seu tempo a melhorar as capacidades de leitura e escrita de crianças que se encontram na educação primária. Para além da relação que se cria entre as gerações, este apoio auxilia as crianças a participarem de forma ativa na sua vida escolar evitando situações de exclusão.

- *Parque: lugar com histórias e naturezas para socializar* – (...) desenvolvido na cidade de Aveiro, no Parque Infante Dom Pedro. O principal objetivo deste projeto era o de unir cidadãos de todas as idades para servir a comunidade com a revitalização do local, demonstrando e reforçando as práticas intergeracionais e agregando cidadãos em torno de uma ação coletiva." (Anon., 2017)

A declaração de Québec sobre a solidariedade intergeracional escrita por Jean Paul (1999) realça a necessidade de criar e solidificar relações harmoniosas e produtivas entre as gerações (figura 8).

Segundo Teiga (2012) em 2000, a Unesco elaborou um relatório sobre os benefícios individuais e sociais da troca de experiências entre as gerações, do qual defende que os programas intergeracionais são os instrumentos para a inclusão social.

*Figura 8 -
Intergeracionalidade em
atividade artística*



As atividades Intergeracionais procuram minimizar o envelhecimento e aumentar o crescimento e desenvolvimento dos mais jovens (figura 9 e 10). Estas consistem em troca de saberes, inclusão do idoso na sociedade moderna, atividades de ambas as gerações, atividades físicas em comum, atividades artísticas, despertar curiosidades nos mais novos sobre a vida ou por alguma atividade descontinuada, entre outras. Para que tal aconteça é necessário a criação de espaços que possibilitem essas atividades de lazer e cultura. (Cabral & Ferreira, 2013, p. 106)

*Figura 9 - à esquerda,
atividades de partilha*

*Figura 10 - à direita,
atividades de partilha entre
várias gerações, dos 7 aos 60
anos*



2.5 HABITAÇÃO E CONTEMPORANIEDADE

O conceito de habitação tem sofrido alterações desde a pré-história até aos dias atuais visto que, desde essa época o Homem tem a necessidade de se proteger de fenómenos meteorológicos, das ameaças dos inimigos e dos animais selvagens. Nessa época eram construídos abrigos com o material existente, como por exemplo areia, madeira, palha, entre outros, fazendo com que mais tarde, fossem estudados e melhorados como materiais estruturais para as habitações (Peres, 2018).

“Harmonizar dois ou vários espaços, tornando-os congruentes e escolher um tipo de relação entre uns ou outros, o que confere medida ao edifício.” (Loução, 2013)

A forma mais comum de abordar a habitação é falar no conceito casa, sendo que desde sempre foi um espaço privado, apesar de em muitas ocasiões passadas ser também um local de lazer e convívio.

Quando se fala em habitação ou em casa, é necessário perceber que existem várias tipologias e que as mesmas também sofrem alterações consoantes as épocas e as necessidades.

Segundo o Eng. Leite (1950), nessa época os tipos de habitação eram divididos em 5 conceitos:

a) Casas desmontáveis: moradias unifamiliares de carácter provisório, subsidiadas pelo Estado.

b) Casas para famílias pobres: moradias unifamiliares subsidiadas pelo Estado.

c) Casas económicas: moradias unifamiliares, construídas pelo Estado de propriedade resolúvel e cuja renda também inclui seguros em caso de morte, invalidez, doença e desemprego.

d) Casas de renda económica: habitações construídas por instituições de previdência, sociedades cooperativas ou anónimos,

entidades patronais ou outras idóneas de direito privado e com limites de renda fixadas por lei.

e) Casas de renda limitada: habitações construídas por particulares com limite superior de renda fixado antes do início da construção.

“Importa refletir sobre os novos critérios de Habitar, bem como o significado de “inovação” nos espaços contemporâneos (...) dos novos modelos de famílias, das minorias e imaginação, exigindo uma reflexão sobre as relações entre o habitar convencional e os novos estilos de vida” (Loução, 2016)

Presentemente, referimo-nos à habitação com outros conceitos como: Moradia, Habitação Social (domínio do Estado), Condomínios (domínio privado), Apartamentos.

“A família nunca foi tão mutável como na contemporaneidade e tem exigências de conforto e de funcionamento que apesar da técnica e ciência aparentemente poderem satisfazer, continuam ausentes da grande maioria dos edifícios de habitação que hoje realizamos em Portugal” (Fernandes & Cannatà, 2003, p. 8)

A casa é o local de retiro familiar, um local de encontro familiar, de memórias, onde se depositam as características pessoais como os gostos, as ideias estéticas e onde as pessoas iniciam e terminam a vida quotidiana, assumindo-se como um espaço privado (Peres, 2018).

“Además de nuestras necesidades físicas y corporales, también deben organizarse y habitarse nuestras mentes, recuerdos, sueños y deseos.”

(Pallasmaa, 2016, p. 8)⁹

⁹ “Para além das nossas necessidades físicas e corporais, também devem organizar-se e viver as nossas mentes, recordações, sonhos e desejos.”

“El habitar se entiende habitualmente en relación com el espácio (...)”

(Pallasmaa, 2016, p. 9)¹⁰

Os espaços habitacionais evoluíram à medida dos anos, originando novas formas de habitar, novos espaços e novas tipologias derivando uma nova vivência do espaço que corresponde à nova cultura. Em simultâneo, vive-se um período de grandes problemas habitacionais fazendo com que se perca a vivência tradicional de cada espaço, isto porque o espaço o qual chamamos de casa e onde construímos o nosso próprio “mundo” deixa de ter características tão próprias. O responsável deste problema habitacional deriva na constante subida de valores tanto ao nível de compra como no arrendamento relacionado com a sobremodernidade¹¹ e com o aumento do turismo. Numa maneira geral, abordar este assunto revela que a vida quotidiana do indivíduo mudou ao mesmo tempo que a própria cidade crescia, onde o termo “casa” passou a ser um lugar de recolher, um dormitório, e não um lugar de memórias e significados.

“Los edificios, los pueblos y las ciudades dan a ese espácio sin sentido un significado experiencial y existencial (...). Y lo que es más importante, la arquitectura es también una extensión y exteriorización de la memoria.”¹²

A vida económica do país fez com que a população andasse em constante mudança de casa, isto porque, atualmente as casas em maioria são arrendadas por não haver poder de compra, e ainda assim os valores habitacionais de arrendamento estão em constante

¹⁰ “Habitar entende-se habitualmente em relação com o espaço.”

¹¹ “Sobremodernidade” - (Augé, 2012)

¹² “Os edificios, o povo e as cidades são a esse espaço sem sentido um significado experiencial e existencial (...). E o é mais importante, a arquitetura é também uma extensão e exteriorização da memória.”

aumento e a serem bastante inflacionados. Esta questão tem sido investigada de diversos modos incluindo os Mídea onde revelam diferenças de percentagens de um ano para o outro, isto é, no final do ano 2018 deu-se um aumento de 6,6% (em média), que corresponde atualmente a 4,306 euros/m² na zona de Lisboa e onde ainda se previu um aumento para 2019 de 1,15%, registando assim um novo máximo comparativamente aos anos anteriores (Público, 2018). Este problema concentra-se sobretudo nos centros das grandes cidades, e em algumas periferias, levando à gentrificação da população tornando o acesso à habitação nesses locais um privilégio.

Devido a este problema habitacional foram criadas novas maneiras de viver, onde a casa passa a ser de passagem e não de permanência, dando origem ao paradigma de Habitação Temporária.

Por Habitação Temporária entende-se que o tempo de vivência é reduzido, associado a quem necessita de um espaço habitacional fixo, embora flexível, e que cada espaço seja maximizado. Este tipo de habitação normalmente é pensado para um público desconhecido, onde muitas vezes apenas sabemos as faixas etárias que irão vivenciar esse espaço ou o motivo pela qual necessitam temporariamente de habitação. Na cidade atual existem inúmeros casos de habitação temporal, desde residências para estudantes, investigadores que passam temporadas a estudar ou investigar algo concreto, artistas, residências para idosos, residências para famílias que financeiramente não conseguem adquirir casa permanente, etc. Nesta linha de pensamento podemos afirmar que a habitação temporária utiliza premissas conceituais da habitação mínima associadas à flexibilidade dos espaços, isto é, esses mesmos espaços podem ter duplas funções seja para determinadas horas do dia, como para determinados usos recorrendo assim ao mobiliário para dar a possibilidade de transformação do espaço. Assim, em muitos

casos o espaço de dormir é fundido com o espaço de estudar sendo que o mesmo espaço seja igualmente a zona de estar, bem como a ligação da zona de confeitaria/refeição e a zona de instalações sanitárias. Essas associações dão origem ao paradigma de módulo.

A habitação temporária também é associada muitas vezes à vivência em comunidade, por esse motivo é que este tipo de habitação é maioritariamente redirecionado para residências, que em termos programáticos estão previstos os espaços sociais, igualmente flexíveis como as habitações que estimulam as interações entre pessoas.

Concluindo, a habitação temporária tem ganho maior importância na Cidade por adaptar novos tipos de vivência mais flexíveis.

3. CASOS DE ESTUDO

Os casos de estudo para o Projeto Final de Mestrado serão inicialmente sobre o programa a desenvolver, procurando estabelecer ligações entre residências seniores e residências para jovens, como residências universitárias. De seguida analisar casos de estudo onde está presente a flexibilidade da habitação temporária. Assim, pretende-se entender melhor esta maneira de habitar em sociedade com o conforto necessário para todas as idades, tornando assim, residências inclusivas.

Os próximos exemplos tornam-se importantes nessa fase de investigação de casos de referência na medida em que é possível compreender as diferentes necessidades de ambas as faixas etárias bem como o programa necessário para cada uma.

3.1 - RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA ULISBOA

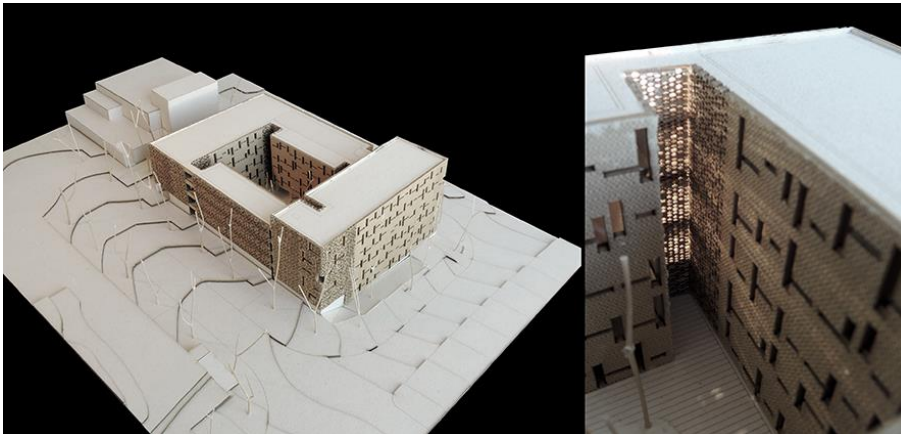


Figura 11 - Residência Universitária ULisboa, Atelier CVDB

Este projeto localiza-se no Pólo Universitário da Ajuda, mais propriamente, junto à cantina e à Faculdade de Arquitetura, pertencendo ao Atelier CVDB, Arquiteto Diogo Brunay e Cristina Veríssimo, com a colaboração do Arquiteto João Pernão nos estudos de cores e materiais.

O projeto da residência universitária da Universidade de Lisboa, ainda em fase de construção, (7mil m²) vai de encontro com o programa que será estabelecido na Proposta Final de Mestrado, isto porque este caso de estudo visa a entender os espaços necessários e as suas organizações face aos estudantes, bem como uma ligação com a envolvente próxima já consolidada. A residência propõe 306 camas e 4 corredores, cada um deles tem uma cor (vermelho, laranja, azul e verde) igual ao acesso vertical dessa mesma ala, assim a cor transmite uma orientação espacial no edifício. No cruzamento de corredores estão os espaços comuns/sociais. Para todos estes espaços, seja os de passagem ou os de permanência foram escolhidos materiais de revestimento bem como as suas próprias cores de acordo com a sensação que se queria transmitir em cada espaço. A orientação dos

Figura 13 - Piso 0, residência ULisboa

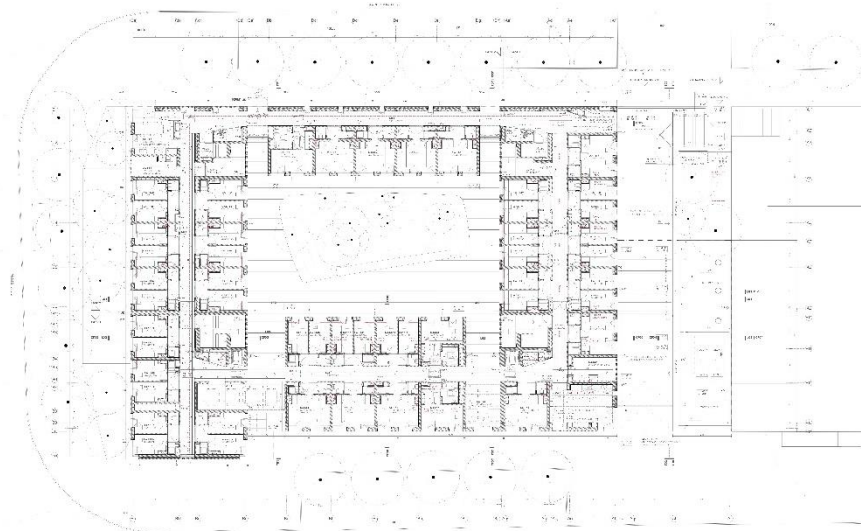
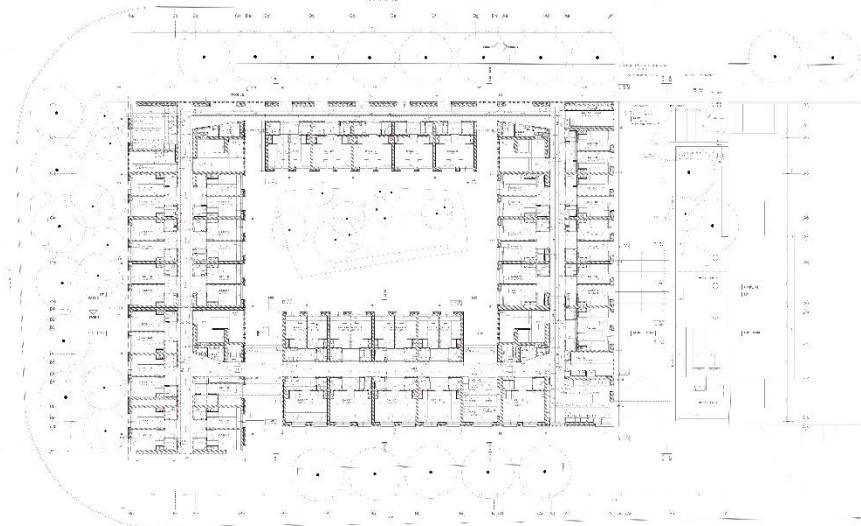


Figura 12- Piso 1, residência ULisboa



vãos foi também uma premissa para os arquitetos, assim a direção que o vão impõe é de acordo com o desenho arquitetónico do espaço interior, por exemplo, na maioria das vezes que o vão é horizontal está implícito que naquele espaço se encontram secretárias, como poderemos ver na figuram 14.

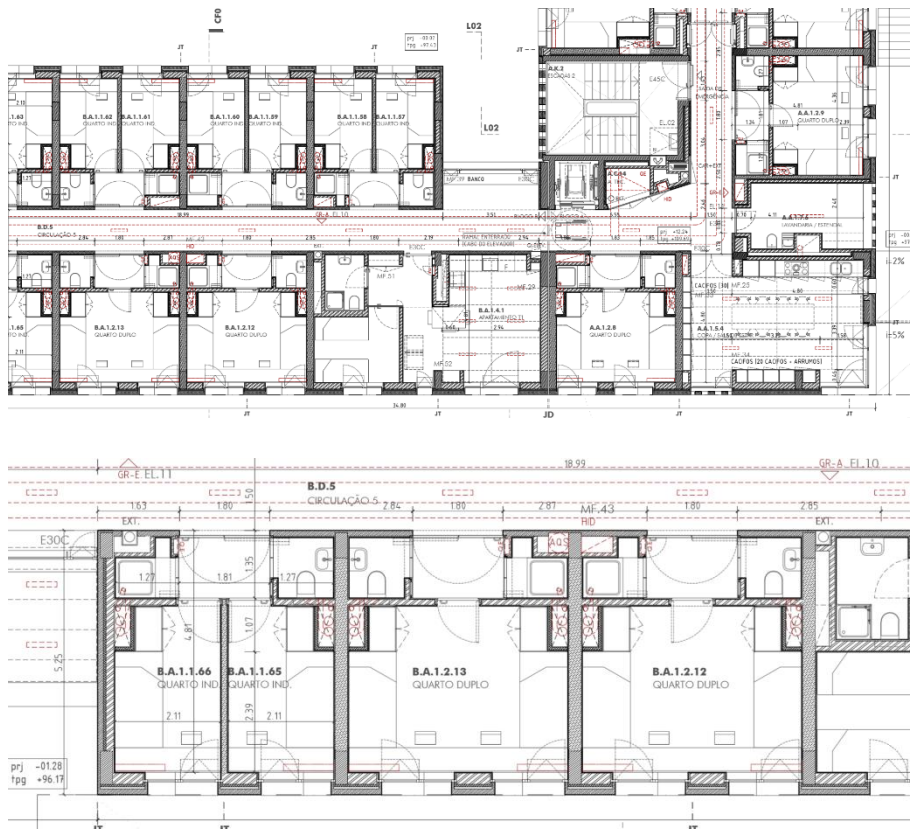


Figura 14-Piso 3, quartos e zonas comuns da residência ULisboa

Este projeto para além da componente habitacional introduz também uma requalificação urbana, ainda que maioritariamente no interior do edifício, sendo estas estratégias as que se pretendem utilizar no programa do Projeto Final de Mestrado.



Figura 15 - Ilustração da entrada da residência ULisboa

3.2 – CENTRO DE APOIO À TERCEIRA IDADE

Este edifício localiza-se na Estrada de S. Marçal, Portela de Carnaxide, pertencendo ao Atelier CVDB, Arquiteto Diogo Brunay e Cristina Veríssimo.



Figura 16 - Centro de Apoio à terceira idade, Atelier CVDB



Figura 17 - Centro de Apoio á terceira idade, Atelier CVDB - Cor no espaço Arquitetónico

O projeto do Centro de Apoio à Terceira idade, vai de encontro com parte do programa que será estabelecido na Proposta Final de Mestrado, isto porque este caso de estudo visa a entender os espaços necessários e as suas organizações face aos idosos, bem como uma ligação com a envolvente próxima já consolidada. A residência propõe 60 fogos distribuídos em duas bandas, sendo que o corredor de

distribuição apresenta vazios propositados dando origem a momentos de interação social.

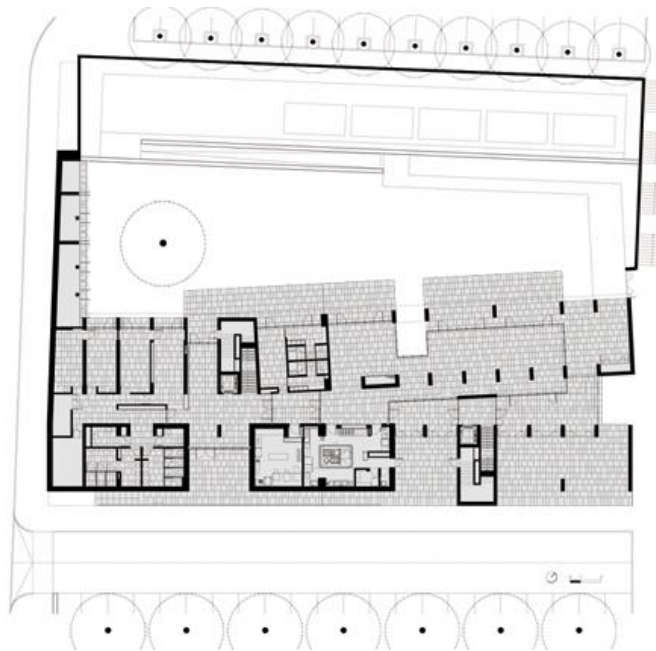


Figura 18 - Piso 0, Centro de Apoio à Terceira Idade



Figura 19 - Piso 1, Centro de Apoio à Terceira Idade



Figura 20 - Piso 2, Centro de Apoio à Terceira Idade

Figura 21 - Piso 3, Centro de Apoio à Terceira Idade

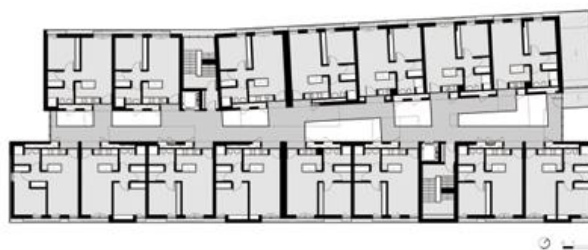
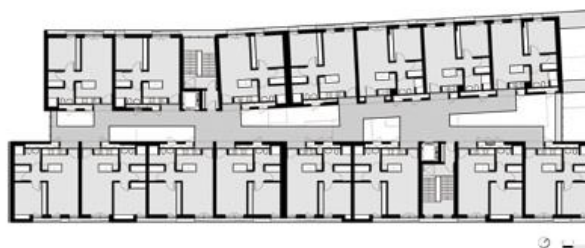


Figura 22 - Piso 4, Centro de Apoio à Terceira Idade



Assim, este caso de estudo visa entender os espaços necessários e as suas organizações face aos idosos, sendo estas estratégias as que se pretendem utilizar no programa do Projeto Final de Mestrado. Ainda neste projeto, é perceptível o uso da cor como elemento do espaço arquitetónico, relacionado com a direção que o edifício apresenta, fazendo com que as cores estabeleçam sensações térmicas.



Figura 23 - Centro de Apoio à terceira idade, Atelier CVDB - Cor no espaço Arquitetónico

3.3 –RESIDÊNCIA SÉNIOR, ALCABIDECHE



Figura 24 - Residência Sénior em Alcabideche, Atelier Guedes Cruz Architects

Este projeto localiza-se em Alcabideche, Cascais, pertencendo ao Atelier Guedes Cruz Architects.

O projeto residência sénior vai de encontro a parte do programa na medida em que é uma residência para idosos que será estabelecido no Projeto Final de Mestrado, isto porque neste caso de estudo esta é uma residência peculiar, por ter sido construída uma pequena cidade para que os idosos sintam que têm a sua própria casa, como também é utilizada a cor como diretrizes de emergência e indicação. Assim, mostramos mais uma vez que as cores podem ser usadas com vários significados.



Figura 25 - Residência Sénior em Alcabideche, Atelier Guedes Cruz Architects

3.4 – CONTAINER TEMPORARY HOUSING, ONAGAWA, JAPÃO

Este projeto situa-se no Japão e contrariamente aos exemplos anteriores, este caso de estudo vem refletir a flexibilidade da habitação. Foi projetada pelo atelier Shigeru Ban Architects para 182 famílias que ficaram desalojadas, devido a desastres naturais.



Figura 26 - Plantas das habitações

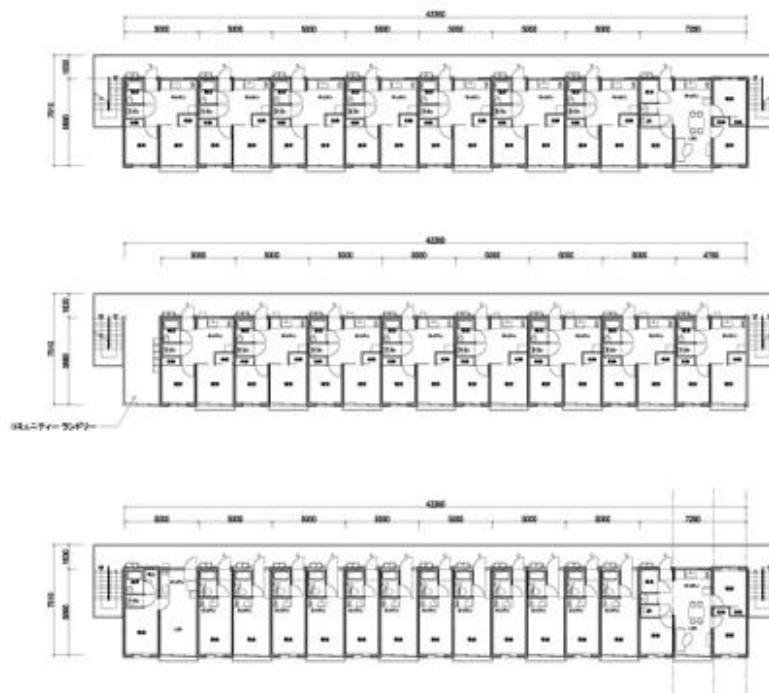


Figura 27 - Plantas de conjunto das unidades habitacionais

Neste projeto existe um espaço polivalente que tanto serve de espaço de estar como de espaço de dormir e tem possibilidade de ser fechado por um painel, no meio módulo encontram-se as instalações sanitárias e pequenos arrumos.



Figura 28 - Ilustração de exemplo de uma das habitações

Este caso de estudo vem dar apoio ao Projeto Final de Mestrado na medida em que se estuda as dimensões mínimas de vivência fazendo de um pequeno espaço habitacional flexível para vários usos, bem como a flexibilidade do mobiliário em se adaptar às várias vivências e horas do dia.

3.5 – SONGPA MICRO HOUSING

O projeto Songpa Micro Housing é da autoria do atelier SsD Aechitecture situado em Seul, Coreia do Sul.

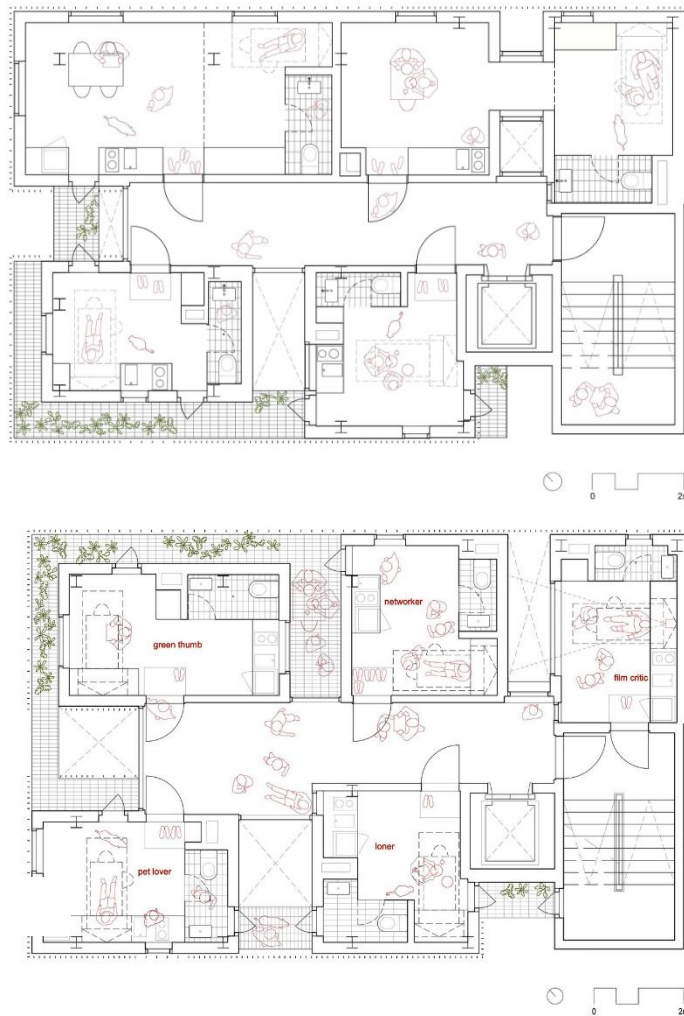


Figura 29 - Plantas representativas dos diferentes usos possíveis

O complexo é formado por 14 unidades habitacionais flexíveis umas com cerca 11m² e outras com cerca de 20m². São habitações pequenas e simples embora cada morador possa adaptar o espaço como queira e a seu gosto, tendo ainda a possibilidade de espaços comuns entre os habitantes (figura 28).



Figura 30 - Interior de uma das Habitações

Este caso de estudo vem dar apoio ao Projeto Final de Mestrado na medida em que se estuda que o mesmo compartimento pode ser organizado de maneiras diferentes utilizando também mobiliário que sirva de definidor de espaço, fazendo com que uma pequena divisão consiga albergar vários usos.

4. ANÁLISE

4.1. A AJUDA E O LARGO DA BOA HORA

A Ajuda, pertence à zona ocidental do distrito de Lisboa, Portugal, é uma freguesia que se situa entre o Rio Tejo e a Serra de Monsanto. A origem desta freguesia, dita a lenda, deriva das peregrinações à Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, apontadas para o ano de 1587, sendo que só em 1762 é que passou a pertencer ao Concelho de Lisboa. Foi nesta freguesia que a corte portuguesa se instalou após o Terramoto de 1755, na chamada Real Barraca, posteriormente deu origem a construção do Palácio da Ajuda no mesmo local.

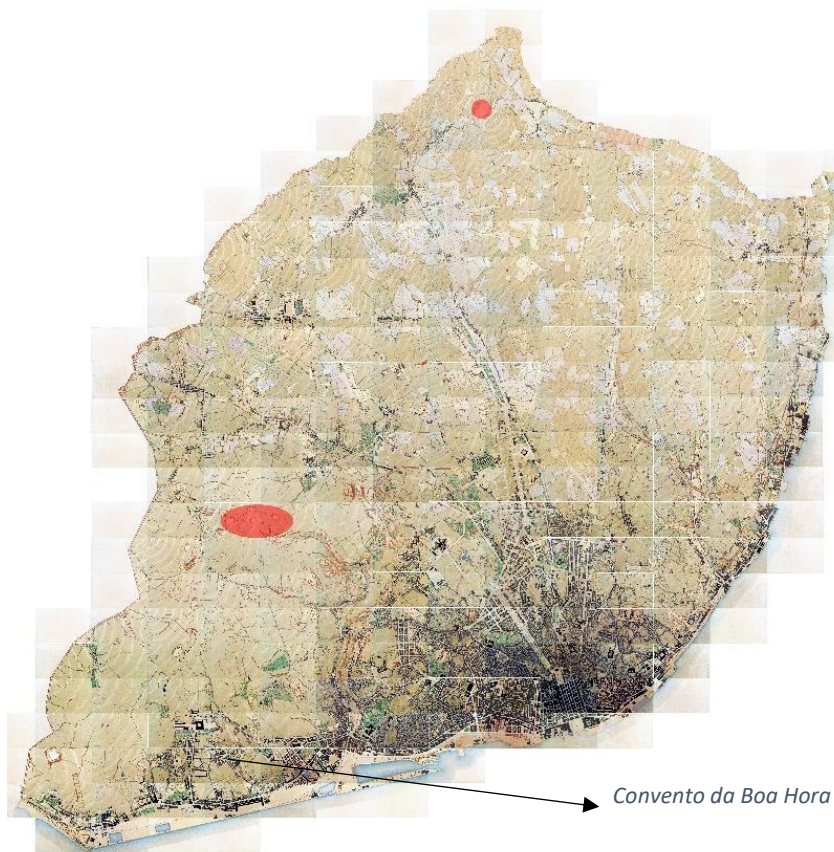


Figura 31 - Cartografia Silva Pinto 1901-1911

A cidade de Lisboa ao longo dos anos tem vindo a sofrer bastantes alterações por diversos motivos. O nível da água foi descendo dando mais terra para a construção da cidade, sendo que as grandes mudanças aconteceram após o terramoto de 1755, onde se estabeleceram regras urbanas (figura 30).

Figura 32 - Cartografia Silva Pinto 1911



As primeiras plantas históricas do local de intervenção datam 1911, da autoria de Silva Pinto, denotam uma cidade pouco edificada, embora com linhas do tecido urbano bem definido. Analisando a cartografia consegue-se perceber que esse tecido urbano se direciona sempre para os largos da cidade.

O local de intervenção é o Antigo Hospital Militar de Belém que se situa na Travessa da Boa-Hora, que é perpendicular à Calçada da Boa-Hora e paralelo à Calçada da Ajuda, sendo considerado um dos eixos principais da Cidade.

Figura 33 - Cartografia atual, 2019



Atualmente esta área carece de melhoramento urbano, tendo sido estudada e avaliada pela Câmara Municipal de Lisboa dando origem a que o Largo da Boa Hora pertença ao projeto “Uma Praça Por Cada Bairro”. Os arquitetos desse projeto fizeram uma análise SWOT identificando os principais problemas da área:

- Passeios em mau estado;
- Dimensão dos passeios;
- Localização das passeadeiras;
- Zonas de convívio social;
- Estacionamento;
- Espaços verdes;

Estes são os principais problemas da área que serão propostos na intervenção urbana, de modo a dar mais dinamismo a esta zona da cidade.

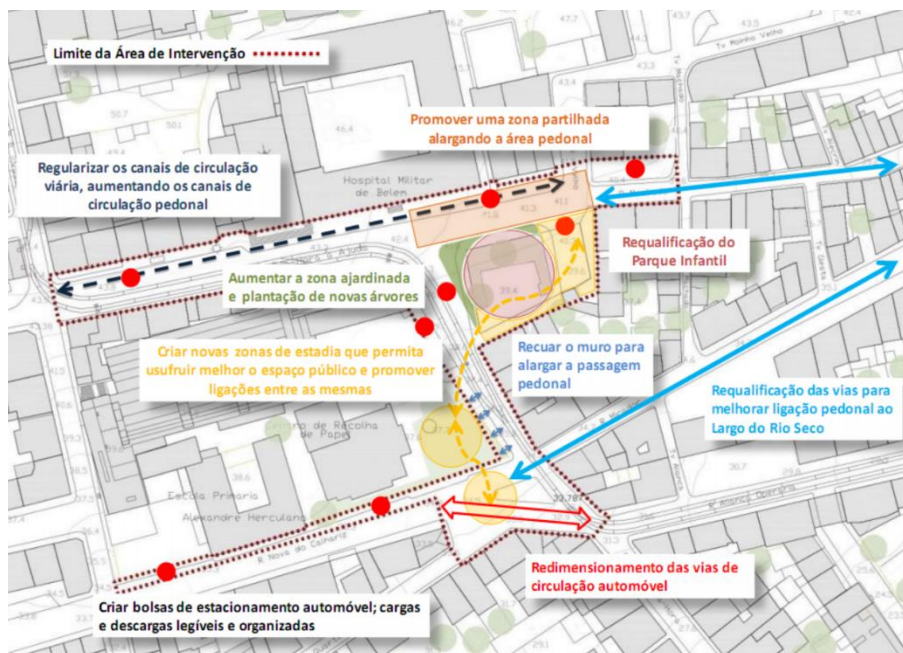


Figura 34 - Esquema dos melhoramentos propostos no projeto “Uma Praça por Cada Bairro”

4.2. O HOSPITAL MILITAR

O objeto arquitetónico em estudo é o Antigo Hospital Militar da Boa-Hora, mas para se fazer uma breve análise é necessário recuar no tempo até à data em que este edifício ainda era o Convento de Nossa Senhora da Boa-Hora, localizado na Travessa da Boa-Hora, perpendicular à Calçada da Boa-Hora.



Figura 35 - Igreja e fachada principal do Convento da Boa-Hora, 1943



Figura 36 - O Largo da Boa-Hora à Ajuda em 1943

O convento da Nossa Senhora da Boa-Hora fora de arquitetura religiosa seiscentista e setecentista e pertencia aos Ermitas Descalços de Santo Agostinho (masculino) desde 1677, embora esta ordem religiosa se tenha estabelecido em Portugal em 1633 por D. Luís de Castro.



Figura 37 - à esquerda escada existente ala poente; no meio, corredor preservado ala nascente; à direita, corredor preservado ala sul.

Em novembro de 1755 deu-se o grande terramoto na cidade de Lisboa seguindo-lhe o grande incêndio que deixou um rasto de destruição, e o convento não foi exceção. Foi necessário reerguê-lo praticamente de raiz, o plano do Convento foi elaborado por Eugénio dos Santos (1758). Assim, o Convento apresenta uma planta quadrada com articulação de três naves retangulares e com o corpo da igreja, em torno do claustro retangular.

Em 1834 foram extintas as ordens religiosas, ficando assim o convento e a igreja a pertencer à Paróquia da Nossa Senhora da Ajuda. Posteriormente a esse acontecimento, em janeiro de 1890 o convento é ocupado pela Brigada da Região Militar de Monsanto e Queluz, passando a ser Hospital Regimental da Infantaria nº1, denominado de Hospital de Campanha Imobilizado. Em 1899 o Hospital, que era um estabelecimento de assistência hospitalar do Exército Português que funcionava como Centro Militar de Medicina Preventiva, passa a instituição hospitalar autónoma (até 1926), especializando-se em doenças infectocontagiosas. No início do século XX, o hospital volta a mudar de nome, tornando-se assim o Hospital Militar de Belém.

Em 1972 erguia-se um novo bloco hospitalar no topo nascente da antiga cerca conventual. Assim em 2006, o Hospital tinha 3 tipos de serviços de internamento: infeciologia, oncologia médica e pneumologia. Em agosto de 2012 o Ministério da Defesa Nacional cria o Polo de Lisboa do Hospital das Forças Armadas extinguindo assim o Hospital Militar de Belém, entre outros. Assim o Hospital Militar fica devoluto, ainda que em 2013 tenha sido classificado como monumento de interesse publico.



Figura 38 - à esquerda, entrada principal do Hospital Militar; Azulejo a preservar devido à teoria de valor. À direita, intervenções feitas pelos militares em algumas das paredes do convento;

Entre 1890 e 2012 o Hospital Militar foi sofrendo alterações internas de adaptabilidade, foram danificadas heranças do próprio convento, maioritariamente na ala norte, onde apenas restaram as paredes estruturais e os arcos. Atualmente podemos verificar que muitas dessas adaptações não foram bem-sucedidas na medida em que o edifício está em esforço estrutural, bem como algumas destruições nas paredes estruturais (figura 36). Ainda assim, o edifício está em hipótese para ser cedido para Hospital de Cuidados Continuados, onde os militares terão usufruto.



Figura 40 - conjunto de fotografias do exterior do Hospital Militar de Belém



Figura 39 - conjunto de fotografias das intervenções no Hospital Militar de Belém



Figura 41 - Fachada norte do Hospital Militar de Belém, esforço estrutural

5. PROJETO

“Não há nenhuma cidade, assim, que subitamente se torne secreta”
(Eugénio de Andrade, Mural no Porto)

5.1 PROGRAMA

Perante a realidade descrita no capítulo da análise, ficou expresso que esta área da freguesia da Ajuda carece de alguns problemas que necessitam de intervenção. Dado que a Câmara Municipal de Lisboa já tem um projeto aprovado para o Largo da Boa hora decidiu-se manter as premissas principais desse plano e adaptar consoante a intervenção feita no edifício do Antigo Hospital Militar.

Quanto ao objeto arquitetónico, a intervenção já será maior dado que irá refletir algumas das soluções que se achou necessário para responder aos problemas da área. Como tem vindo a ser referido ao longo deste documento e em maior pormenor na exemplificação dos casos de estudo, o intuito para este edifício será a criação de residências temporárias tanto para jovens como para idosos de modo a promover a intergeracionalidade.

O principal problema desta zona é a gentrificação, dada a população envelhecida, e a grande procura dos jovens por habitação temporária. Assim sendo, pretende-se que nessas residências, além da habitação temporária nela inerente, contenha também espaços coletivos, áreas de atividades e zonas de lazer.

O maior desafio deste programa será unir os jovens com os idosos de forma coerente no mesmo corpo edificado para que exista uma mistura de gerações em toda a parte do edifício sem que seja necessário separá-los por alas.

5.2 INTERVENÇÃO URBANA

A área de intervenção urbana, como referido no sub-capítulo anterior, será maioritariamente a proposta inserida no projeto “Uma Praça por Cada Bairro”, embora sofra algumas adaptações. Assim, esta área está inserida entre a Calçada da Boa Hora, a Rua D.Vasco, a Rua Guarda Jóias

e a Travessa Guarda Jóias. Dentro destes limites iremos encontrar marcas de um passado como a própria malha urbana, património (Igreja e antigo Convento), a diferença significativa de cotas do território e a antiga cerca da cidade.

No seguimento das visitas ao local foi possível verificar os problemas descritos no capítulo anterior ao nível do carácter da zona, bem como a vivência deste espaço.

Denotou-se que é uma zona de bastante movimento, com imensa vivência tendo em conta os equipamentos que se inserem (mercado, igreja, etc), criando fluxos pedonais frequentes e intensos. Verificou-se também uma grande afluência aos transportes públicos que fazem o seu percurso nestas vias.

Assim a proposta urbana tem como premissas:

- Melhorar a qualidade do espaço público;
- Aumentar o espaço pedonal;
- Promover a apropriação dos espaços públicos pela comunidade;
- Estacionamento;

Após essa análise no local e análise da proposta aprovada na Câmara, procedeu-se ao desenho do plano com as devidas adaptações.

ESPAÇOS DE ESTADIA

Embora atualmente exista no Largo da Boa Hora um espaço de carácter público, este encontra-se pouco funcional para a população existente. Assim, seguindo as premissas referidas anteriormente, esta intervenção passa por criar três espaços de carácter público envolvendo áreas verdes. Uma é no próprio Largo da Boa Hora onde se propõe a criação de um quiosque com esplanada, duas zonas de estadia com mobiliário urbano e a apropriação do parque infantil existente. Com isto pretende-se um uso mais ativo do próprio Largo, promovendo a

intergeracionalidade da população que habita na área bem como todos os indivíduos que frequentem os equipamentos envolventes.



Figura 42- Ilustração projeto "Uma Praça por Cada Bairro", Largo da Boa Hora

O outro espaço situa-se junto ao jardim do mercado, que tem a sua entrada pela Calçada da Boa-Hora. Através do Jardim foi criado um novo acesso para a Rua Nova do Calhariz que liga a este novo espaço de estadia. Dado que o Chafariz existente denota um marco histórico foi alargado a zona de passeio de modo a criar uma zona de estar com mobiliário urbano.



Figura 43 - Ilustração projeto "Uma praça por cada Bairro", Zona de estadia chafariz



Figura 44 - Ilustração projeto "Uma praça por cada Bairro", Planta urbana proposta

O terceiro espaço de carácter público não foi proposto no projeto “Uma Praça por Cada Bairro” sendo que já se encontra “dentro” da área em que se elaborou a proposta de intervenção para o PFM. Este espaço é possível devido à demolição de edifícios devolutos neste sítio, que não tinham valor para que não se pudessem demolir. Assim, este novo espaço propõe não só a zona de estar como também uma zona de estacionamento para mobilidade reduzida, sendo que apenas nessa condição poderão passar com os veículos para essa área. O desenho urbano para este local pensado para criar dinamismo ao mesmo tempo em que se atravessa o jardim que possibilitando um acesso tanto a uma das entradas do edifício como na passagem para a Rua Guarda Jóias. Este dinamismo é criado não só pela inclinação existente no terreno que se quis manter propositadamente, como pela criação de mobiliário urbano alternado com uma espécie de canteiro elevado.

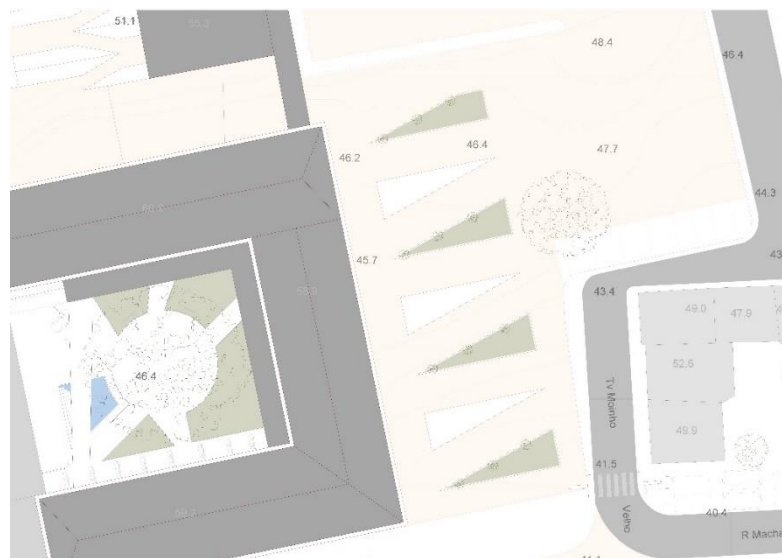


Figura 45 - Proposta urbana

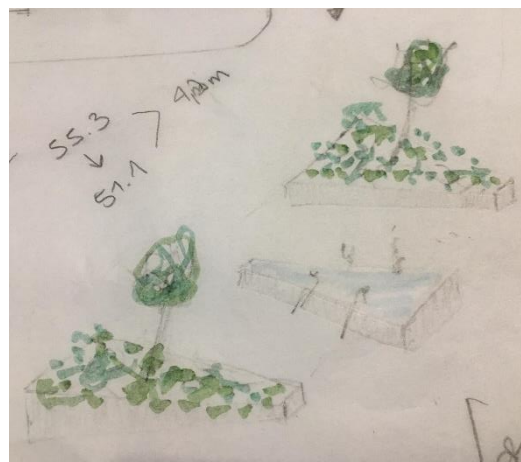


Figura 46 - Pormenor do Jardim elaborado

Neste local encontra-se uma das árvores classificadas como património, pois já é centenária, por esse motivo não pode ser mexida nem movida.



Figura 47 - Fachada existente com vista para as duas árvores classificadas

Todas estas zonas de estadia serão pavimentadas com microbetão de tom claro de modo a definir os troços pedonais, bem como o troço que divide o Largo da Boa Hora com a zona de estar dentro da área de intervenção, assim essa parte deixa de ter acessos de veículos, excepto para moradores, e consegue-se melhorar a rede viária desta área urbana.

REDE VIÁRIA

Num modo geral a rede viária mantém-se a mesma, apenas sofre pequenas alterações devido ao planeamento dos troços pedonais e dos espaços de estadia.

Na Rua Nova do Calhariz aquando a criação do espaço de estadia foi “roubado” à estrada um troço da mesma fazendo com que a via tivesse de contornar esse mesmo espaço, deixando assim de existir um cruzamento viário, originando uma nova maneira de de entrar na calçada.

Outra alteração na rede viária é na Travessa Nova de D. Vasco, que se propõe a abertura da via que atualmente é uma rua sem saída, para um estacionamento que por consequência faz a ligação à Travessa Guarda Jóias.

Pretende-se com estas pequenas alterações uma melhor organização do fluxo de veículos, harmonizando uma zona histórica.

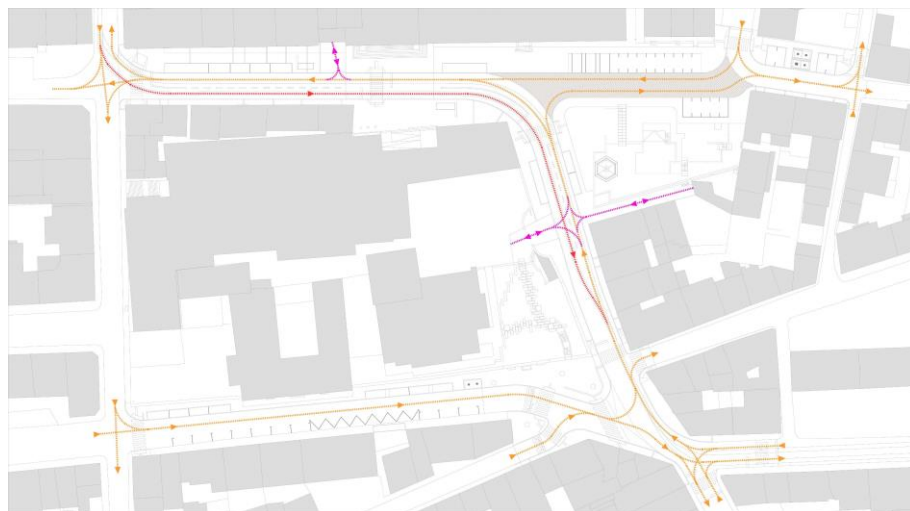


Figura 48 - Ilustração projeto "Uma praça por cada Bairro", organização viária

ESTACIONAMENTO

Ao nível do estacionamento, a zona tem atualmente quarenta e dois lugares, já incluída neles a praça de táxis e de veículos de cargas e descargas. Após a elaboração da proposta urbana conseguiu-se redefinir as zonas de estacionamento, dando origem ao dobro dos lugares existentes. Aproveitou-se a demolição de armazéns para criar um parque de estacionamento de dois pisos, acedidos em pontos diferentes. Cada piso do estacionamento tem a sua entrada e a sua saída mas não existe ligação entre os dois. O piso de cima é acedido pela Travessa de D. Vasco e a sua saída é na Travessa Guarda Jóias e para facilitar as entradas e os cruzamentos, o piso abaixo acede-se e sai-se pela Rua Guarda Jóias.

Os restantes estacionamentos estão nas vias em que é necessário estacionamento de apoio, como por exemplo, a Rua Nova do Calhariz tem quatro estacionamentos de apoio à escola, a Rua Mirador e a Rua Aliança Operária tem cada uma cerca de doze lugares de apoio à habitação. A Travessa da Boa Hora contém lugares de apoio à

habitação, sendo que menor número visto que é uma via de transportes públicos.

Assim, tentou-se dar estacionamento nas zonas fulcrais, e na zonas em que carecia de estacionamento para os habitantes.

ZONAS PEDONAIS

Um dos fatores mais apontado como problema desta área urbana eram os passeios degradados, pequenos, inseguros, falta de passadeiras de modo a garantir a segurança do peão e as acessibilidades entre cotas das diferentes ruas.

Para solucionar esta questão propôs-se o alargamento dos passeios e a criação de maiores zonas pedonais para que seja uma área mais funcional e mais segura dada a população envelhecida. Teve-se em conta a alteração dos pavimentos de modo a ser mais seguro para qualquer indivíduo, como tem acontecido em grande parte da cidade de Lisboa. É importante mencionar que também se teve em atenção às pessoas invisíveis, sendo que cada passadeira tem o pavimento adequado.



Figura 49 - Ilustração projeto "Uma praça por cada Bairro", organização pedonal

Para solucionar a questão das diferenças altimétricas do terreno foi pensado um acesso pedonal inclusivo junto ao estacionamento. Este acesso caracteriza-se por uma escadaria rampeada que se pode iniciar

desde a Travessa Guarda Jóias ou mesmo pelo estacionamento e que faz a ligação até ao espaço de estadia público.

5.3 INTERVENÇÃO NO OBJETO ARQUITETÓNICO

Conforme referido no subcapítulo anterior, a área de intervenção do edifício situa-se entre a Travessa Guarda Jóias, a Rua Guarda Jóias, Travessa da Boa Hora e a Igreja da Paróquia Nossa Senhora da Ajuda.

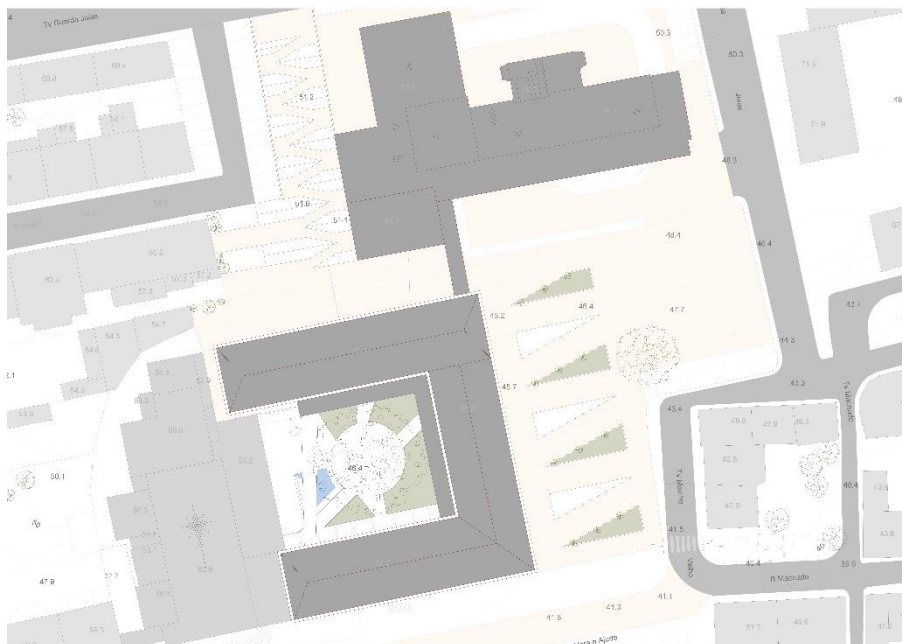


Figura 50 - Proposta urbana para a área envolvente

O objeto arquitetónico a intervir é o Antigo Hospital Militar de Belém que atualmente está em desuso. Após um estudo da área envolvente e do próprio edifício procurámos delimitar premissas que fossem essenciais para responder às questões da área. Posto isto, deparámo-nos que as soluções mais viáveis para este edifício passava por um programa que respondesse às necessidades da população idosa desta área e às necessidades dos jovens que vêm para esta área. Assim, pretendeu-se que este edifício fosse convertido em residências temporárias intergeracionais.

Ao iniciar a elaboração da proposta para o Antigo Hospital Militar foi necessário olhar para o edifício e perceber o valor arquitetónico de cada ala. Isto que, tal como foi referido no capítulo anterior, antes de Hospital Militar, este edifício era um Convento, então tínhamos que perceber qual a estrutura e o que tinha valor patrimonial, dado que assim tínhamos níveis de intervenção diferentes.

O objeto arquitetônico é composto por três alas. A ala A que fica a norte e é composta pelo piso térreo e um primeiro piso de caráter duplex. A ala B que fica a nascente é composta por três pisos, térreo, primeiro piso e segundo piso. E por fim a ala C que fica a sul que é também composta por três pisos, térreo, primeiro piso e segundo piso. Posto isto, entende-se que o edifício acaba por retomar as suas dimensões originais, sendo que a ala A neste momento tem um piso que fora acrescentado pelos militares o qual pretendemos voltar a retirar, pois o mesmo está a criar problemas nas descargas de pesos na estrutura.

Após a visita ao local definiu-se que a ala que menos se poderia mexer era a ala C, pois esta é o corpo do edifício que os militares mais preservaram, deixando as linhas do passado. A ala B, é uma ala que contém ainda algumas características do Convento pela qual está em segundo grau de intervenção. Já a ala A, foi o corpo que mais sofreu alterações, sendo esta então a ala em que mais se pode intervir e liberar mais espaços.

O objetivo é que estas três alas fiquem funcionalmente ligadas entre si de modo a não existir diferenças entre as zonas dos idosos e a zona dos jovens, assim todas as alas têm carácter individual e coletivo.

A residência é composta por cento e noventa e três compartimentos, sendo que sete são zonas comerciais, vinte e seis são quartos, doze duplex, quarenta e duas instalações sanitárias, duas lavandarias.



Figura 51 - Planta de usos

COMÉRCIO

Quando iniciámos o percurso pela Travessa da Boa Hora ou para quem sobe a Calçada da Boa Hora depara-se com este edifício imponente, ao qual ninguém fica indiferente.

Ao nível da rua o edifício oferece-nos zonas comerciais que poderão ser ligadas ao programa do restante do edifício ou não, dado que são espaços independentes. Eventualmente estes espaços podem vir a pertencer a algum idoso mais ativo da residência ou podem vir a ser uma farmácia para usufruto da população, mas também de apoio aos cuidados necessários para os residentes.

MOMENTO DE CHEGADA

O momento de chegada pode ser feito através de quatro entradas, duas na ala Sul, a principal caracterizada pela escadaria existente, e exatamente do lado esquerdo encontra-se a outra entrada não tão gloriosa mas de acesso de elevador. Na ala Nascente encontram-se duas entradas secundárias, sendo que uma delas já está ao nível da rua.

Iniciando o percurso pela escadaria da entrada principal percebe-se logo a importância da mesma e o porquê dos elevadores serem num compartimento à parte, não é devido aos riscos de incêndio mas sim ao facto de estar inscrito nas paredes a primeira marca com que nos deparamos do uso antigo do edifício. Ao subirmos as escadas temos dos dois lados e imediatamente acima da porta azulejos de fundo branco pintado a azul, e escrito “Hospital Militar de Belém 1890”. Dado que o azulejo é considerado uma característica típica portuguesa e bastante utilizado na arquitetura portuguesa decidiu-se manter e preservar essa marca que nos leva atrás no tempo e a outro uso deste edifício.



Figura 52 - Azulejos existentes a manter



Figura 53 - Azulejos existentes a manter; Acesso ao pátio

A criação de um compartimento de chegada com apenas acessos por elevadores a partir da rua principal teve como objetivo que qualquer indivíduo, tenha mobilidade reduzida ou simplesmente por estar carregado, possa ter a possibilidade de aceder à ala C sem ter que se dirigir à ala B para entrar no edifício.

Dado que estas são as entradas principais do edifício, é nesta zona que se encontra o segundo momento de chegada, a receção (C.1.25) e a

sala de estar (C.1.27). Estes dois espaços servem para exatamente como cartão de boas-vindas do edifício, onde se trata das burocracias, onde se aguarda para uma visita ou até mesmo onde se encontra a segurança do edifício. Tanto num espaço como no outro existe a possibilidade de transição do momento de chegada para o pátio.

Já a primeira entrada da ala nascente caracteriza-se apenas por escadaria, dado que foi um prolongamento dos lances de escadas existentes que iniciavam no piso 1 do edifício para o piso 0 com o intuito reponder às leis de segurança contra o risco de incêndio. Assim respondemos às normas dos quinze metros entre acessos bem como nos certificamos que qualquer pessoa presente na ala Sul consegue ter um acesso direto para o exterior do edifício, dado que é o único corpo que não tem galeria.

A segunda entrada da ala nascente localiza-se já no corpo A, neste momento de chegada, embora seja secundário também se vai de contra às marcas do passado, neste caso com o Convento. Encontramo-nos ao nível da rua, neste caso do espaço público de estadia (45.74), aqui também nos deparamos com acesso por elevador bem como uns metros à frente outra escadaria existente, mas não era essas escadas que se falava como marca do passado mas sim os arcos que foram conservados até aos dias de hoje. Estes repetem-se tanto nesse corredor como para o corredor da ala B.



Figura 54 - Zona de distribuição ala nascente; Arcos existentes a manter

HABITAÇÃO

A habitação é o ponto chave de todo este projeto, dado que a intenção da proposta é residência temporária, esta encontra-se na ala Sul e na ala Norte, e propõe cinquenta e cinco camas embora em quatro casos exista a possibilidade de ser uma cama de casal, levando assim à hipótese de cinquenta e nove habitantes.

Na ala Sul, (corpo C) o espaço habitacional são quartos divididos por dois pisos, nesta caso são propostas trinta camas. Dada a pré-existência do espaço, e como explicado anteriormente sobre o edifício, esta é a ala que menos se poderia intervir, fazendo com que cada quarto tenha as suas próprias dimensões embora sempre o mesmo conceito. Dado isto, o corpo da ala Sul é composto por quartos individuais e quartos duplos, uns com instalação sanitária no próprio quarto e outros com a instalação sanitária partilhada (figura 55 e 57) com o quarto adjacente. Cada quarto foi pensado em ter zona de dormir, zona de estudo/trabalho e zona de higiene, e que todos os quartos dessem tanto para jovens como para idosos sem ter que os separar, dando assim oportunidade de criar relações sociais entre as duas faixa etárias. Posto isto, foi necessário arranjar uma estratégia para oferecer todos esses momentos dentro do mesmo espaço, e por isso utilizou-se a

habitação fléxível que corresponde ao uso do mobiliário móvel como definidor do espaço, na medida em que este mobiliário possa até ser indicador do momento do dia em que se encontra o habitante, pontualmente foi necessário o uso de mobiliário fixo adaptando à pré-existência.

Tomemos como exemplo a variedade do espaço através do mobiliário (M1) no espaço habitacional ilustrado nas figuras X:

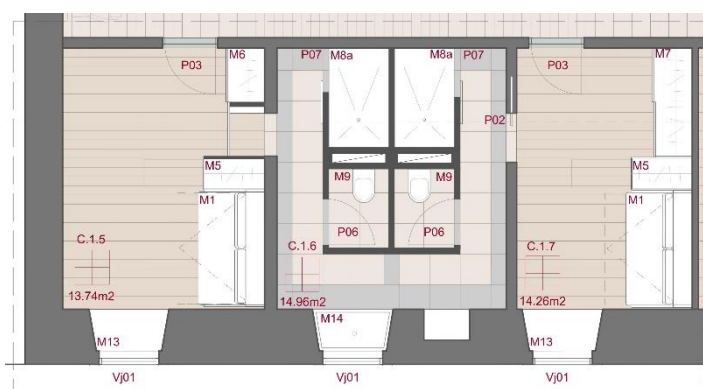


Figura 55 - Planta quartos individuais

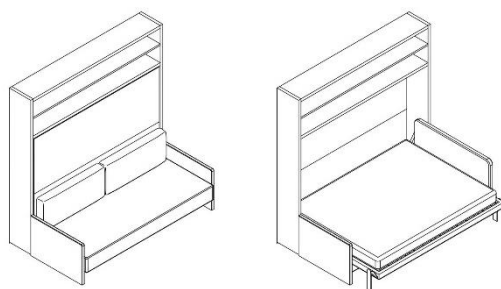


Figura 56 - Ilustração do mobiliário M1

M1 – Um sofá inserido numa estrutura de onde rebate uma cama de solteiro. A abertura da cama funciona através de peças metálicas laterais que desempenham a função de abrir mas também a de apoio da cama ao chão.

Este tipo de mobiliário oferece ao habitante a possibilidade de “transformar” o seu quarto numa zona de estar durante o dia e em zona de dormir apenas durante a noite.

É importante referir que neste exemplo a zona de estudo está inserida na pré-existência dando oportunidade do habitante estar com vista sobre o Rio Tejo, embora este mesmo espaço de estudo possa ser

adaptável a uma espaço de leitura onde a mesa tem a possibilidade de ser elevada e o indivíduo poderá subir para a mesma.

Uma segunda situação de mobiliário (M2) que acontece pontualmente como referido anteriormente, é a possibilidade de ser uma cama de casal, como podemos ver nas figuras 57,58 e 59:

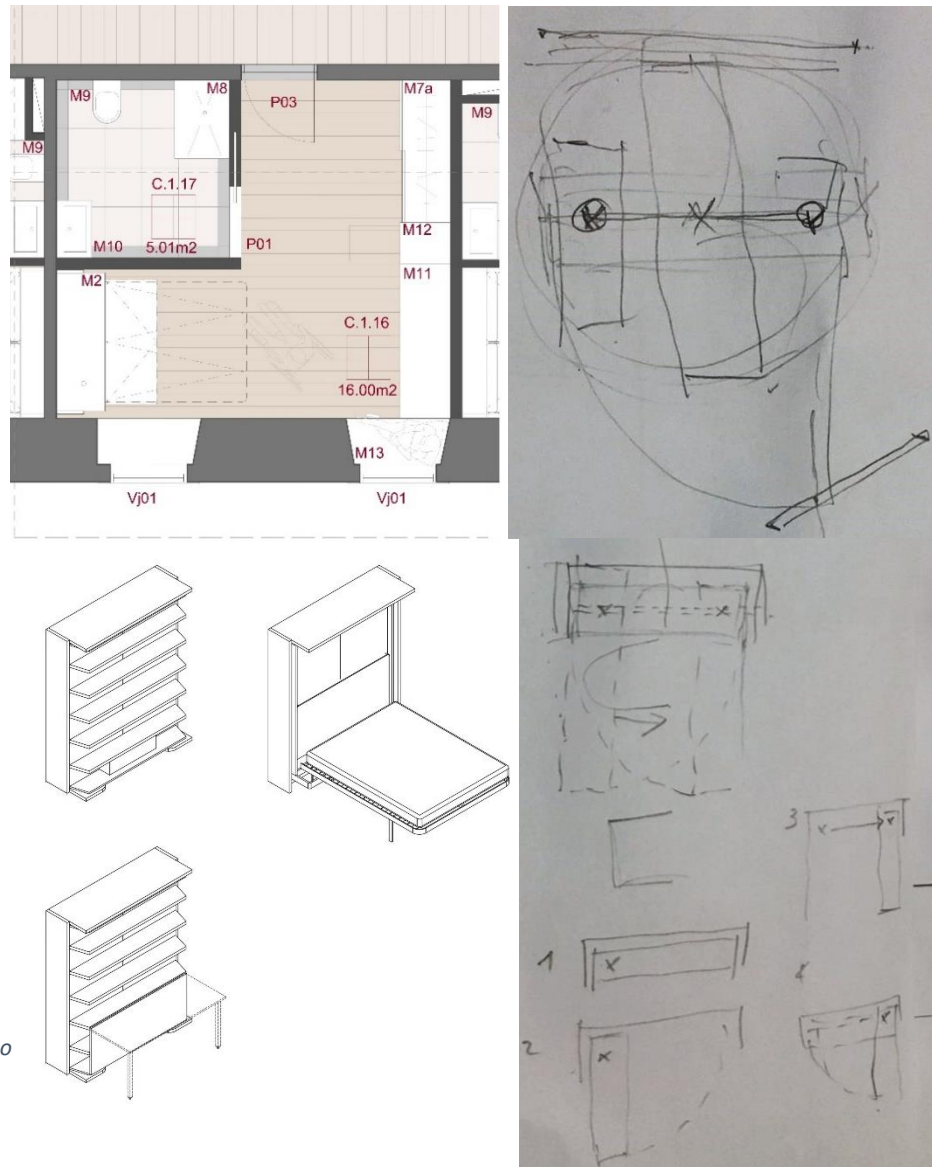


Figura 58 Ilustração do mobiliário M2

Figura 59 - Esquema de rotação do mobiliário

Figura 57 - Planta quarto individual/casal

M2 – Uma estante inserida numa estrutura com um eixo de rotação dado que nas suas costas encontra-se duas camas de solteiro ou uma de casal. A abertura da cama funciona através de peças metálicas laterais que desempenham a função de abrir mas também a de apoio da cama ao chão.

Outra opção de mobiliário (M15) que acontece quando não é possível integrar a zona de estudo na pré-existência devido aos acessos ao exterior, como podemos ver nas figuras 60 e 61:

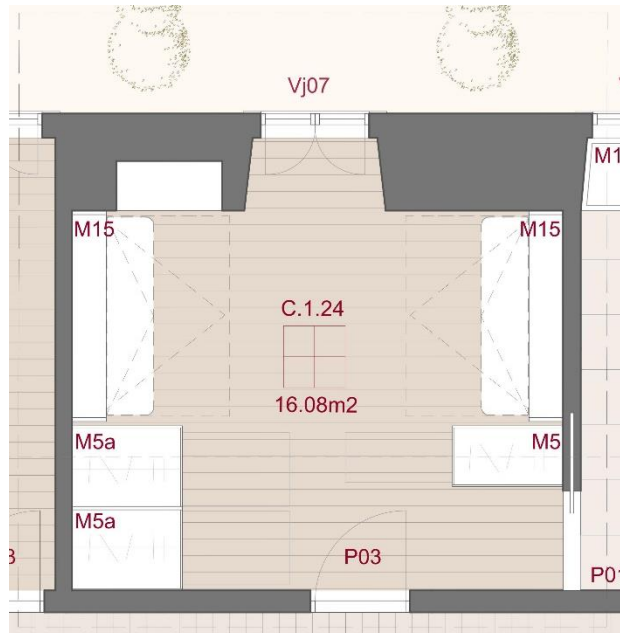


Figura 60 - Planta quarto duplo

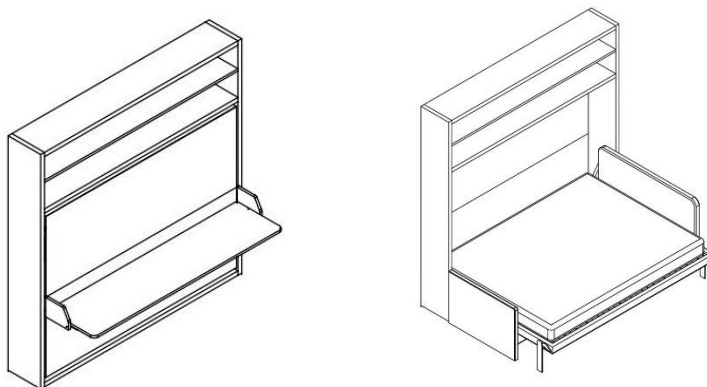


Figura 61 - Ilustração do mobiliário móvel

M15 - Uma secretária inserida numa estrutura de estante de onde rebate uma cama de solteiro. A abertura da cama funciona através de peças metálicas laterais que desempenham a função de abrir mas também a de apoio da cama ao chão, bem como peças que fazem com que a secretária rebata em simultâneo com a cama.

Este tipo de mobiliário oferece a possibilidade de um quarto duplo ou para espaços mais pequenos transformando assim o seu quarto numa zona de estudo durante o dia e em zona de dormir apenas durante a noite.

Na ala Norte, (corpo A) o espaço habitacional são duplex sendo que existe um individual, nove duplos e dois triplos. Como referido anteriormente esta é a ala em que se pode fazer uma maior intervenção, dando assim esta possibilidade de projetar duplex. Dado isso, a composição dos duplex tem poucas variantes entre si, fazendo com que em algumas situações não seja possível distribuir os espaços da mesma maneira.

Cada duplex foi pensado em que no piso de baixo fosse a área social e de serviços e o piso superior a área de estudo e de dormir. Assim, o piso de baixo torna-se mais fixo devido a ter as instalações sanitárias bem como uma pequena *kitchenette*, embora a zona de refeição seja também ela fléxivel na medida em que se torna também na zona de estar. Aqui é elaborado um móvel que não só sustenta um lance de escadas, pois este é o único que não está encastrado, bem como cria essa transformação de zona de estar para zona de refeição.

Tomemos como exemplo deste espaço através do mobiliário (M31) no espaço habitacional ilustrado nas figuras 62 e 63:

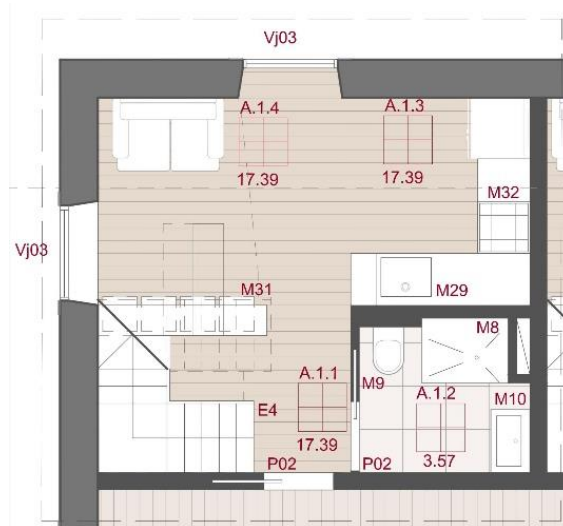


Figura 62 - Planta piso 0 duplex

M31 – Móvel adaptado à escada de modo a sustentá-la, criando espaços de arrumos e zona de estante com possibilidade de rebatimento para uma mesa de refeição, inserindo assim o M33.

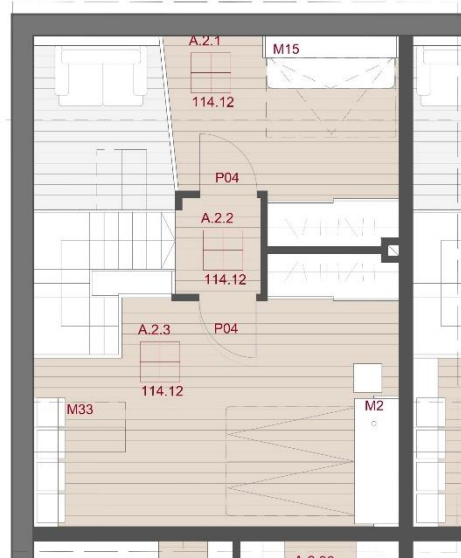


Figura 63 - Planta piso 1 duplex

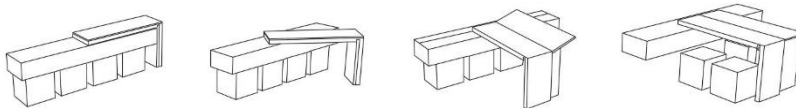


Figura 64 - Ilustração do mobiliário M33

M33 - Uma mesa pivotante num aparador ancorado neste caso ao móvel de sustentação da escada. Funciona em três posições diferentes, sendo que deste modo pode servir tanto para trabalho como para refeição. Relativamente a dimensões, as mesas são iguais em todos os apartamentos, variando apenas a dimensão do aparador que as suporta. Por baixo do aparador é onde se guardam os bancos, visando maximizar o espaço geral do apartamento.

O piso superior onde se encontram as zonas de dormir e de estudo seguem as directrizes dos quartos da ala Sul, anteriormente descritos embora com distribuições diferentes.

Este tipo de organização em função do mobiliário flexível está presente em praticamente toda a proposta com o propósito de criar assim um edifício bastante flexível ao nível dos vários usos. Neste caso a percepção maior é dentro destas mesmas habitações, fazendo com que qualquer residente possa escolher a habitação que lhe for mais confortável e adaptável às suas necessidades. A denominação dadas as alas indica a direção das mesmas que poderá ser um fator decisivo nessas escolhas,

pois por um lado temos a ala Sul que é bastante mais iluminada naturalmente mas que o residente apenas habita num quarto, sendo que alguns de instalação sanitária partilhada contrariamente à ala Norte. Esta oferece um apartamento que embora possa ser partilhado, acaba por ser um pouco mais privativo na medida em que deixa de ser apenas um quarto e passa a ser um apartamento onde se encontram espaços de dormir, estudar e de refeição/confeção. A grande desvantagem é que a iluminação natural é inferior por estar virado a Norte.

É importante referir que todo o mobiliário é MDF lacado.

SAÚDE

Dada a continuidade do percurso pelo edifício, terminamos agora a ala C e dobramos a esquina em direção à ala B, quer seja no primeiro piso ou no segundo, não iremos encontrar espaços individuais. Dado que a ala Nascente tem ligação às outras duas alas, faz com que crie momentos de encontro entre os residentes e os funcionários, isto porque, foi aqui que se propuseram os dois gabinetes médicos de apoio aos residentes, um no início do cruzamento entre a ala A e B e outro entre a ala B e C. Estes gabinetes têm um carácter geral de tratamento, pois tem a possibilidade de apenas ser para consultas de rotina, como para gabinetes de tratamento seja ao nível físico como ao nível da fala. Deste modo pretende-se que sejam gabinetes multifuncionais para que responda a qualquer necessidade básica de saúde. Para garantir um fluxo de trabalho organizado foi também proposto uma sala de espera para as consultas e/ou tratamentos. Sendo um sistema de fácil compreensão para todos pois funcionaria como um mini centro de saúde, onde cada residente espera a sua vez sem andar entre a sua habitação e os gabinetes médicos até ser atendido.

Com estes gabinetes médicos espera-se que tanto para os jovens como para os idosos exista uma maneira rápida e funcional para qualquer tipo

problema de saúde sem ter de se recorrer logo ao Sistema Nacional de Saúde. Assim tem direito a médicos que se deslocam à residência de propósito para esses utentes.

MOMENTO DE DESCANSO

Para que este edifício seja funcional precisa-se obrigatoriamente de funcionários para as devidas áreas propostas, isto é, este complexo também contém novos postos de trabalho. Necessita de funcionários para a receção, segurança, para a zona administrativa, para as limpezas, para o refeitório (copa), para as atividades propostas, etc. Posto isso, sentiu-se a necessidade de criar um espaço para que todos esses funcionários possam ter um momento de descanso, seja numa pequena pausa ou numa hora de refeição. Este espaço que se denomina de sala de funcionários serve para cada um poder guardar os seus pertences no seu próprio cacifo, para poder fazer o seu momento de leitura na pausa, para fazer a sua refeição, para descontraír, na verdade para o que o funcionário necessite. Agregado a este espaço encontra-se uma instalação sanitária apenas para funcionários, com a possibilidade de tomarem duche após o seu turno de trabalho. A partir desta sala também se pode aceder ao pátio interior do edifício, assim, possibilita também os momentos de descanso/ lazer entre funcionários e residentes.

ZONAS ADMINISTRATIVA

As zonas administrativas encontram-se na ala B, ou seja, na ala Nascente, para que fossem o mais centralizadas quanto possível no edifício e ao mesmo tempo perto de acessos para receber pessoas do exterior. Assim, estes espaços estão divididos em dois compartimentos interligados entre si, embora cada um com acesso direto da zona de distribuição. O momento de chegada mais perto destes espaços é na ala norte, embora possa ser acedido por todos os momentos de chegada. A sala de reuniões é o compartimento mais próximo, fazendo

com que o percurso seja mais curto, com cerca de oito metros de distância, e cerca de quinze metros para o gabinete administrativo.

ATIVIDADES

Prosseguindo o percurso pelo edifício chegamos à ala Norte, e cruzamo-nos com o momento de chegada secundário, este prolonga-se num corredor de distribuição. Nesta parte do edifício e propriamente neste piso encontram-se os momentos sociais, aqueles em que realmente se pode verificar a intergeracionalidade. Isto porque iniciamos com dois espaços de convívio, um mais direcionado como um momento de estar em que foi pensado ter zonas de trabalho, zonas de descanso, zonas de conversa e partilha e outro espaço imediatamente ao lado como espaço de lazer pensado mais para proporcionar jogos de mesa entre os residentes de modo a terem entre eles uma relação social, embora possa ser utilizada para trabalho. Apesar de ter sido pensado para esses fins é sempre adaptável de modo a que a interação social seja mais enfatizada.

Ao subirmos a escadaria existente nesta ala ou até mesmo o elevador presente, iremos encontrar os restantes espaços de interação social. Uma sala de estudo onde se pode usufruir das mesas de trabalho e de uma zona informal de leitura. Esta sala é dividida através do mobiliário desenhado para esse mesmo propósito, assim este espaço contém uma espécie de biblioteca, possibilitando a leitura e o interesse em variadas áreas. Saindo da sala de estudo dirigimo-nos para o corredor de distribuição da ala nascente onde encontramos uma sala que foi pensada para ser o espaço de atividade física. Neste caso pensou-se no programa de ser uma sala de dança dado que é uma atividade bastante intergeracional na medida em que os residentes podem optar pelo estilo de dança podendo ser ensinado pelos jovens ou vice-versa e ainda a possibilidade de criar algum tipo de espetáculo que faça com que exista interação social. Do lado oposto do corredor de distribuição desta ala encontram-se os outros quatro espaços, três deles são

multiusos, isto porque estão desenhados em *open space*¹³ e interligados entre si, embora em todos eles o mobiliário é flexível embutido, isto é, existe na primeira divisão em dois momentos um armário que quando necessário se pode rebater e abrir um mesa de trabalho, na possibilidade deste espaço ser utilizado para workshops, estudo, trabalho, etc. Já na última divisão deste espaço polivalente podemos encontrar outro mobiliário flexível, uma bancada que rodando e abrindo se torna uma mesa, tendo por baixo do tampo da bancada os bancos que são móveis.

Resumindo, cada espaço de interação social foi pensado de modo a ser adaptado a qualquer atividade e de forma a que os residentes de faixas etárias diferentes consigam frequentar em simultâneo criando oportunidades de relações.

SERVIÇOS

Permanecendo neste piso encontramos dois espaços de serviço de uso e apoio exclusivo para residentes, um na ala norte e outro na ala nascente. Estes espaços são duas lavandarias, estas compostas por máquinas de lavar e secar a roupa, zona para passar a roupa a ferro.

As lavandarias foram pensadas na medida em que os utilizadores desta residência tivessem um espaço comum para tratamento de roupas que por sua vez não estão inseridas em nenhuma das habitações. Este modo de viver e frequentar o espaço dá oportunidade da criação de relações sociais entre qualquer habitante.

¹³ Espaço aberto - tradução livre

REFEIÇÃO

Existem dois momentos de refeição partilhada, com isto queremos dizer que foram pensadas duas áreas distintas para esse ato, uma encontra-se na ala Nascente e tem como premissa ser uma cozinha partilhada por todos os habitantes que não usufruam de zona de confeção na sua habitação. Assim neste espaço todos podem cozinhar as suas próprias refeições, tendo armários individuais para guardar os seus alimentos bem como zona para se poder sentar e comer e ainda um acesso à galeria exterior.

O outro momento de refeição é no piso 0 da ala Norte, este já foi pensado para ser um refeitório onde existem funcionários que tratam da comida, assim este espaço contém uma copa com zona de lavagem, confeção, zona suja, lixos e despensa. Foi necessário a criação de um refeitório para que os residentes que por algum motivo não possam ou não saibam cozinhar terem um espaço com comida já feita, como uma espécie de cantina que contém um menú por dia. Este espaço oferece uma grande área onde se pode dispor variadas mesas de refeição embora já contenha vinte e oito lugares em mobiliário fixo.

A residência responde assim às necessidade de cada habitante ao nível de refeições visto que dá a escolher ao indivíduo. Isto porque uma das principais premissas para a elaboração destas duas áreas distintas foram o facto de não ser seguro para muitos idosos terem acesso ao lume e em contrapartida para os jovens ganharem maior independência nesse aspeto.

ZONAS EXTERIORES

A área de intervenção pertencente ao objeto arquitetónico dispõe de duas zonas exteriores, sendo que uma tem carácter público e a outra é de carácter privado, estando no interior do edifício.

A zona de carácter público foi descrita na intervenção urbana.

A zona de carácter privado está inserida no que antigamente era o claustro do convento e que foi pensado meramente para usufruto dos residentes bem como os usuários da mesma. Este espaço contém uma araucária classificada como património por ser uma árvore centenária e é a partir da mesma que se desenrola o momento do pátio.

O pátio está confinado entre a igreja e as três alas do edifício a intrevir podendo ser acedido de todas elas, apesar de algumas particularidades. Na ala Nascente os acessos só são feitos através dos compartimentos, por isso só quem os frequenta é que consegue aceder. Na ala Norte todos os vãos são possíveis de abrir para aceder ao pátio dado que pertecem à zona de distribuição. Na ala Sul existe uma exceção de relação com o pátio, pois foi “retirado” espaço do pátio para poder dar a oportunidade de pequenos espaços exteriores das habitações.

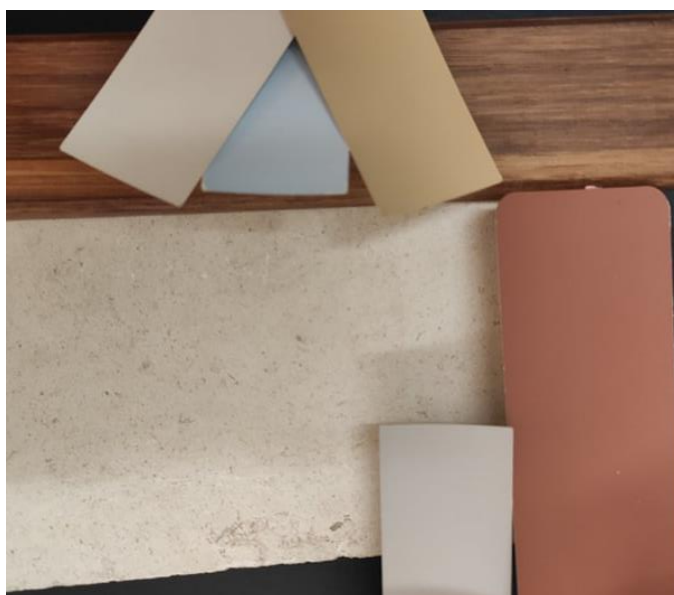
Esta zona exterior é caracterizada por zonas pedonais que ligam a dimensão toda do pátio e que percorrem a árvore com os espaços de galeria, bem como com os acessos às galerias superiores. Ao longo do percurso existe a oferta de mobiliário urbano, criando momentos de descanso ou de puro lazer, dado que existe a possibilidade de aceder às zonas relvadas. Contudo o grande desafio do pátio era criar um filtro entre o pátio privado e a igreja dado que esta tinha bastante visibilidade. Nesta medida pensou-se na criação de uma parede verde que possa acabar junto a um espelho de água, mas posteriormente foi necessário a criação de uma terceira galeria de modo a garantir acesso ao exterior do piso dois da ala C. Assim aproveitou-se a galeria para fazer o filtro necessário, usando a ideia da parede verde na própria estrutura da galeria, sendo que a mesma contém pequenos canteiros. Dado isto, esta galeria ganha uma importância no pátio na medida em que se denota a junção da construção nova com a antiga e como divisória de espaços. Por baixo da galeria proposta encontra-se uma parede de cascata que termina num pequeno lago fechando assim o olhar da igreja para as zonas exteriores da habitação e dando a

sensação de tranquilidade no pátio com a utilização da água. Junto à cascata encontra-se uma área de merendas também interligada com a estrutura da própria galeria. Deste modo conseguiu-se unir o piso do pátio com as galerias superiores definindo o espaço através da água e da terra oferecendo um espaço de lazer, estadia, descanso e/ou de criação de relações sociais.

ACABAMENTOS E REVESTIMENTOS

Após a descrição do edifício relativamente aos espaços oferecidos seria importante perceber quais os acabamentos e revestimentos utilizados para tornar todos os espaços mais modernos e confortáveis ao habitante.

Assim foi necessário consultar inúmeros catálogos de modo a escolher a melhor opção para os determinados usos, teve-se como premissa que fossem materiais bastante duradouros e de limpeza fácil. Outra premissa foi sobretudo de acordo com as cores escolhidas para cada espaço de modo a criar ambientes harmoniosos, onde a cor e o material tornassem o espaço mais acolhedor e confortável.



ZONAS COMERCIAIS

Pavimentos:

Pavimento Epoxi.

Pavimento Parket Flutuante Mogno.

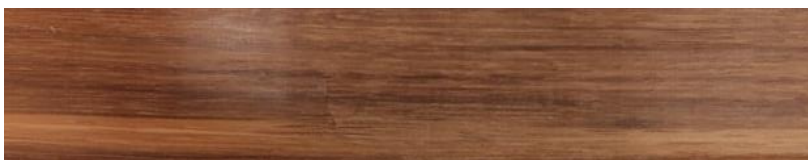


Figura 65 - Amostra: Parket Flutuante Mogno

ZONAS DE DISTRIBUIÇÃO

Pavimentos:

Pedra existente



Figura 66 - Amostra da Pedra existente

Paredes:

Tinta

NCS: S 2030 – Y20R



Lambril e Portas:

NCS: S 3005-Y20R



QUARTOS

Pavimentos:

Pavimento Parket Flutuante Mogno.

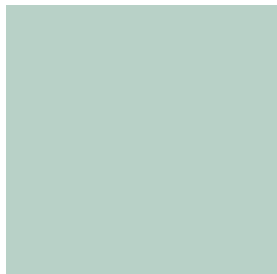


Figura 67 Amostra Parket Flutuante Mogno

Paredes Quartos Sul:

Tinta

NCS: S 2010 – B



Tectos:

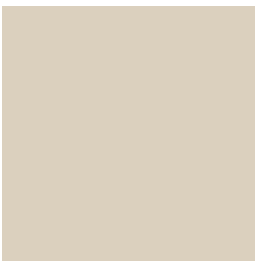
NCS: S 0500 - N



Paredes Quartos Norte:

Tinta

NCS: S 1505 – Y20R



Tectos:

NCS: S 2030 – Y30R



INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

Para as instalações sanitárias privativas pensou-se no uso de três tipos de revestimentos cerâmicos de modo a pautar o espaço, consultou-se o catálogo da marca Aleluia.

Pavimentos:

ALPE GREY 33.3X33.3 CM C321



Figura 69 - Amostra ALPE GREY

ALPE ANTHRACITE 45X45 CM C452



Figura 68- Amostra ALPE ANTHRACITE

Paredes:

ALPE GREY 33.3X33.3 CM C321



Figura 70 - Amostra ALPE GREY

MOSAIC BLUR GREY (2.5X2.5 CM)
(PEÇA) 29.5x29.5x0.85 cm DC735

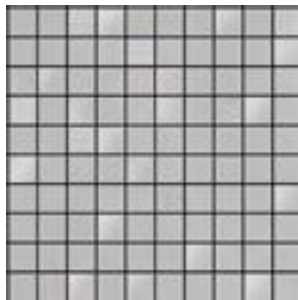


Figura 71 - Amostra MOSAIC BLUR GREY

Para as instalações sanitárias privativas

BRICK LIGHT BEIGE 26.7x41.6x0.77 cm R2716



Figura 72 - Amostra BRICK LIGHT BEIGE

ALPE ANTHRACITE 45X45 CM C452



Figura 73 - Amostra ALPE ANTHRACITE

REFEITÓRIO

Pavimentos:

MUSTANG SLATE BLACK 59.2X59.2 CM RET. P6062R

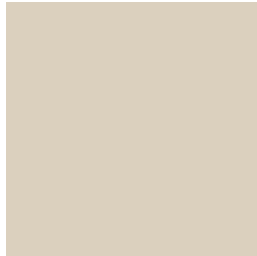


Figura 74 - Amostra MUSTANG SLATE BLACK

Paredes:

Tinta

NCS: S 1505 – Y20R



Tectos:

NCS: S 2030 – Y20R



COPA/ COZINHA COMUM

Pavimentos:

EPOXI

Paredes:

Cozinha comum: DECOR HIDRA ALPE GREY 29.5X59.2 CM RET. R858R



Figura 75 - Amostra DECOR HIDRA ALPE GREY

Copa: PÓS-CORTE GREY 30x60x0.85 cm R863 | C25



Figura 76 - Amostra PÓS-CORTE GREY

LAVANDARIAS

EPOXI

SALAS COMUNS

Pavimentos:

Pavimento Parket Flutuante Mogno.



Figura 77 - Amostra Parket Flutuante Mogno

Paredes:

Tinta

NCS: S 3005-Y20R



Tectos:

NCS: S 2030 – Y20R



PÁTIO

DECK GREY 14.5X88.8 CM RET. CT78C3



Figura 78 - Amostra DECK GREY

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A vida, quando partilhada, gera vida” (CNE, 2012)

Este Projeto Final de Mestrado, tem como área de intervenção o Antigo Hospital Militar de Belém e o Largo da Boa Hora, e foi elaborado no sentido de responder aos problemas habitacionais e às relações sociais entre diversas faixas etárias de modo a dar à freguesia da Ajuda uma área ativa e dinâmica.

Assim pretendeu-se desenvolver uma estratégia de ocupação adequada à atualidade, respondendo aos objetivos iniciais do trabalho. Assim é com maior detalhe que o tema “Intergeracionalidade no Espaço Arquitetónico” lança uma nova visão de habitabilidade.

Após a elaboração do enquadramento teórico sobre os conceitos que se achou serem fundamentais para desenvolver este tema e os diversos casos de estudo onde já se aplicam esses mesmos conceitos, tomou-se consciência e conhecimento sobre a nova maneira de projetar o espaço habitacional.

O conceito intergeracionalidade tem vindo a ser discutido ao longo dos anos tentando promover cada vez mais as relações sociais entre indivíduos de faixas etárias diferentes. Espalhado pelo mundo surgem diversos programas como estratégias para solucionar esses problemas sociais.

Assim aplicou-se esse conceito à habitação, tornando-o num grande desafio dado que era necessário que todos os espaços tivessem leituras adequadas à população destinada. Neste caso tornou-se ainda mais desafiante dado que não se quis separar as alas habitacionais por faixas etárias, assim qualquer habitação teria que responder às necessidades tanto dos jovens como dos idosos. Tendo essa premissa como estratégia foi estudado no capítulo dos casos de estudo a formalização e os espaços inerentes a residências universitárias e a residências séniores.

Após as estratégias delineadas foi tomada a decisão de desenvolver mobiliário flexível, assumindo assim como caracterizador do espaço.

Em suma, esta abordagem e a proposta desenvolvida confronta um problema social e de mentalidade, dado que demonstra que é possível viver e conviver no mesmo espaço que com pessoas em fases diferentes da vida e que cada uma delas possa influenciar o percurso de vida de outrem ao mesmo tempo que resolve o problema habitacional da área envolvente.

7 BIBLIOGRAFIA

Aguiar, J., 2002. *Cor e Cidade Histórica - Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. 1 ed. Porto: FAUP Publicações.

Alves, J. O., 2017. *Estratégias de re-uso e intervenção de baixo custo em programas de habitação*, Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitetura.

Anon., 2017. *Uma questão de (mental)idade*. [Online]
Available at: <https://uma-questao-de-menta-idade.webnode.pt>
[Acedido em 19 Setembro 2019].

Anon., 2017. *Wikipédia - Hospital Militar de Belém*. [Online]
Available at:
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hospital Militar de Bel%C3%A9m](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hospital_Militar_de_Bel%C3%A9m)
[Acedido em 10 Dezembro 2018].

Anon., s.d. *Morar em Lisboa*. [Online]
Available at: <http://moraremlisboa.org/>
[Acedido em 5 Janeiro 2019].

Appleton, J., 2003. *Reabilitação de Edifícios Antigos*. s.l.:Orion.

Augé, M., 2012. *Não-Lugares*. Lisboa: Letra Livre.

Baeza, A. C., 2004. *La idea construida*. Universidade de Palermo: s.n.

Cabral, M. V. & Ferreira, P. M., 2013. *Envelhecimento Activo em Portugal - Trabalho, Reforma, Lazer e Redes Sociais*. s.l.:Guide, Artes Gráficas, LDA.

Cantinho, M., 2018. *Envelhecimento, intergeracionalidade e bem-estar - Um estudo com um programa intergeracional*, Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Choay, F., 2001. *Alegoria do Património*. s.l.:Editora Estação Liberdade.

CML, 1995. *Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada*, Lisboa: 1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana de Centros Históricos.

CML, s.d. *Câmara Municipal de Lisboa*. [Online]
Available at: <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia>
[Acedido em 10 Dezembro 2018].

CML, s.d. *Câmara Municipal de Lisboa*. [Online]
Available at: <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia>
[Acedido em 25 Novembro 2018].

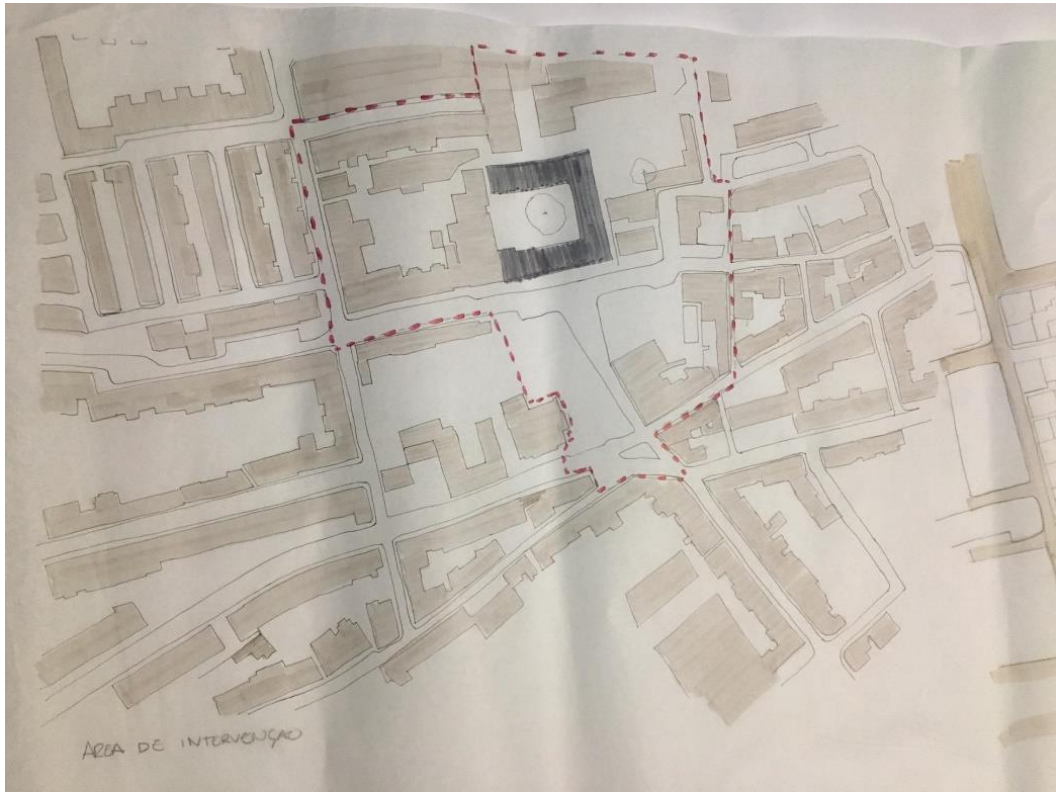
- CML, s.d. *Património Cultural de Lisboa*. [Online]
Available at: <http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=718>
[Acedido em 17 Outubro 2019].
- CNE, 2012. *Irmãos de todas as idades - Corpo Nacional de Escutas*. 1ª ed. s.l.:Corpo Nacional de Escutas.
- Cultural, D. G. d. P., 2011. *SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. [Online]
Available at:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16363
[Acedido em 10 Dezembro 2018].
- Esteves, A. J., 1995. *Jovens e Idoso - Família, Escola e Trabalho*. s.l.:Edições Afrontamento.
- Fernandes, F. & Cannatà, M., 2003. *Habitação Contemporânea - Formas de Habitar*. 1 ed. s.l.:ASA Editores, S.A.
- França, A. C., 2018. *Devolver Marvila a Lisboa - O programa híbrido no projecto de reabilitação urbana*, Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa - Universidade de Lisboa.
- Freire, L. R., 2017. *TEMPORALIDADE PERMANENTE*, s.l.: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Gibbs, J., 2009. *Design de Interiores - Guia Útil para estudantes e profissionais*. 2ª ed. s.l.:Editorial Gustavo Gili, SL.
- Holl, S., 2018. *Cuestiones de percepción fenomenológica de la arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- ICOMOS, 1986. *Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas - Carta de Washington*, Toledo: s.n.
- ICOMOS, 2003. *Comité Científico Internacional Para Análise e Restauro De Estruturas Do Património Arquitectónico*, s.l.: s.n.
- ICOMOS, 2006. *Austrália Icomos international Concil on Monuments and Sites - A Carta de Burra*, Austrália: s.n.
- ICOMOS, C. N. P. D. C. I. D. M. E. D. S., 2006. *DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA DO ICOMOS-Portugal*. [Online]
Available at: <http://icomos.fa.utl.pt/documentos/documentos.html>
[Acedido em 30 Novembro 2017].
- Jacobs, J., 1961. *The Dearth and life of great American cities*. s.l.:s.n.

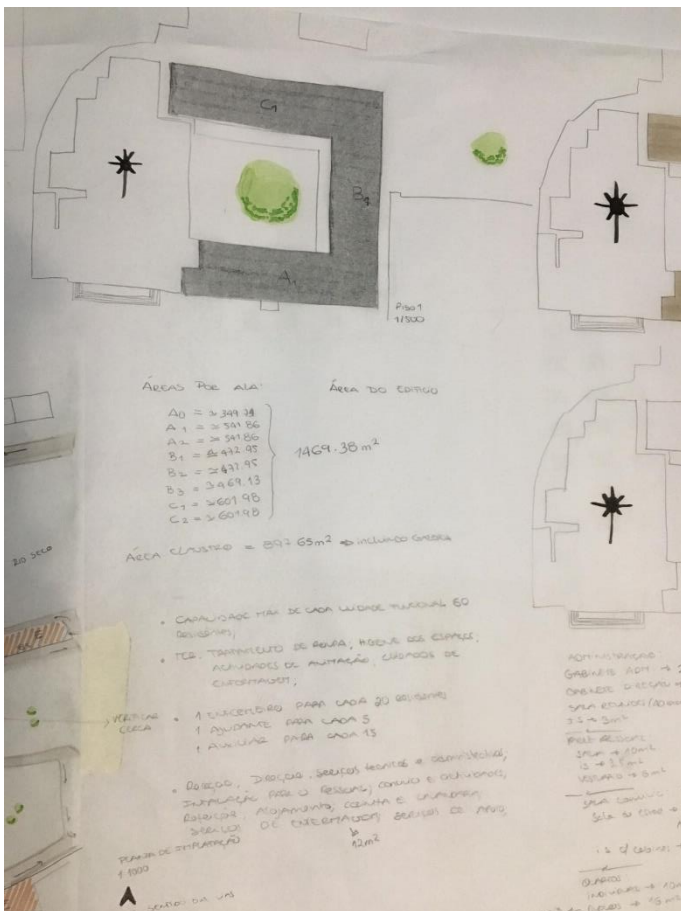
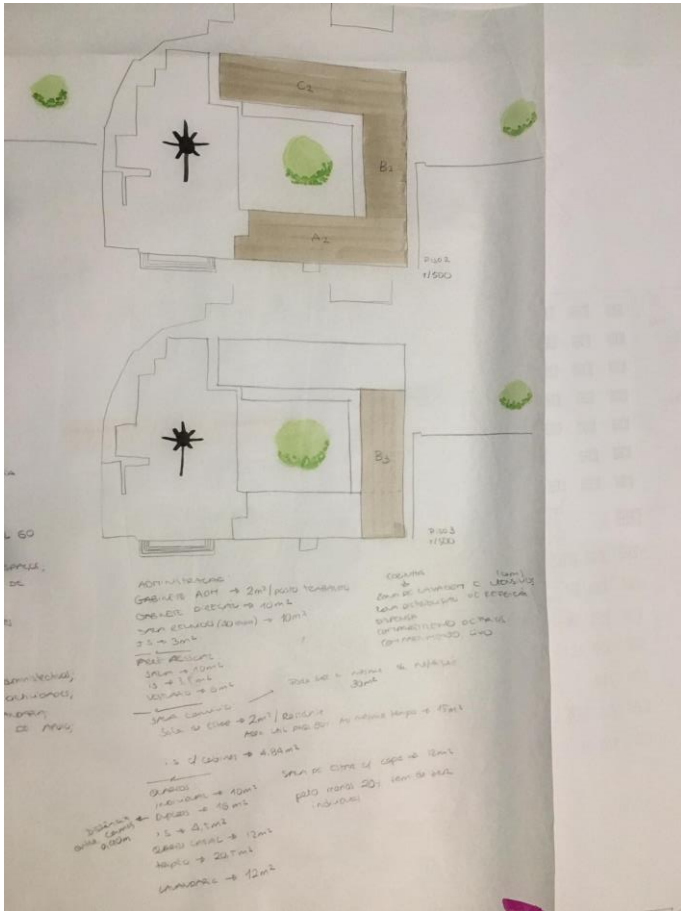
- Leite, E. V. M., 1950. *O Problema da Habitação de Lisboa - Subsídios para o seu Estudo*. Lisboa: II Congresso das Capitais.
- Loução, D., 2013. *Paisagens Inteiores*. 1º ed. s.l.:Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA.
- Loução, D., 2016. *Habitar o Desabitado - Um contributo para Arquitetura de Interiores*. s.l.:Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA.
- Lourenço, N., 2018. *Requalificar e Reabilitar - A Quinta da Graça: Entre o Rio e a Ruína*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura de Lisboa - Universidade de Lisboa.
- Mahnke, F., 1996. *Colour, Environment and the human response*. s.l.:Wiley; Edição.
- Moreira da Silva, F., 2006. *A materialidade da cor*, Lisboa: s.n.
- Moreira da Silva, F., 2013. *Cor e Inclusividade - Um projeto de Design de comunicação visual com idosos*. Lisboa: Caleidoscopio.
- Moura, D., Guerra, I., Seixas, J. & Freiras, M. J., 2006. *A Revitalização Urbana - Contributos para a Definição de um Conceito Operativo*, s.l.: Cidades - Comunidades e Teritórios.
- Oliveira, A., 2018. *Memórias de uma indústria corticeira - Centro Interpretativo da Cortiça para o Caramujo, Almada nascente*, Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Arquitetura.
- Oliveira, C., 2011. *Relações Intergeracionais: Um estudo na área de Lisboa*, Lisboa: Universidade de Lisboa - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas .
- Pallasmaa, J., 2016. *Habitar*. 1º ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.
- Pallasmaa, J., 2018. *Essências*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.
- Pallasmaa, J., 2017. *Habitar*. 1 ed. s.l.:Editorial Gustavo Gili, SL.
- Património, P. C. -. D. G. d., 2001. *SIPA*. [Online]
Available at:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16363
[Acedido em 25 Novembro 2018].
- Paul, J., 1999. *Declaração de Québec*, s.l.: s.n.

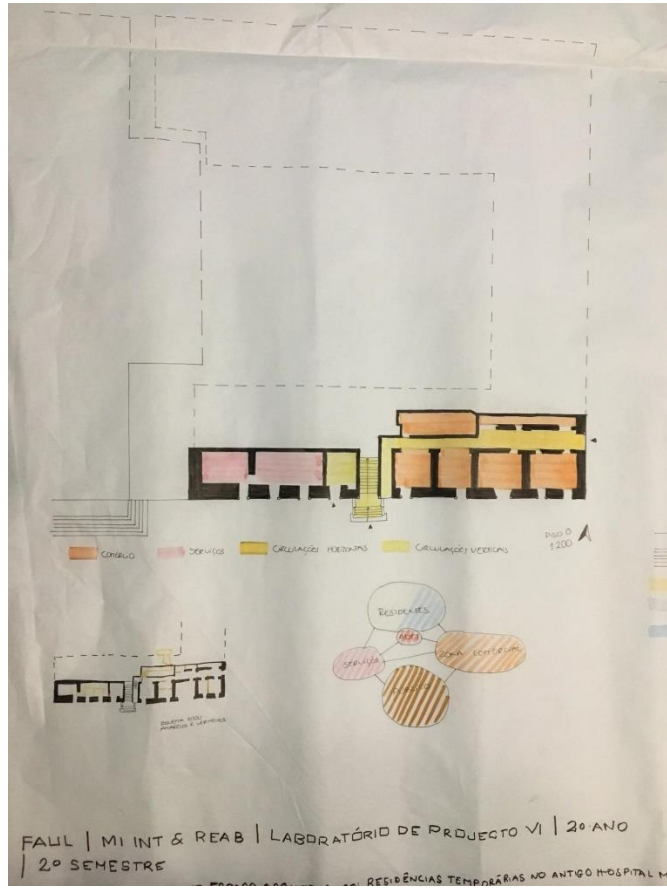
- Peres, C. M., 2018. *Estratégias de Customização aplicadas na Habitação Temporária em Reabilitação*, Lisboa: Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa.
- Pernão, J. N., 2012. *A cor como forma do espaço definida no tempo: princípios estéticos e metodológicos para estudo e aplicação da cor em arquitetura e nas artes*, Lisboa: Universidade técnica de Lisboa - Faculdade de Arquitetura.
- Pinho, A., Aguiar, J. & Paiva, J. V., 2006. *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*, Lisboa: In Colégio Património Arquitetónico.
- Público, J., 2018. *Público*. [Online]
Available at:
<https://www.publico.pt/2018/09/12/economia/noticia/rendas-deverao-aumentar-115-em-2019-1843800>
[Acedido em 5 Janeiro 2019].
- Romão, A., 2017. *A Luz como elemento qualificador do espaço arquitetónico*, s.l.: Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa.
- Saint-Exupéry, A., s.d. *O príncipezinho*. s.l.:s.n.
- Social, S. d. E. d. S., 1991. *População Idosa*. s.l.:ELO, Publicidade, Artes Gráficas.
- Teiga, S. A. M., 2012. *As Relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas*, Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa - Instituto Politécnico de Lisboa.

Nota: A citação de início do documento escrito é de experiências vividas

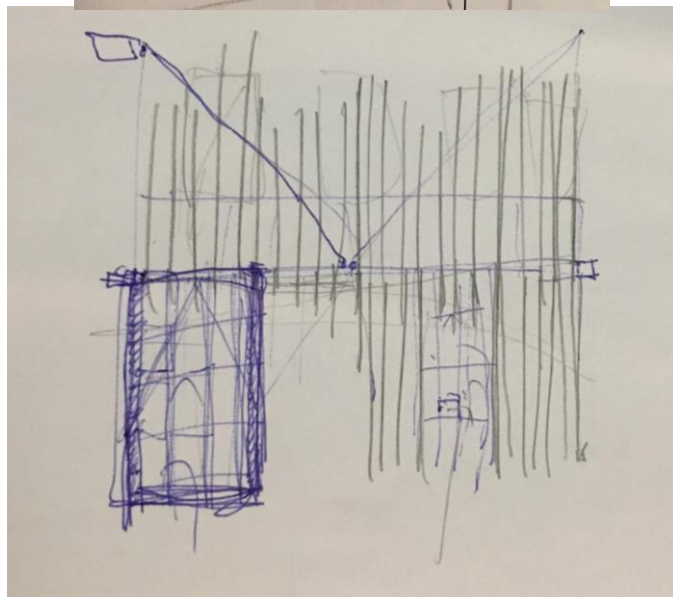
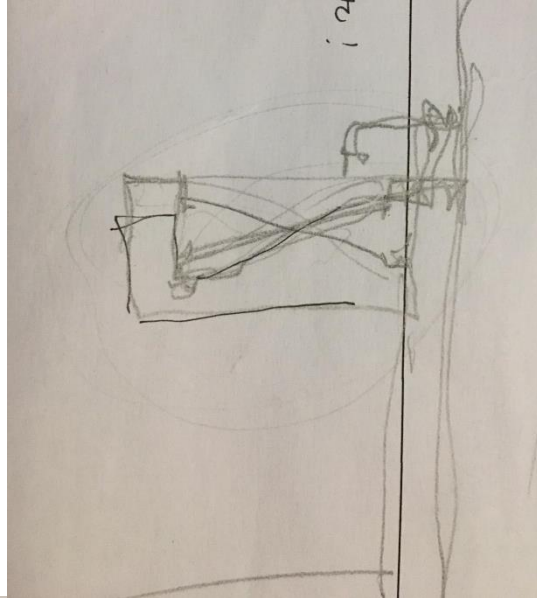
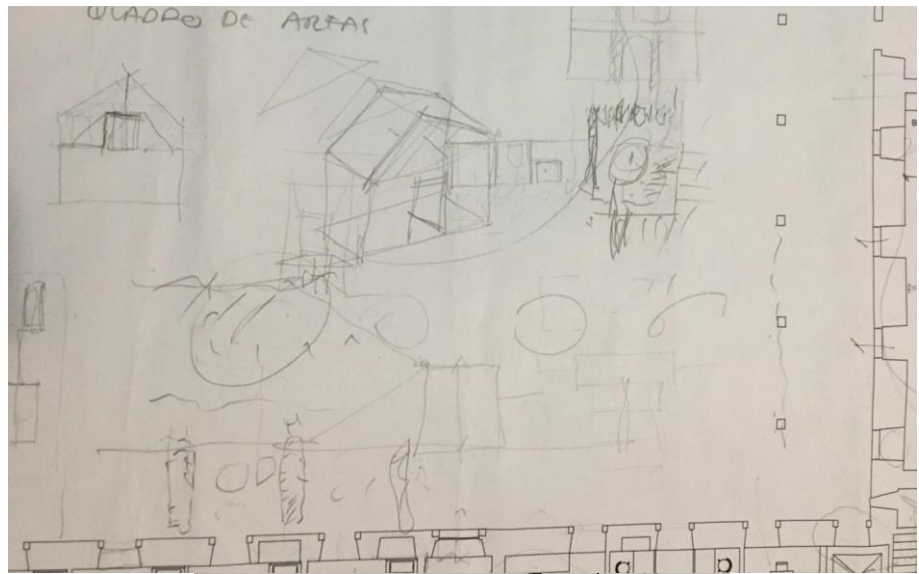
8 ANEXOS

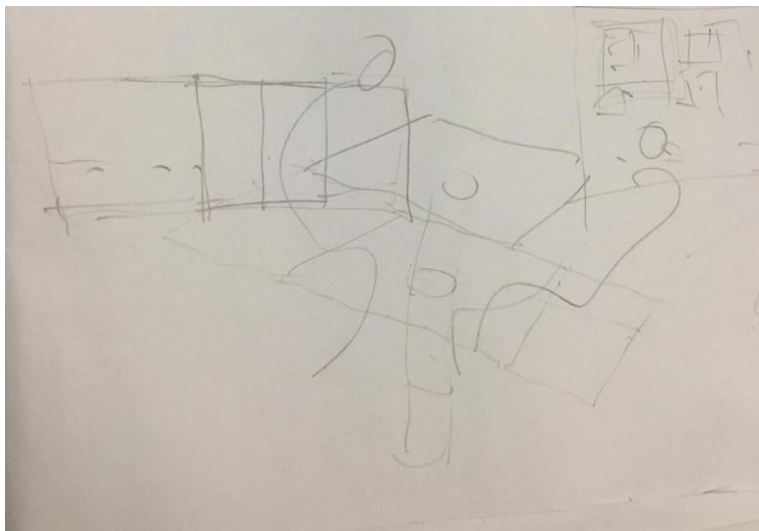
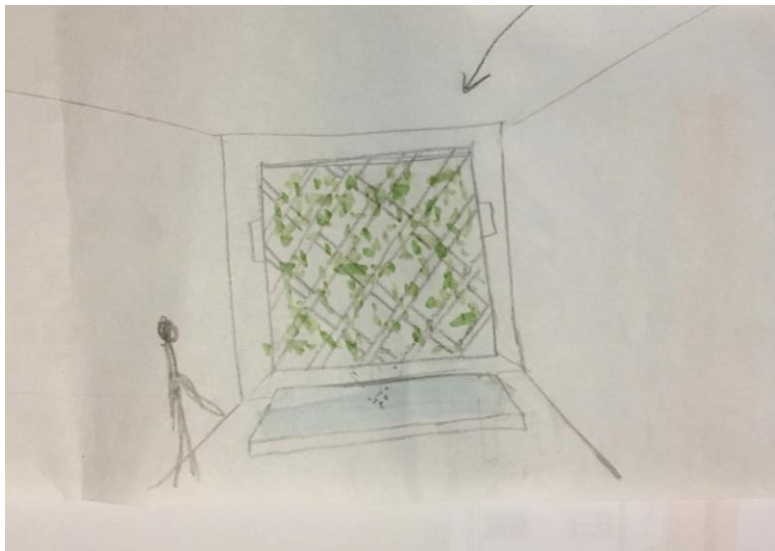


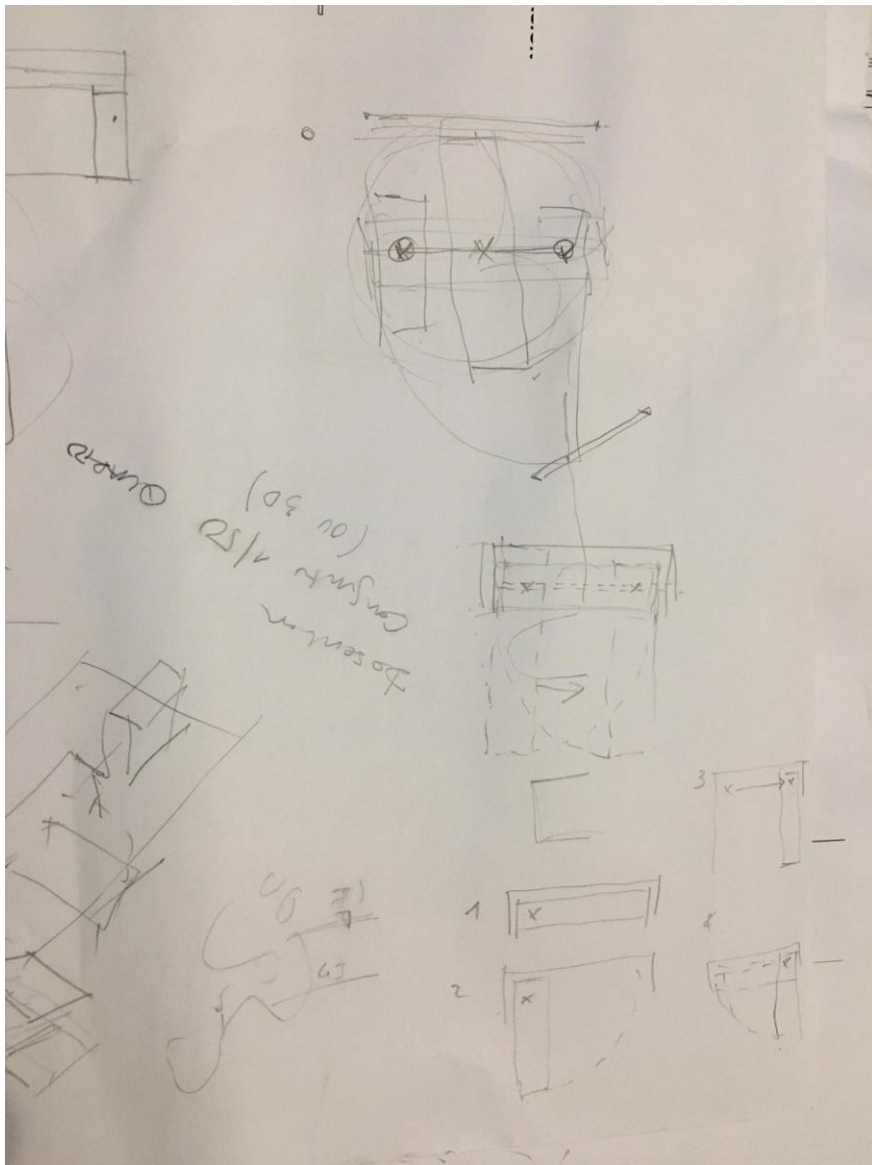
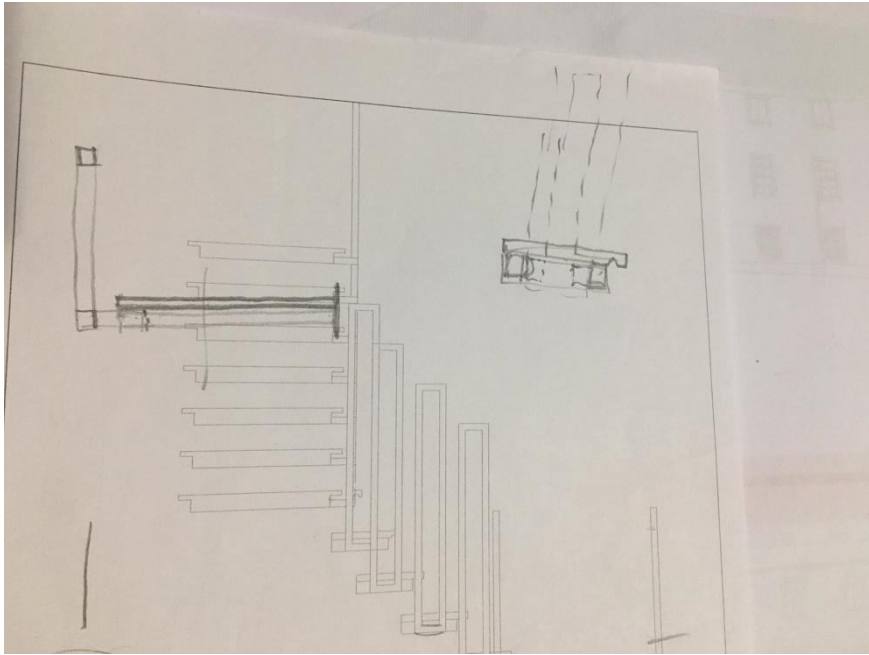


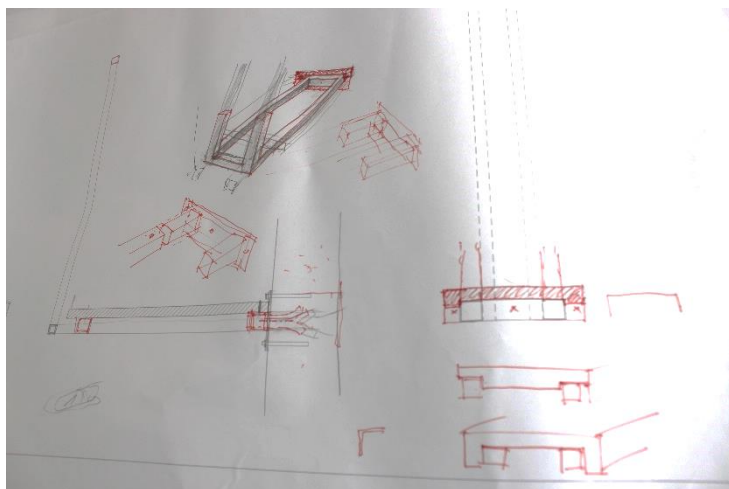
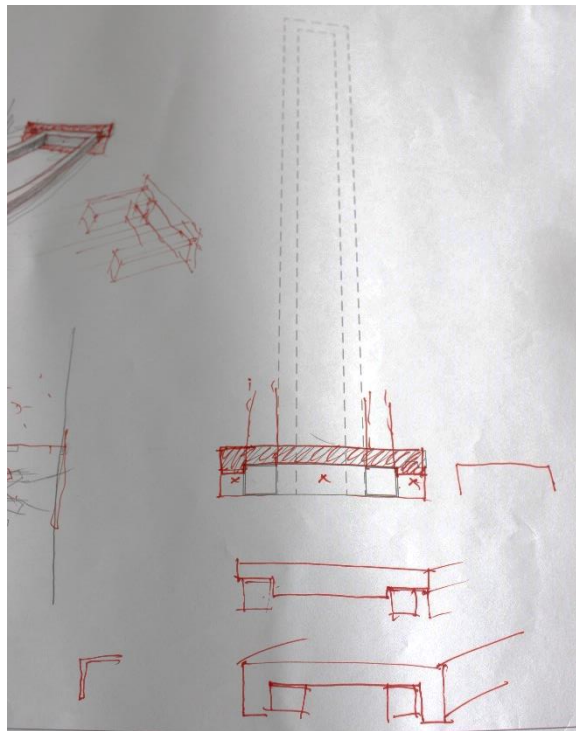
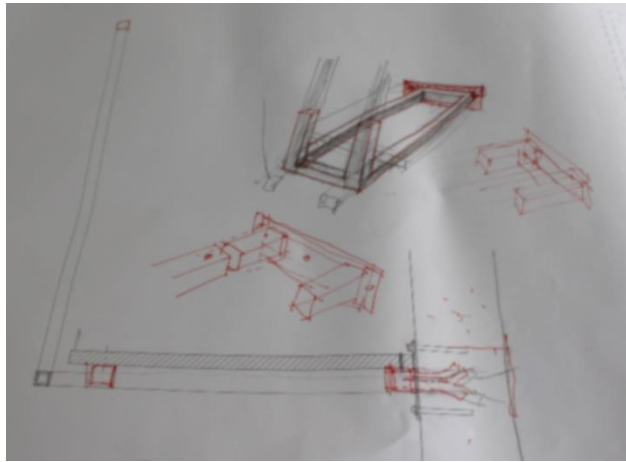
















FOTOGRAFIAS DO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM E DA SUA ENVOLVENTE











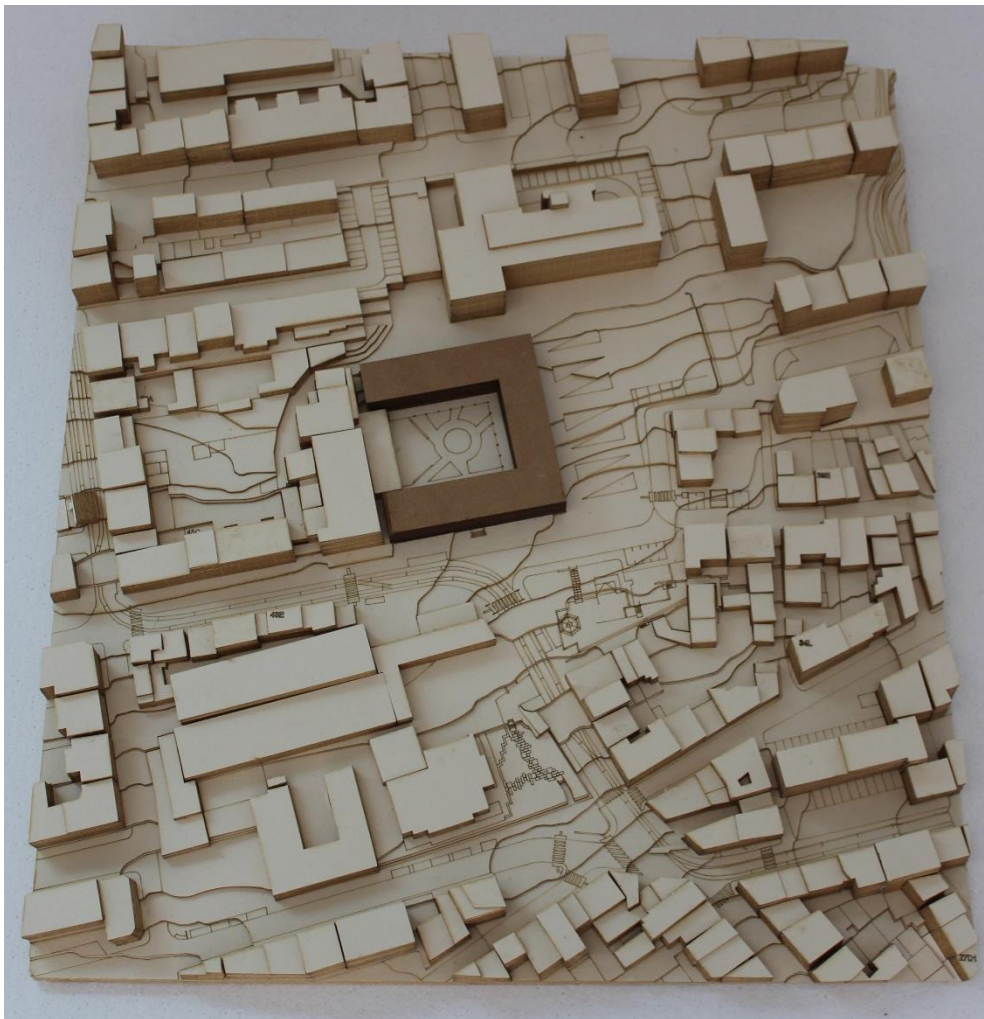


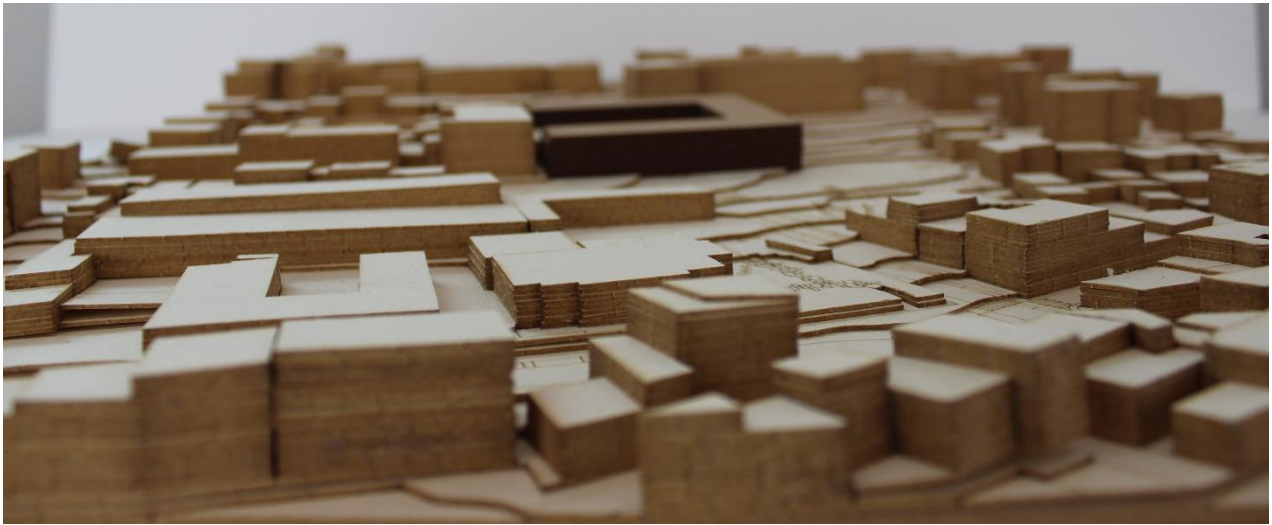
PEÇAS DESENHADAS

P01 – Planta de implantação vermelhos e amarelos
P02 – Planta vermelhos e amarelos piso 0
P03 – Planta vermelhos e amarelos piso 1
P04 – Planta vermelhos e amarelos piso 2
P05 – Planta vermelhos e amarelos piso 3
P06 – Planta vermelhos e amarelos cobertura
P07 – Alçados vermelhos e amarelos
P08 – Planta de implantação da proposta
P09 – Perfis da proposta
P10 – Planta piso 0 da proposta
P11 – Planta piso 1 da proposta
P12 – Planta piso 2 da proposta
P13 – Planta piso 3 da proposta
P14 – Planta piso cobertura da proposta
P15 – Alçado principal da proposta
P16 – Alçado nascente da proposta
P17 – Corte AB e IJ da proposta
P18 – Corte ED da proposta
P19 – Planta dos quartos
P20 – Axonometria quarto C.1.16
P21 – Axonometria quarto C.1.16
P22 – Axonometria quarto C.2.26
P23 – Axonometria quarto duplex piso inferior
P24 – Axonometria quarto duplex piso superior
P25 – Detalhe construtivo
P26 – Detalhe construtivo
P27 – Mapa de vãos
P28 – Mapa de vãos
P29 – Mapa de vãos
P30 - Mapa de vãos

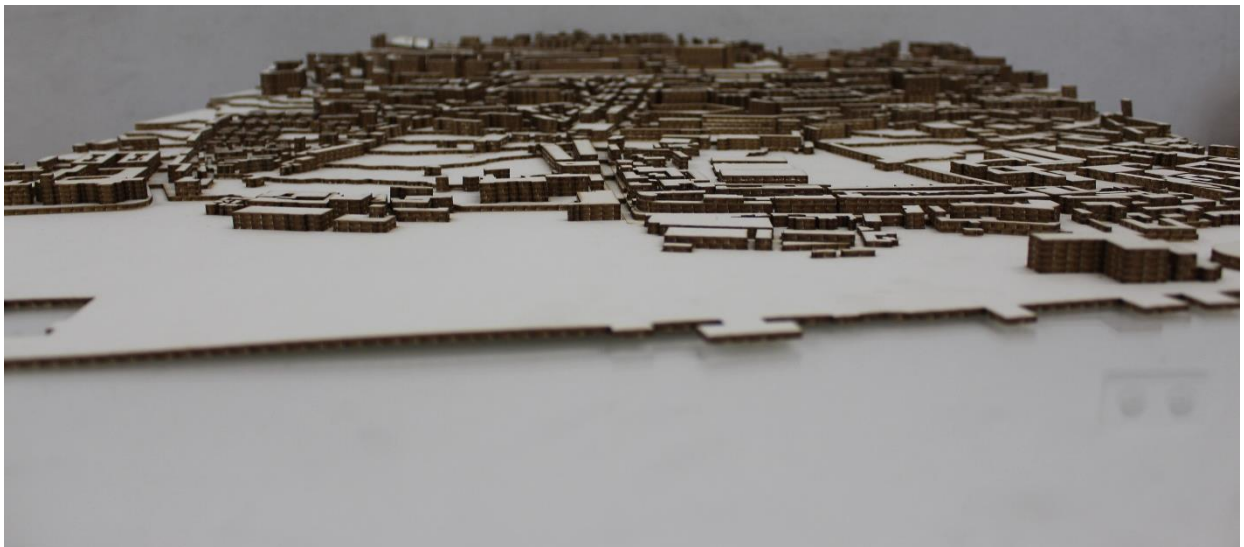
MAQUETAS

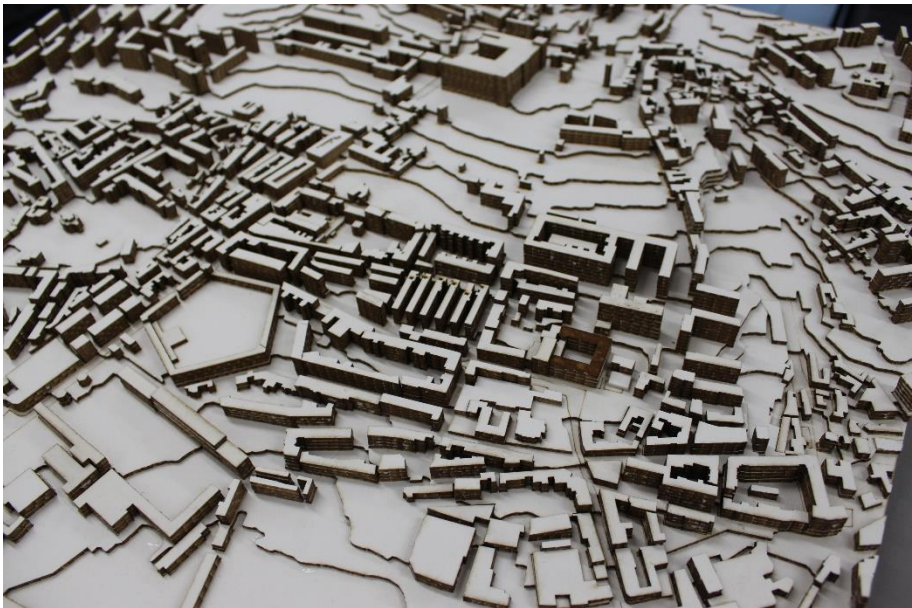
MAQUETA 1/500





MAQUETA 1/2000

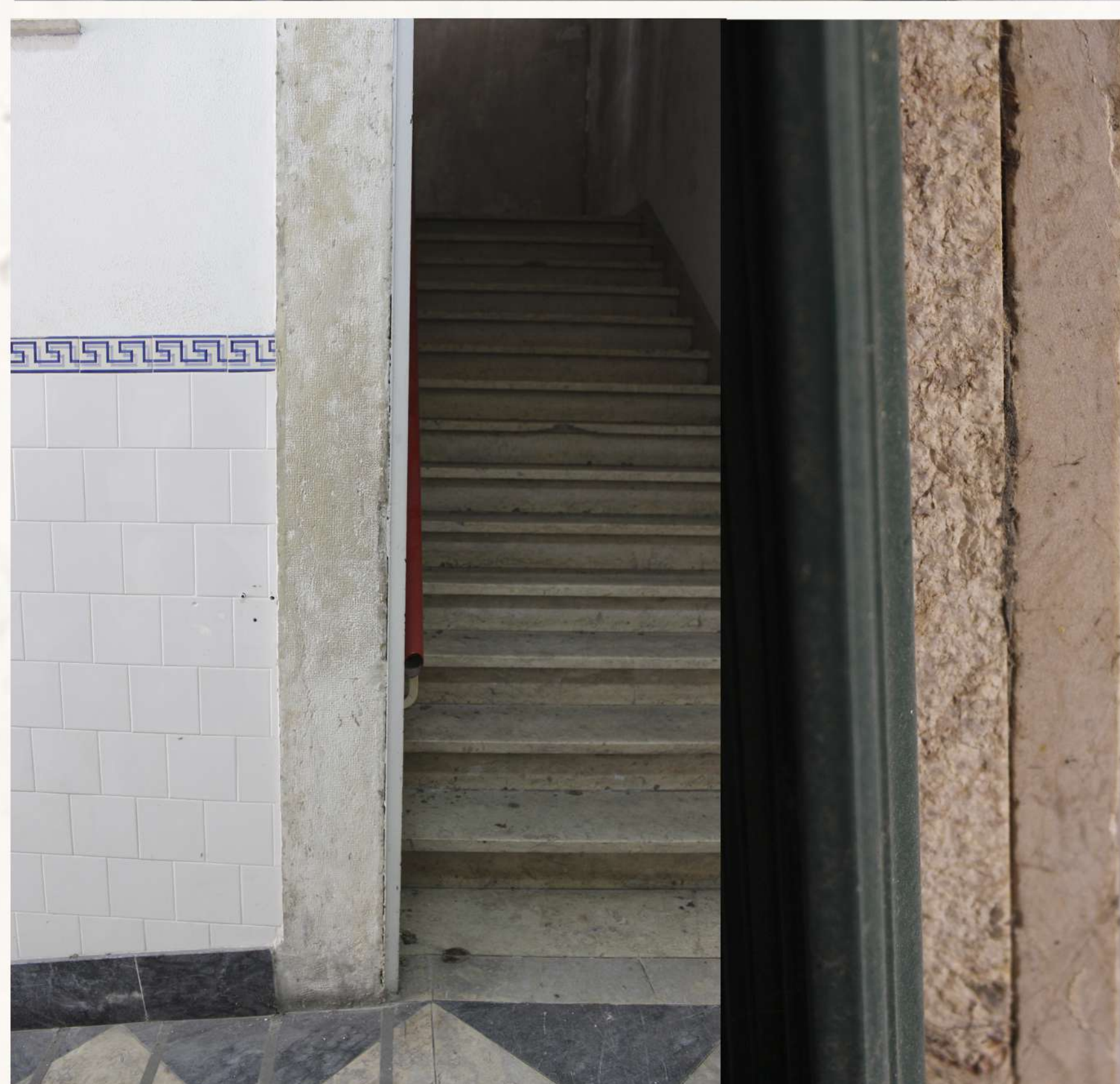
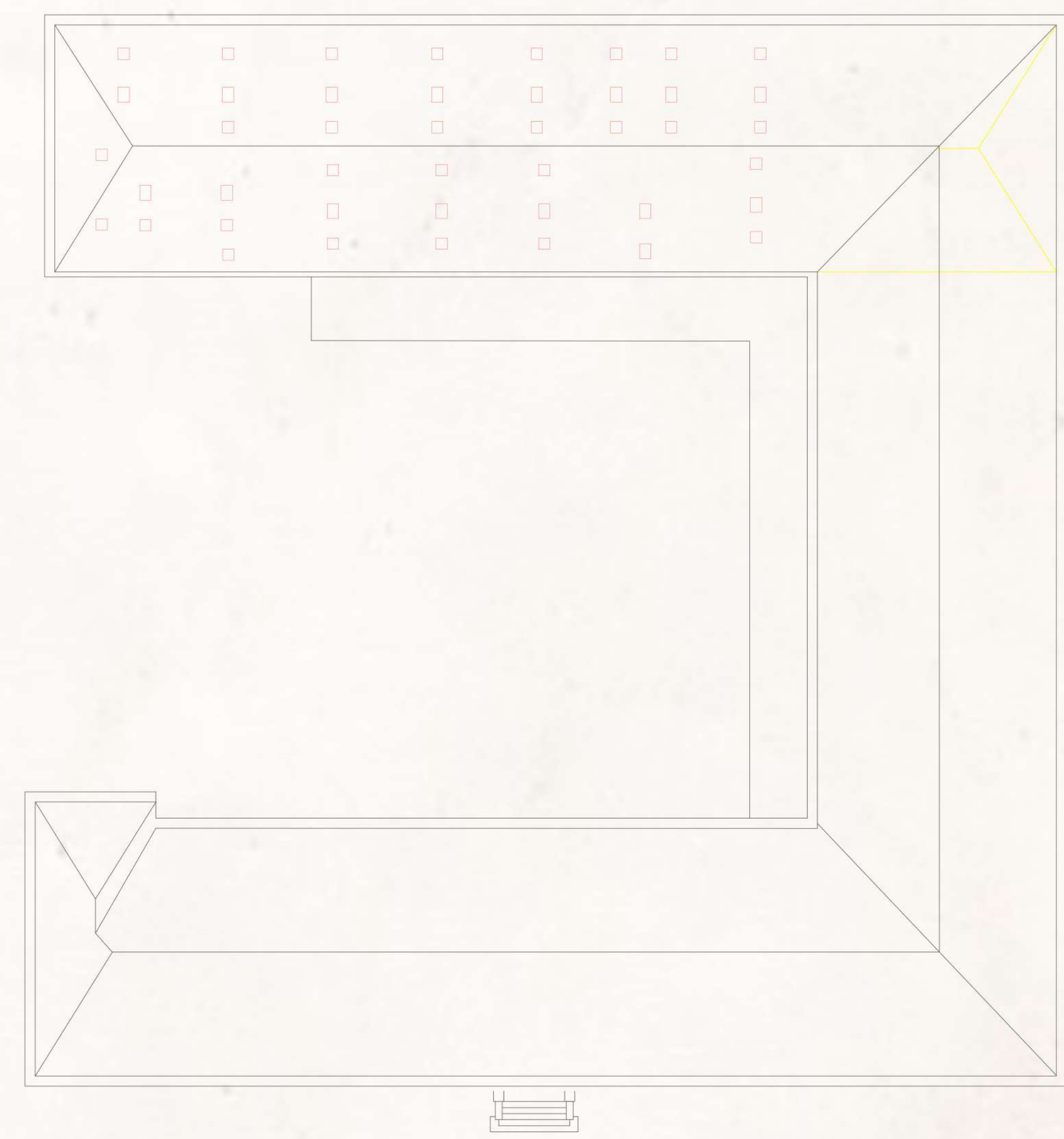
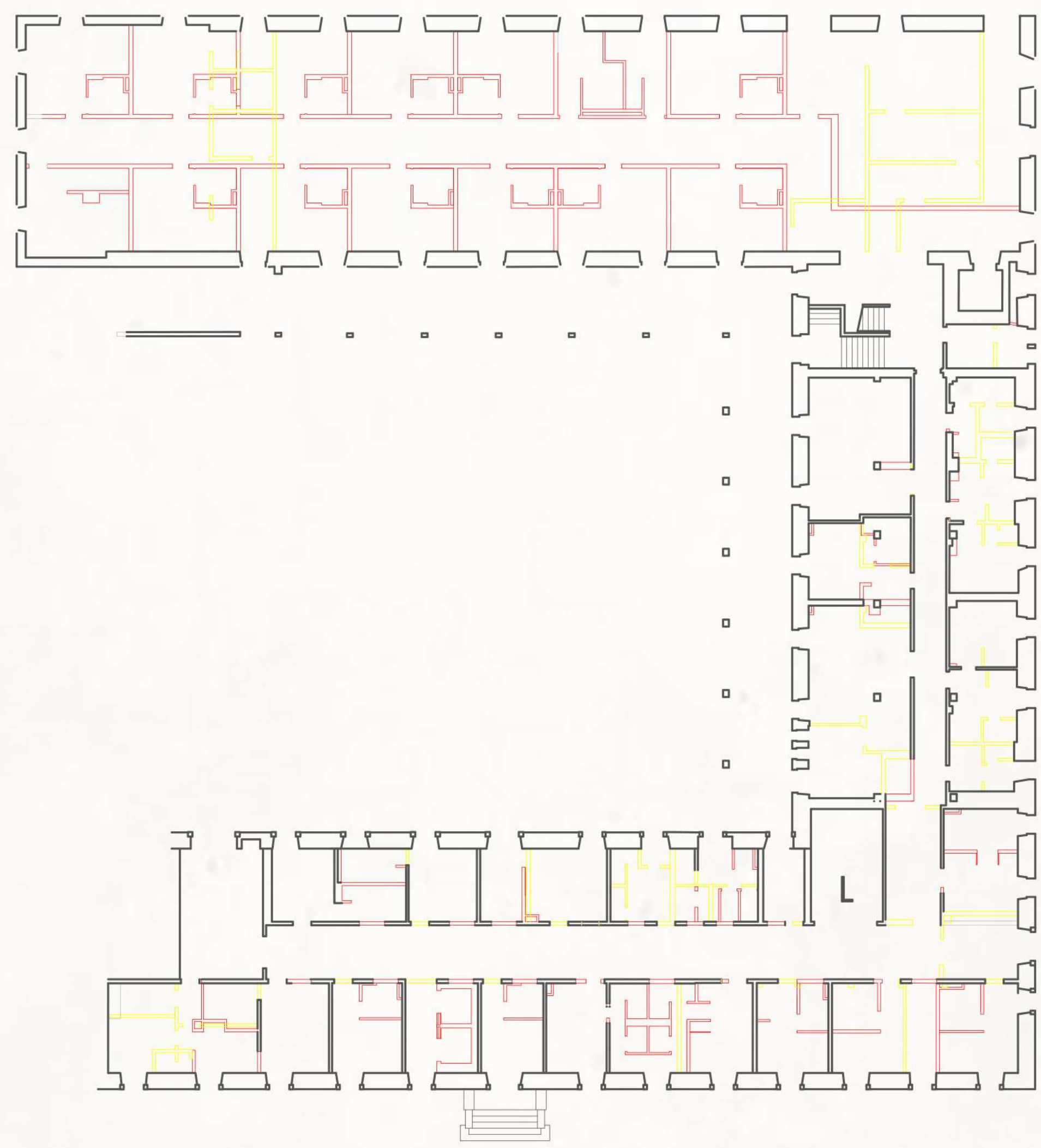
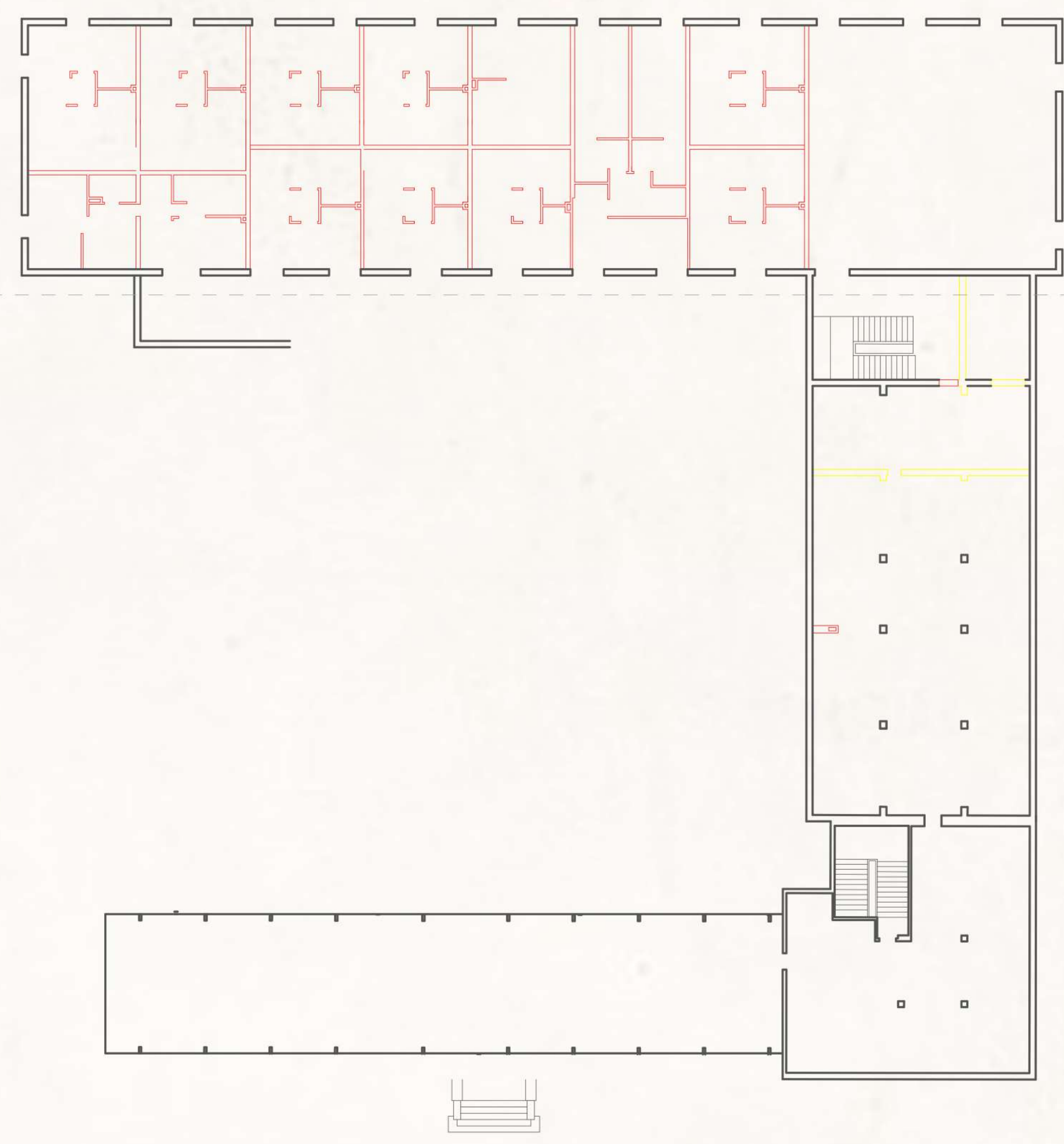
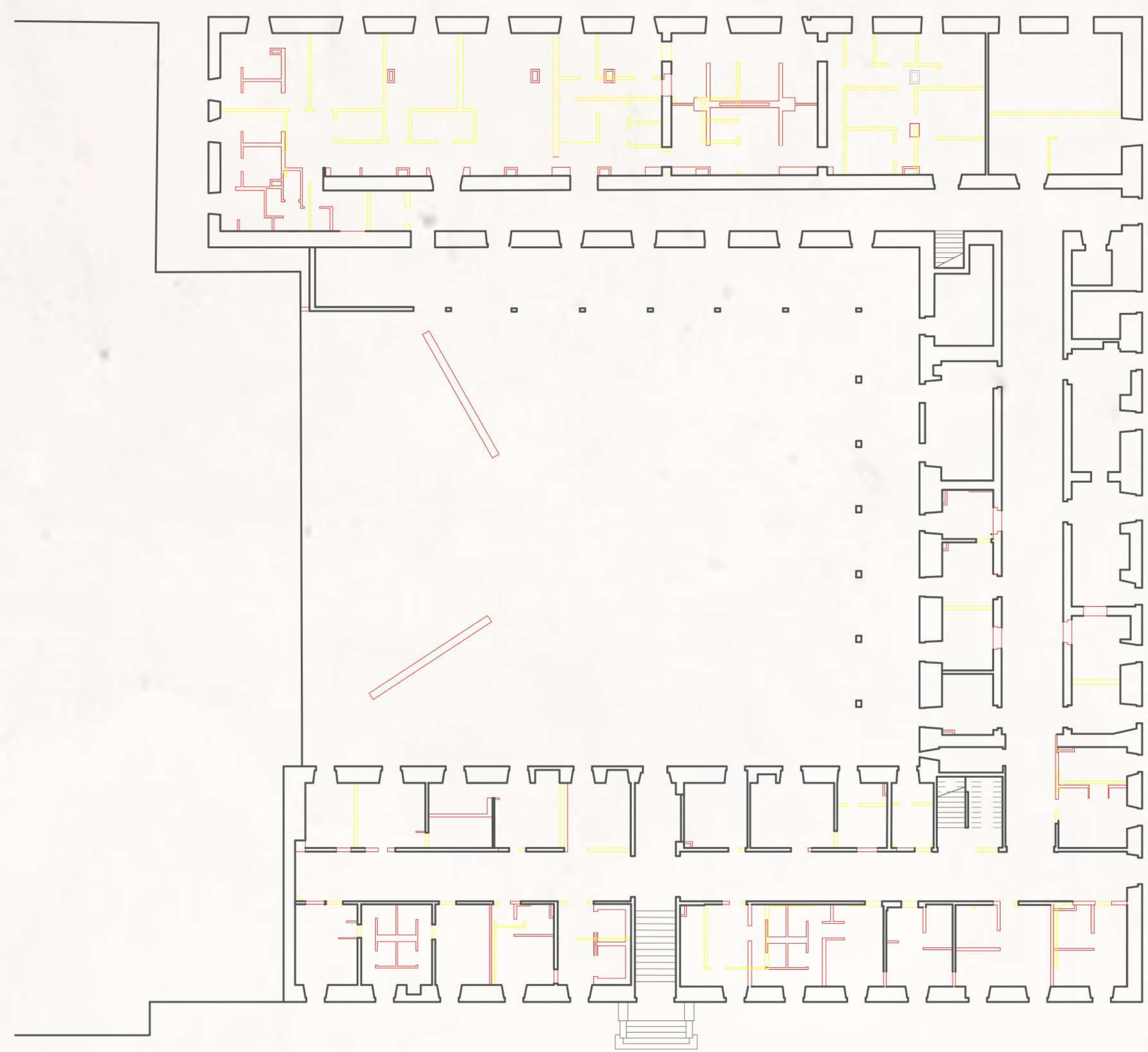




PAINEIS FINAIS



CARTOGRAFIA 1884

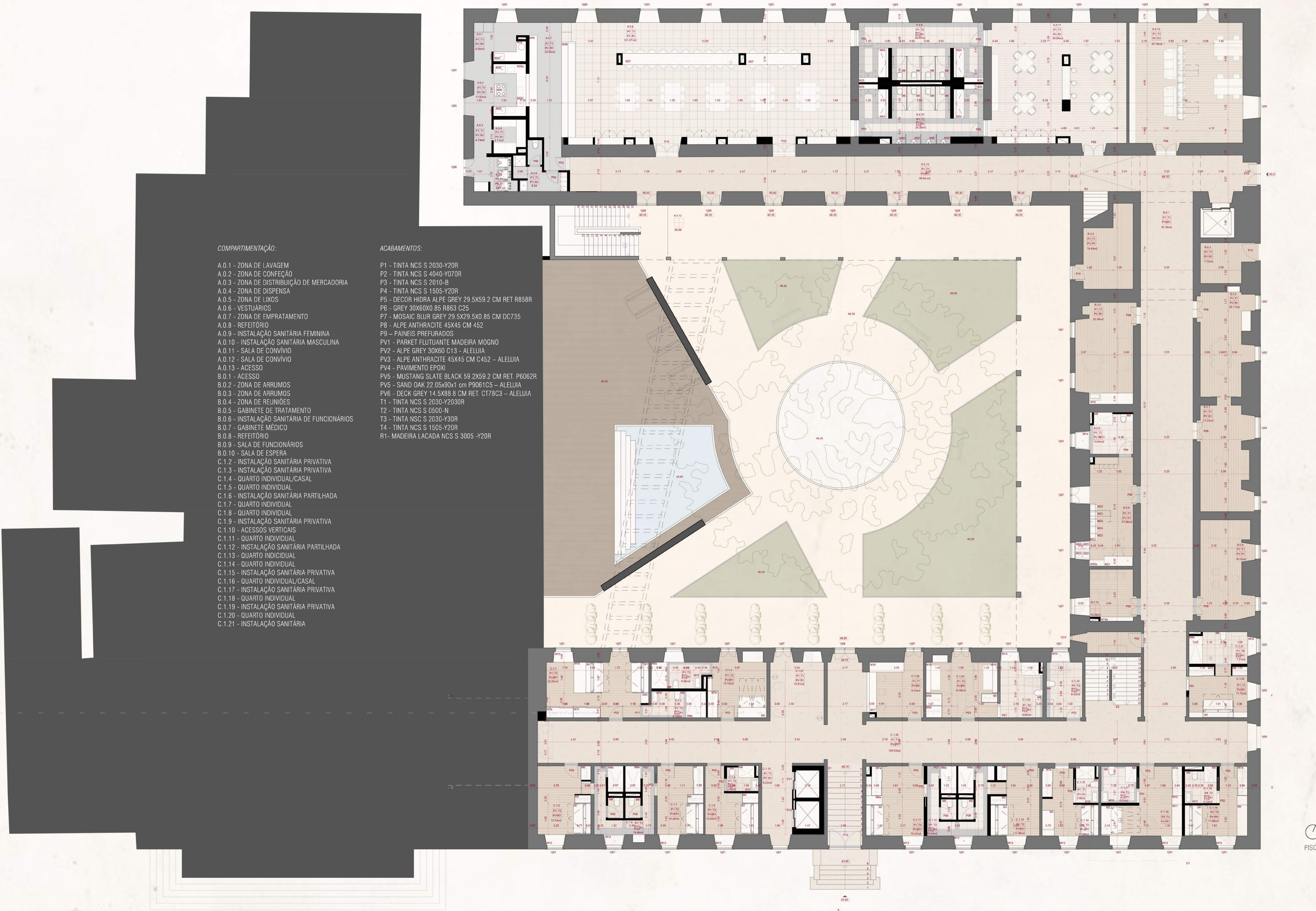
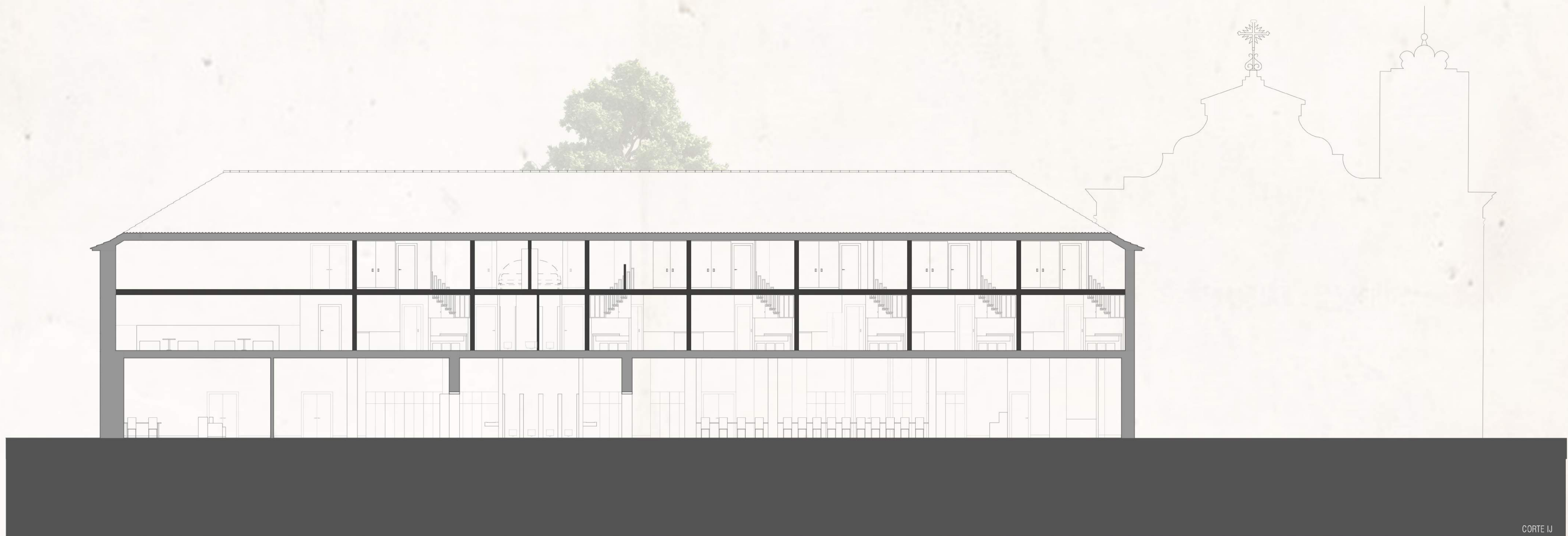




- COMPARTIMENTAÇÃO:**
- C.0.1 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.2 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.3 - ACESSOS VERTICAIS
 - C.0.4 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.5 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.6 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.7 - ZONA COMERCIAL
 - C.0.8 - ACESSOS
 - C.0.9 - ARRUMOS
 - C.0.10 - ACESSOS
 - C.0.11 - ARRUMOS
 - C.0.12 - ZONA COMERCIAL

- ACABAMENTOS**
- PV1 - PARKET FLUTUANTE, MADEIRA MOGNO
 - PV4 - PAVIMENTO EPOXI





- COMPARTIMENTAÇÃO:**
- A.0.1 - ZONA DE LAVAGEM
 - A.0.2 - ZONA DE COZINHA
 - A.0.3 - ZONA DE DISTRIBUIÇÃO DE MERCADORIA
 - A.0.4 - ZONA DE DISPENSA
 - A.0.5 - ZONA DE LIXOS
 - A.0.6 - VESTUÁRIOS
 - A.0.7 - ZONA DE EMPRATAMENTO
 - A.0.8 - REFEITÓRIO
 - A.0.9 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
 - A.0.10 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
 - A.0.11 - SALA DE CONVÍVIO
 - A.0.12 - SALA DE CONVÍVIO
 - A.0.13 - ACESSO
 - B.0.1 - ACESSO
 - B.0.2 - ZONA DE ARRUMOS
 - B.0.3 - ZONA DE ARRUMOS
 - B.0.4 - ZONA DE REUNIÕES
 - B.0.5 - GABINETE DE TRATAMENTO
 - B.0.6 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA DE FUNCIONÁRIOS
 - B.0.7 - GABINETE MÉDICO
 - B.0.8 - REFEITÓRIO
 - B.0.9 - SALA DE FUNCIONÁRIOS
 - B.0.10 - SALA DE ESPERA
 - C.1.2 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.3 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.4 - QUARTO INDIVIDUAL/CASAL
 - C.1.5 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.6 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PARTILHADA
 - C.1.7 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.8 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.9 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.10 - ACESSOS VERTICAIS
 - C.1.11 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.12 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PARTILHADA
 - C.1.13 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.14 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.15 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.16 - QUARTO INDIVIDUAL/CASAL
 - C.1.17 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.18 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.19 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
 - C.1.20 - QUARTO INDIVIDUAL
 - C.1.21 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA

- ACABAMENTOS:**
- P1 - TINTA NCS S 2030-Y20R
 - P2 - TINTA NCS S 4040-Y070R
 - P3 - TINTA NCS S 2010-B
 - P4 - TINTA NCS S 1505-Y20R
 - P5 - DECOR HIDRA ALPE GREY 29 5X59 2 CM RET R858R
 - P6 - GREY 30X60X85 R863 C25
 - P7 - MOSAIC BLUR GREY 29 5X29 5X0 85 CM DC735
 - P8 - ALPE ANTHRACITE 45X45 CM 452
 - P9 - PAINÉIS PREFURADOS
 - PV1 - PARKET FLUTUANTE MADEIRA MOGNO
 - PV2 - ALPE GREY 30X60 C13 - ALELUIA
 - PV3 - ALPE ANTHRACITE 45X45 CM C452 - ALELUIA
 - PV4 - PAVIMENTO EPDM
 - PV5 - MUSTANG SLATE BLACK 59 2X59 2 CM RET. P6062R
 - PV6 - SAND OAK 22 05X9041 CM P9061CS - ALELUIA
 - T1 - TINTA NCS S 2030-Y2030R
 - T2 - TINTA NCS S 0500-N
 - T3 - TINTA NCS S 2030-Y30R
 - T4 - TINTA NCS S 1505-Y20R
 - R1 - MADEIRA LACADA NCS S 3005 -Y20R

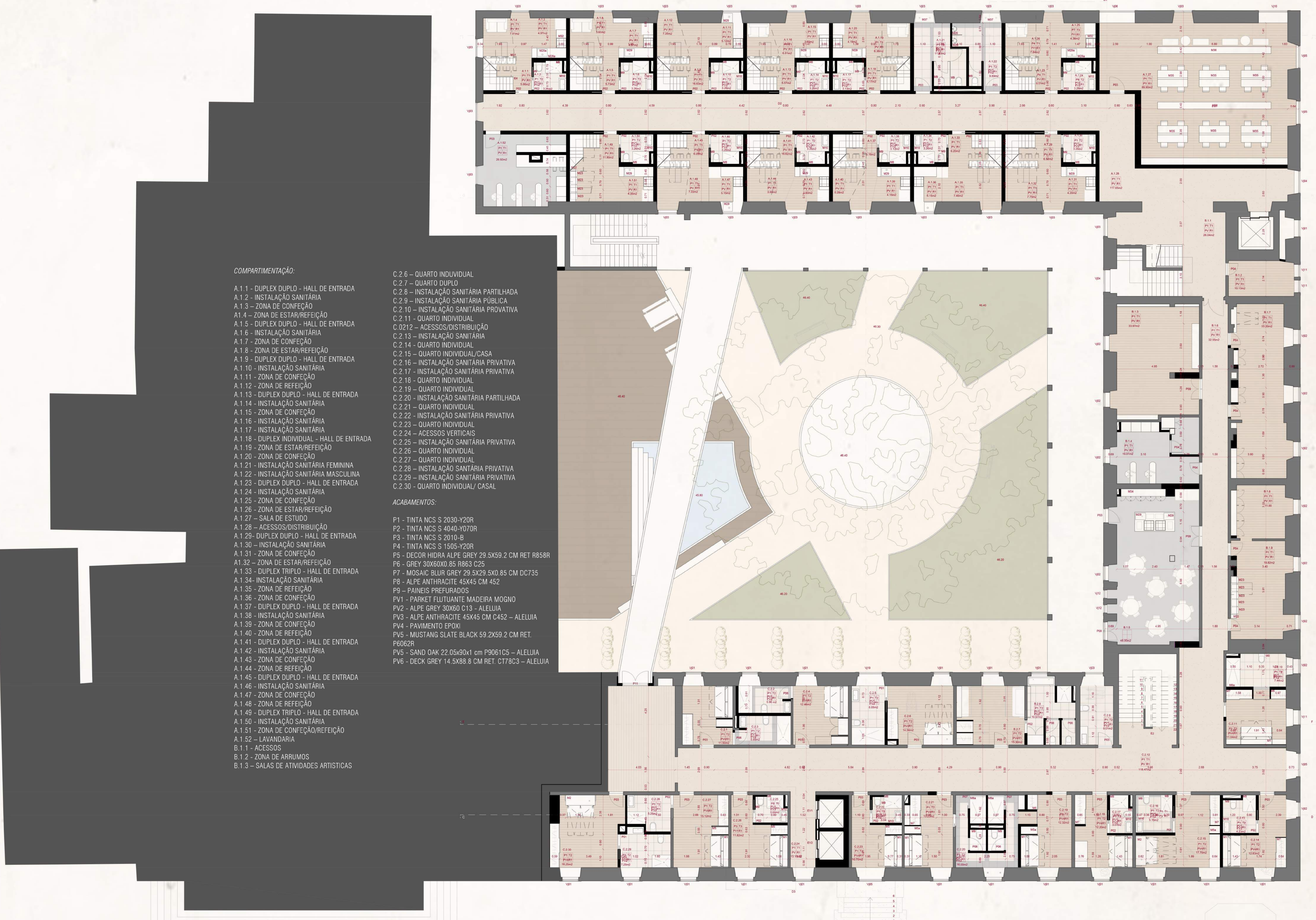
COMPARTIMENTAÇÃO:

- A.1.1 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.2 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.3 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.4 - ZONA DE ESTAR/REFEIÇÃO
- A.1.5 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.6 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.7 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.8 - ZONA DE ESTAR/REFEIÇÃO
- A.1.9 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.10 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.11 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.12 - ZONA DE REFEIÇÃO
- A.1.13 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.14 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.15 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.16 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.17 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.18 - DUPLEX INDIVIDUAL - HALL DE ENTRADA
- A.1.19 - ZONA DE ESTAR/REFEIÇÃO
- A.1.20 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.21 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA FEMININA
- A.1.22 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA MASCULINA
- A.1.23 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.24 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.25 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.26 - ZONA DE ESTAR/REFEIÇÃO
- A.1.27 - SALA DE ESTUDO
- A.1.28 - ACESSOS/DISTRIBUIÇÃO
- A.1.29 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.30 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.31 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.32 - ZONA DE ESTAR/REFEIÇÃO
- A.1.33 - DUPLEX TRIPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.34 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.35 - ZONA DE REFEIÇÃO
- A.1.36 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.37 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.38 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.39 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.40 - ZONA DE REFEIÇÃO
- A.1.41 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.42 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.43 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.44 - ZONA DE REFEIÇÃO
- A.1.45 - DUPLEX DUPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.46 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.47 - ZONA DE CONFEÇÃO
- A.1.48 - ZONA DE REFEIÇÃO
- A.1.49 - DUPLEX TRIPLO - HALL DE ENTRADA
- A.1.50 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- A.1.51 - ZONA DE CONFEÇÃO/REFEIÇÃO
- A.1.52 - LAVANDARIA
- B.1.1 - ACESSOS
- B.1.2 - ZONA DE ARRUMOS
- B.1.3 - SALAS DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS

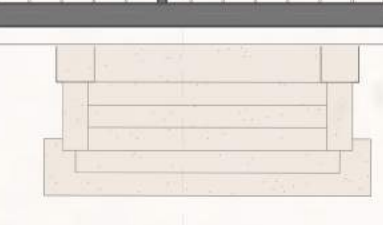
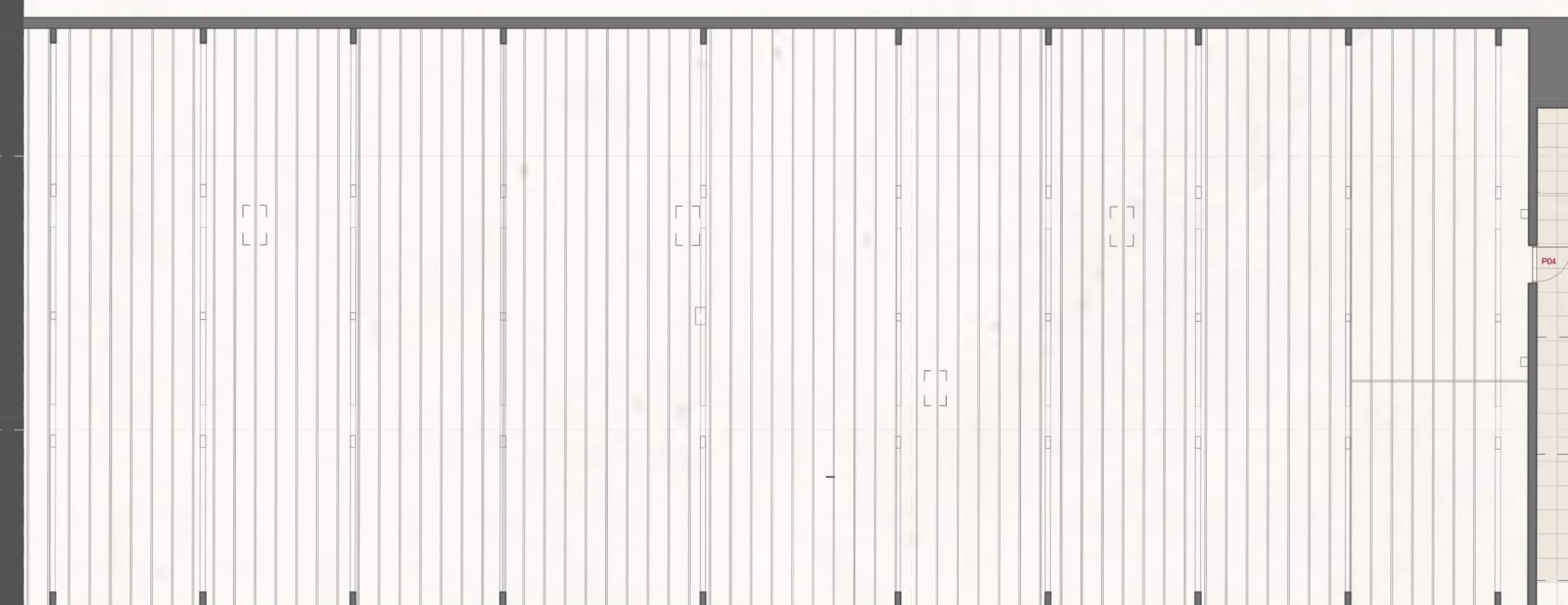
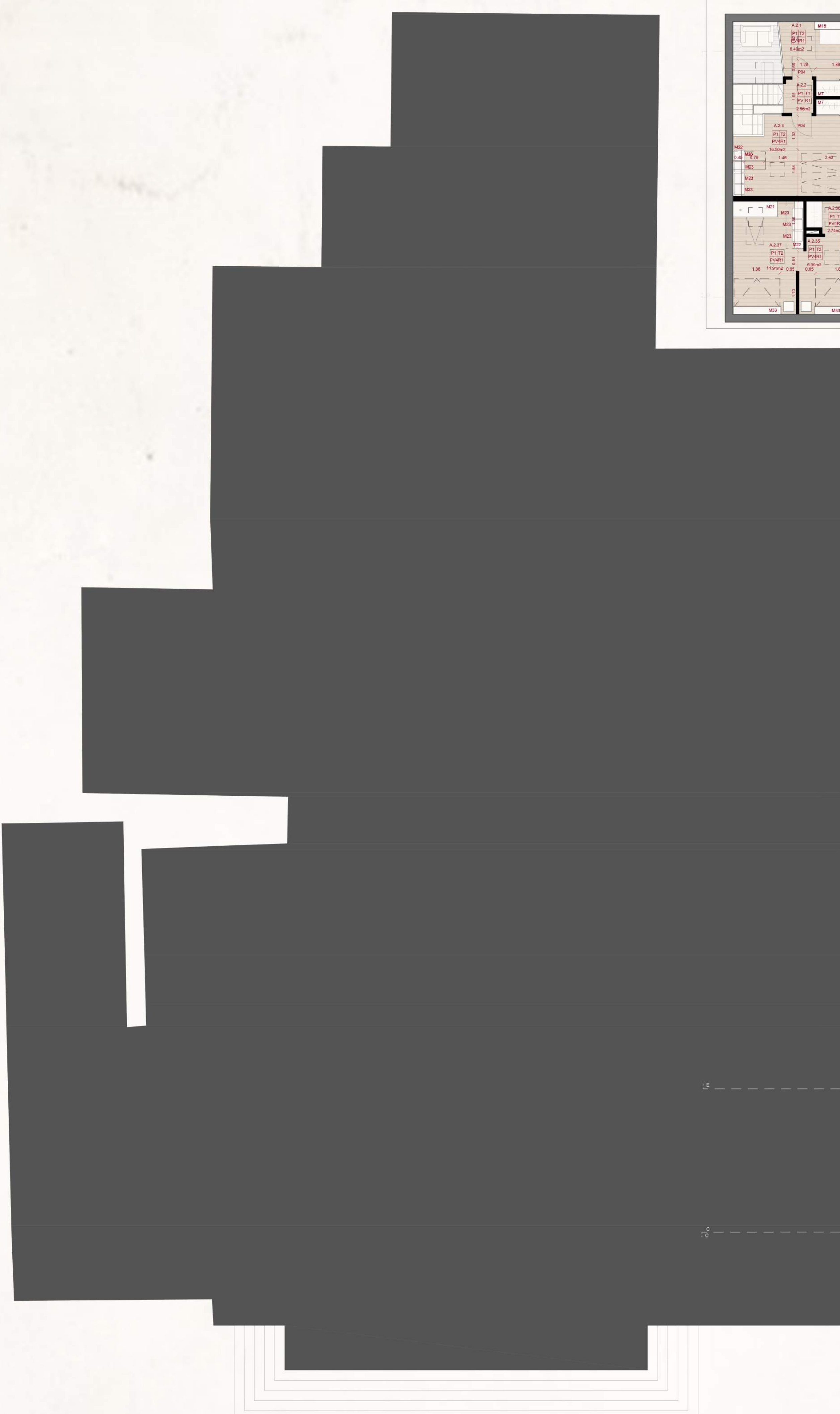
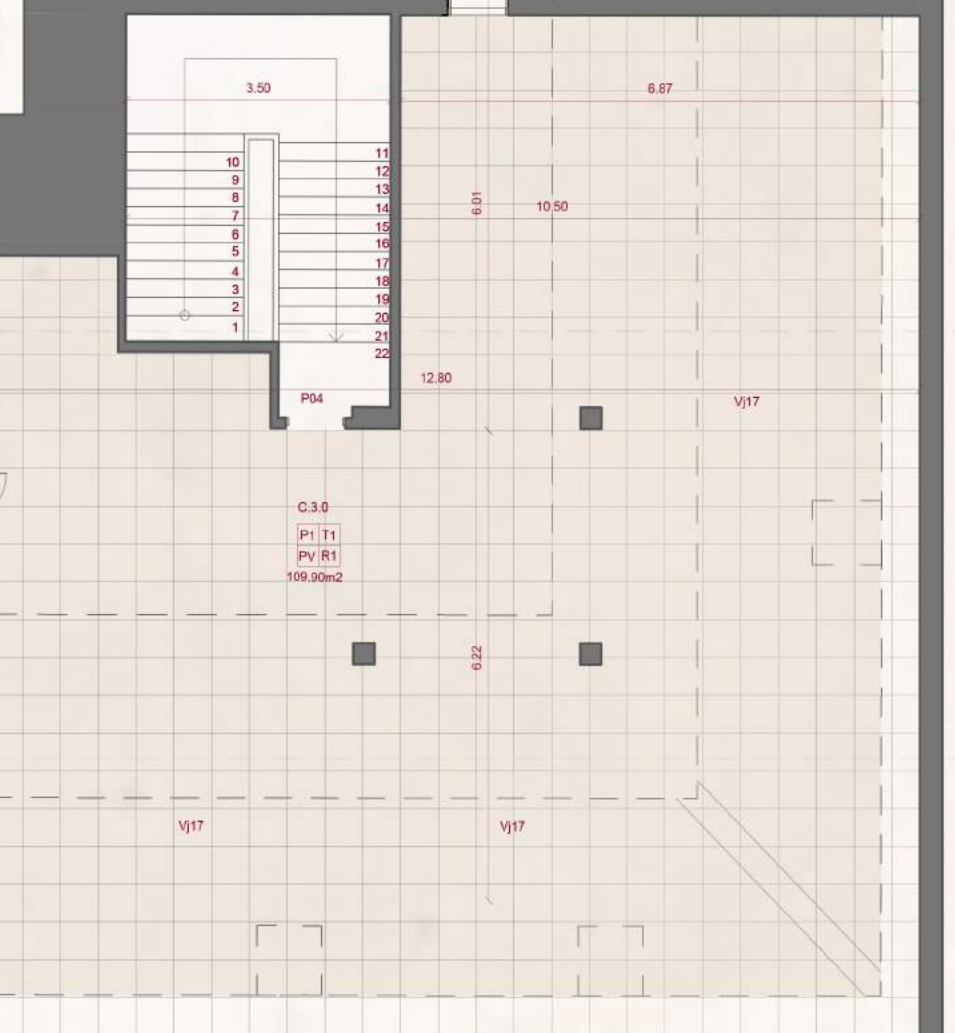
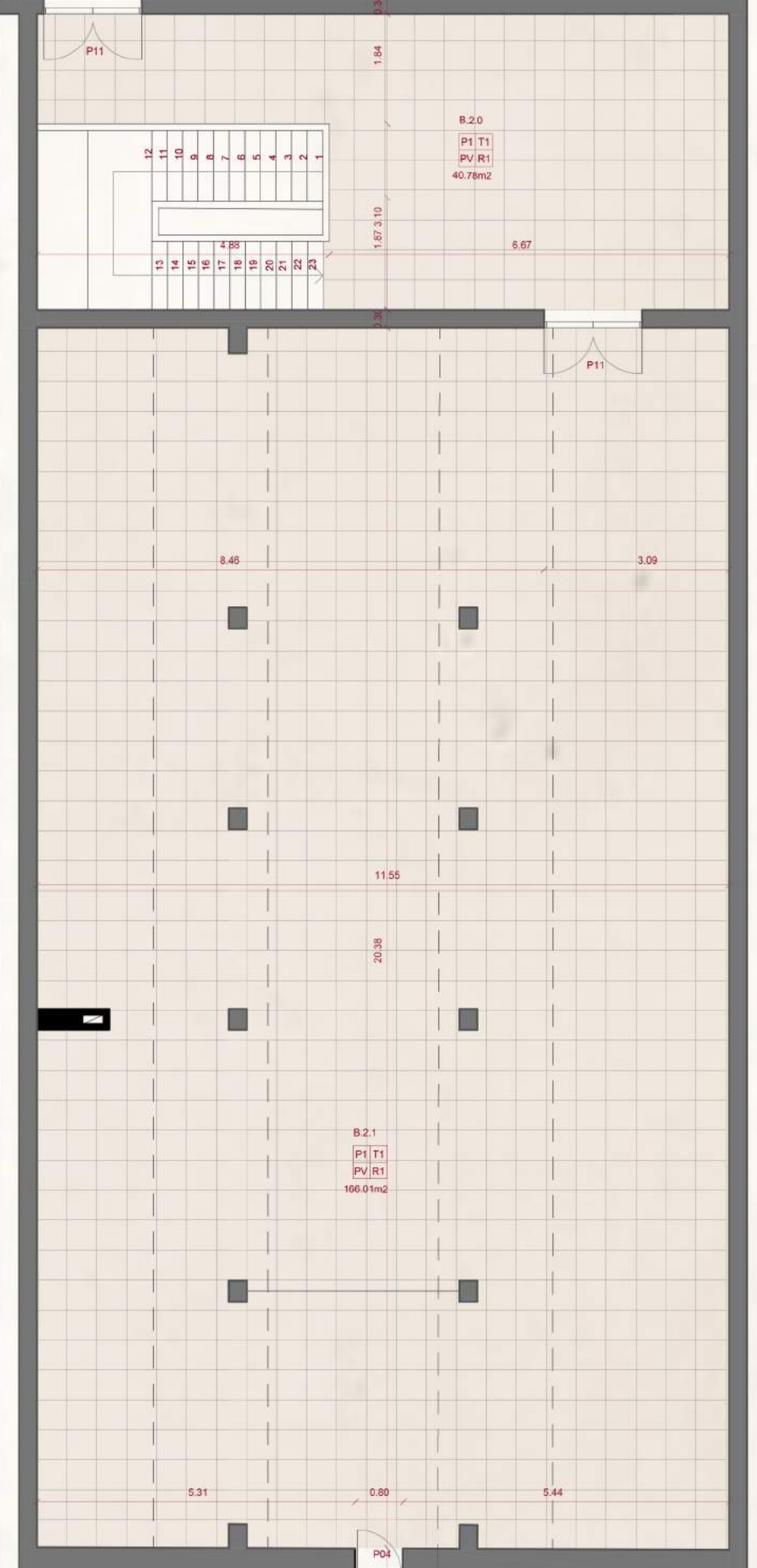
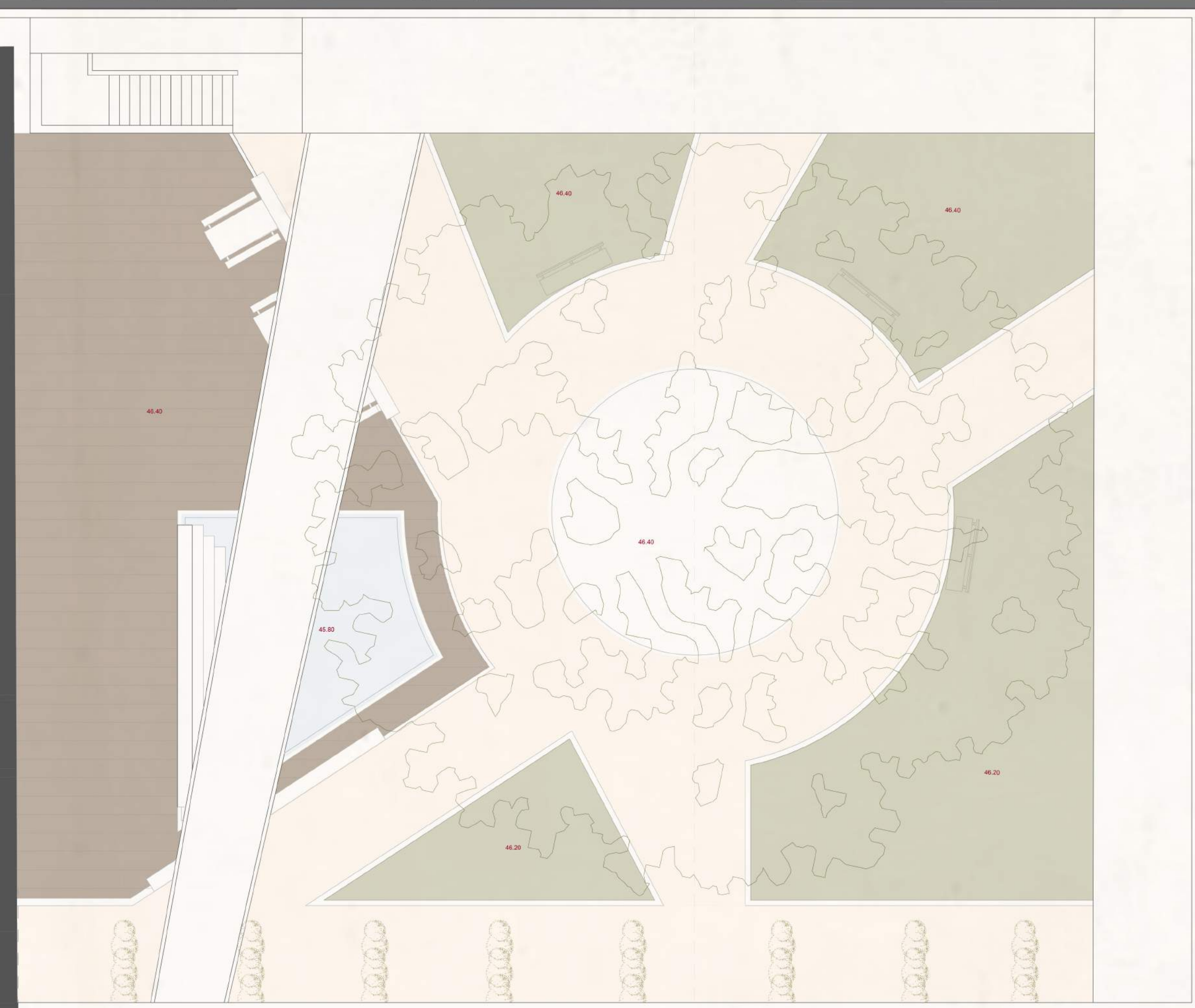
- C.2.6 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.7 - QUARTO DUPLO
- C.2.8 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PARTILHADA
- C.2.9 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PÚBLICA
- C.2.10 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.11 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.12 - ACESSOS/DISTRIBUIÇÃO
- C.2.13 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- C.2.14 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.15 - QUARTO INDIVIDUAL/CASA
- C.2.16 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.17 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.18 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.19 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.20 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PARTILHADA
- C.2.21 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.22 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.23 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.24 - ACESSOS VERTICAIS
- C.2.25 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.26 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.27 - QUARTO INDIVIDUAL
- C.2.28 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.29 - INSTALAÇÃO SANITÁRIA PRIVATIVA
- C.2.30 - QUARTO INDIVIDUAL/CASAL

ACABAMENTOS:

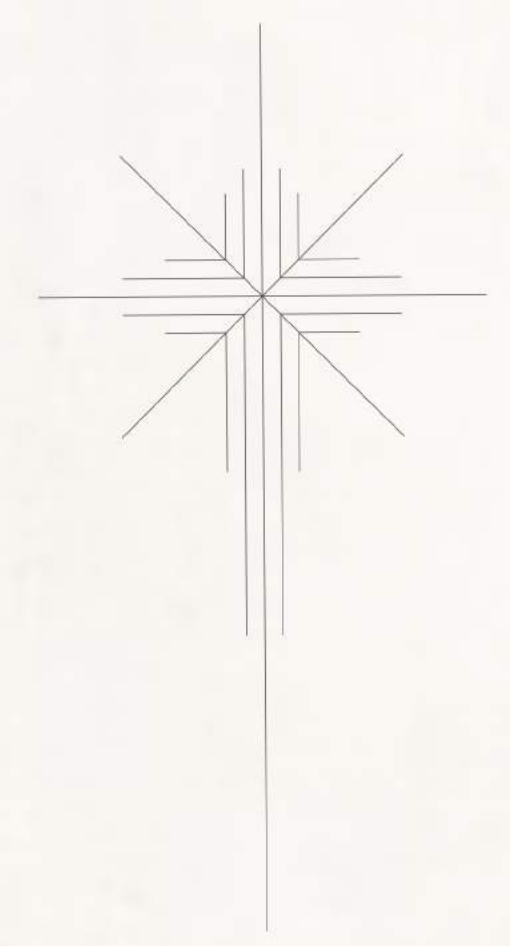
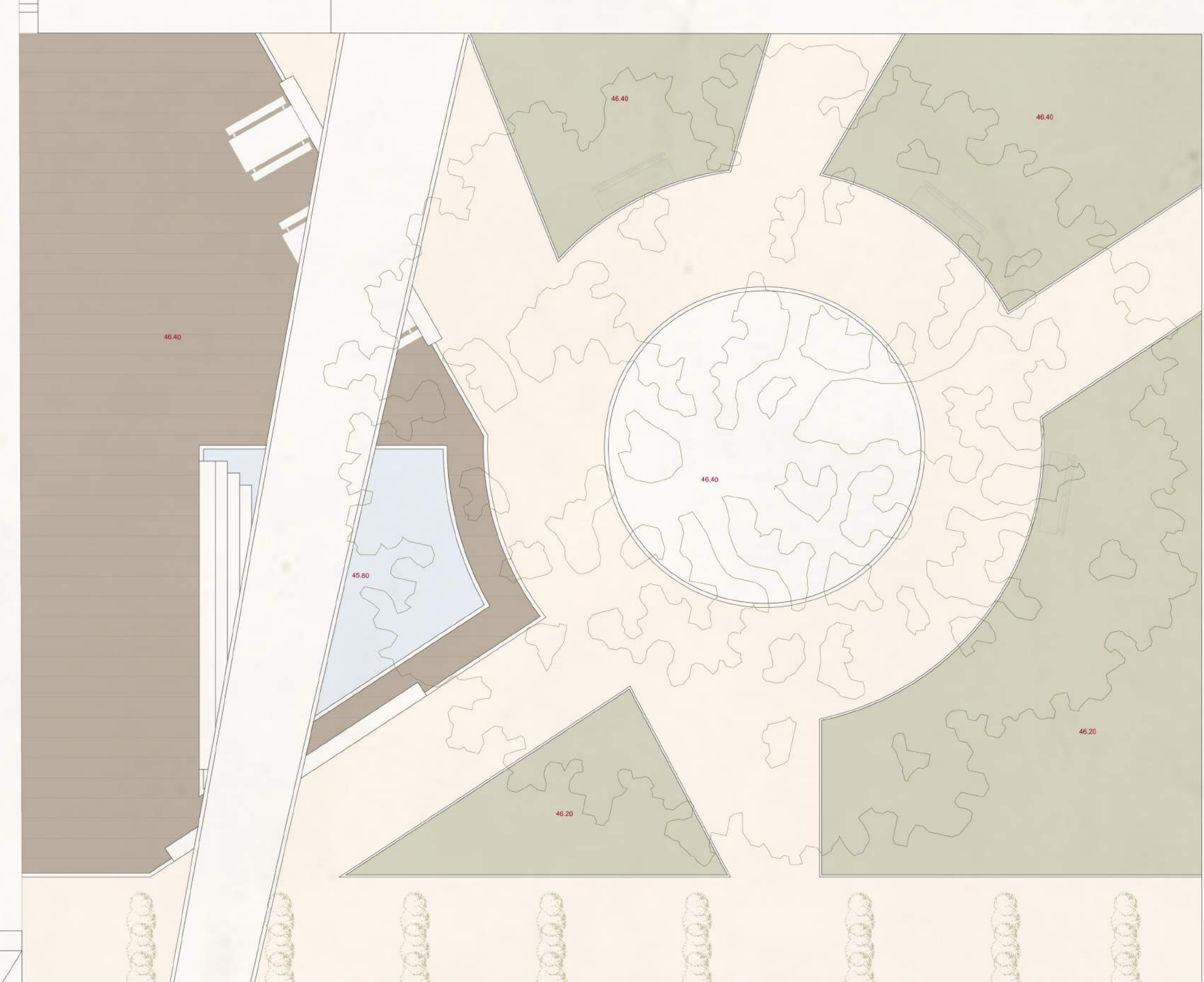
- P1 - TINTA NCS S 2030-Y20R
- P2 - TINTA NCS S 4040-Y070R
- P3 - TINTA NCS S 2010-B
- P4 - TINTA NCS S 1505-Y20R
- P5 - DECOR HIDRA ALPE GREY 29 5X59,2 CM RET R858R
- P6 - GREY 30X60X85 R863 C25
- P7 - MOSAIC BLUR GREY 29 5X29 5X0 85 CM DC735
- P8 - ALPE ANTHRACITE 45X45 CM 452
- P9 - PAINÉIS PREFURADOS
- PV1 - PARQUET FLUTUANTE MADEIRA MOGNO
- PV2 - ALPE GREY 30X60 D13 - ALELUIA
- PV3 - ALPE ANTHRACITE 45X45 CM C452 - ALELUIA
- PV4 - PAVIMENTO EPOXI
- PV5 - MUSTANG SLATE BLACK 59 2X59 2 CM RET. P6062R
- PV6 - SAND OAK 22.05X90X1 CM P9061CS - ALELUIA
- PV6 - DECK GREY 14.3X69 8 CM RET. CT78C3 - ALELUIA



PISO 2

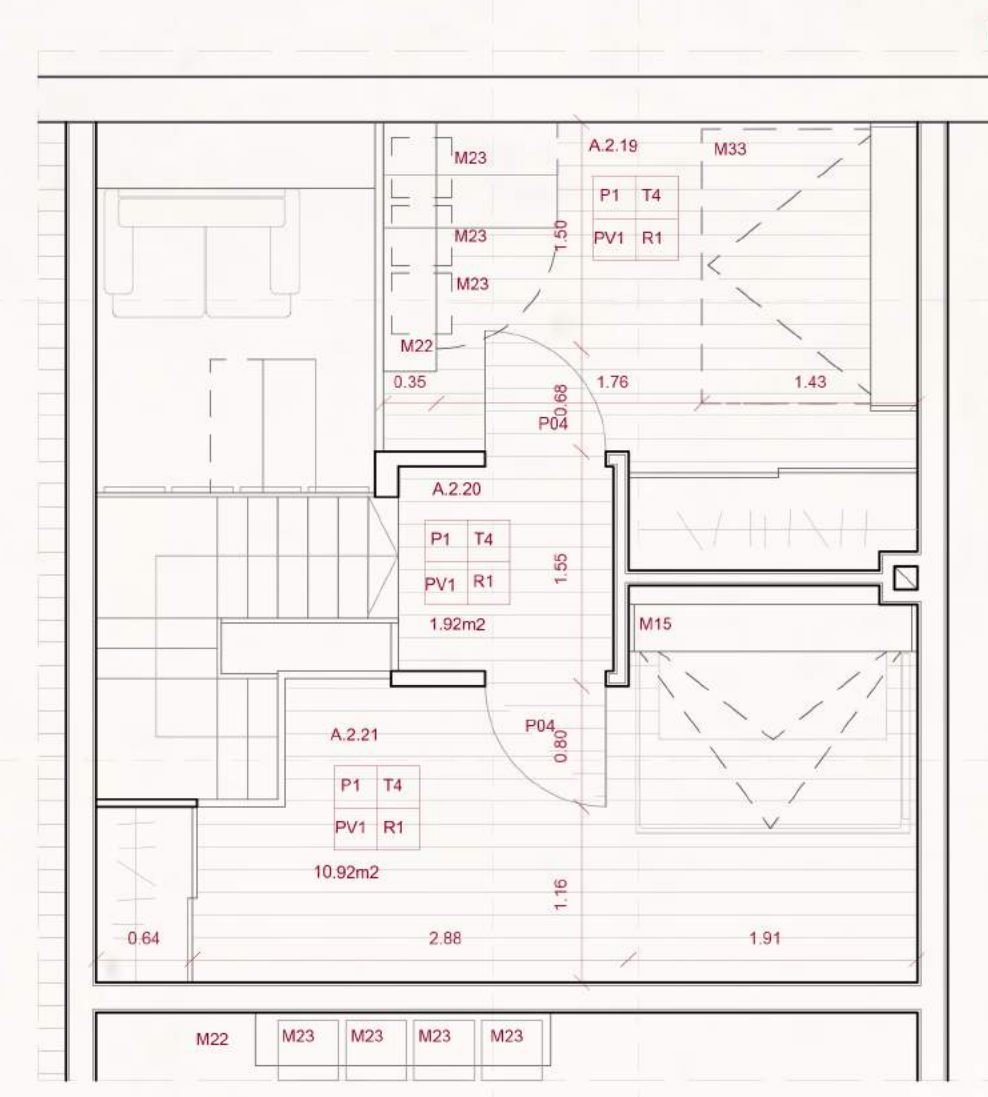
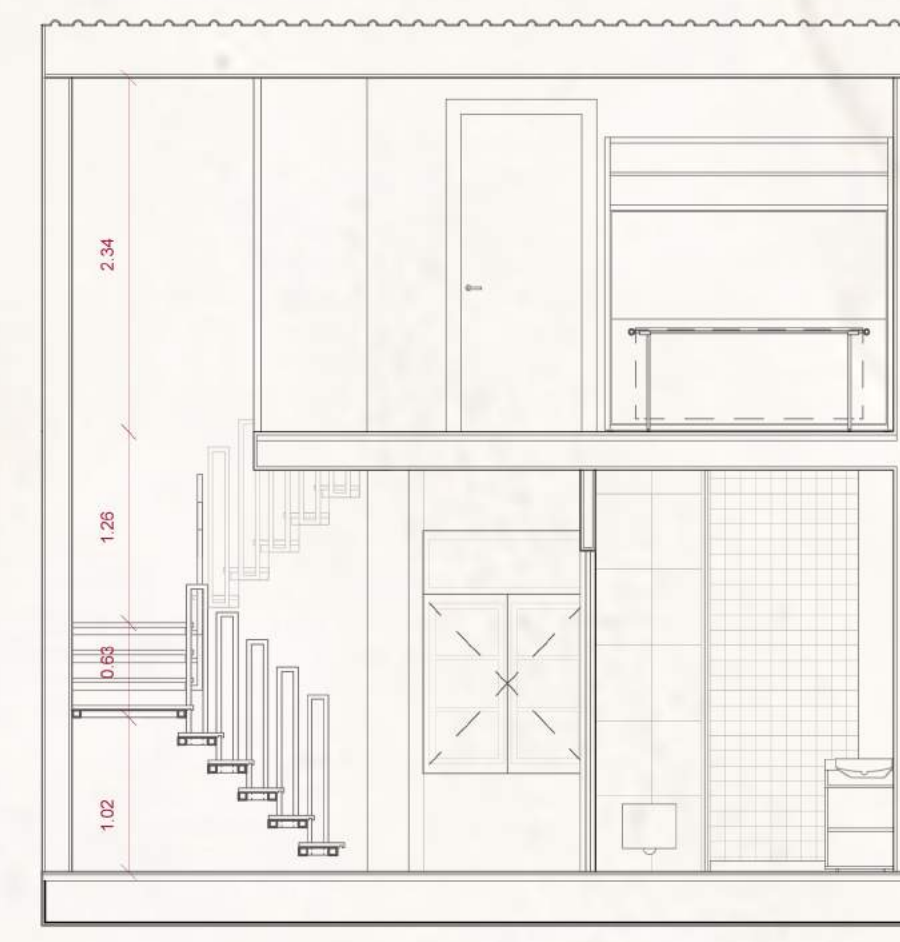
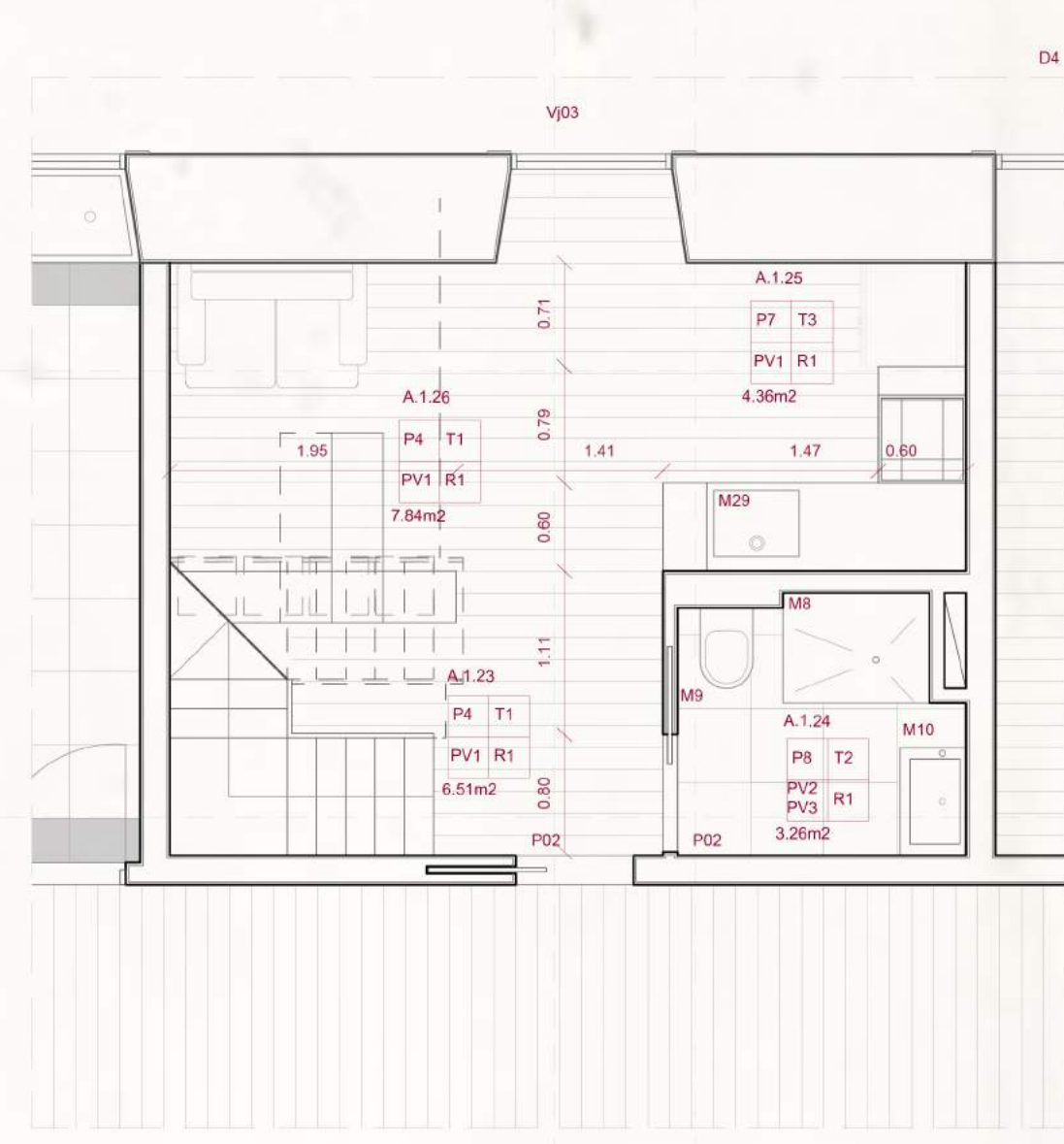
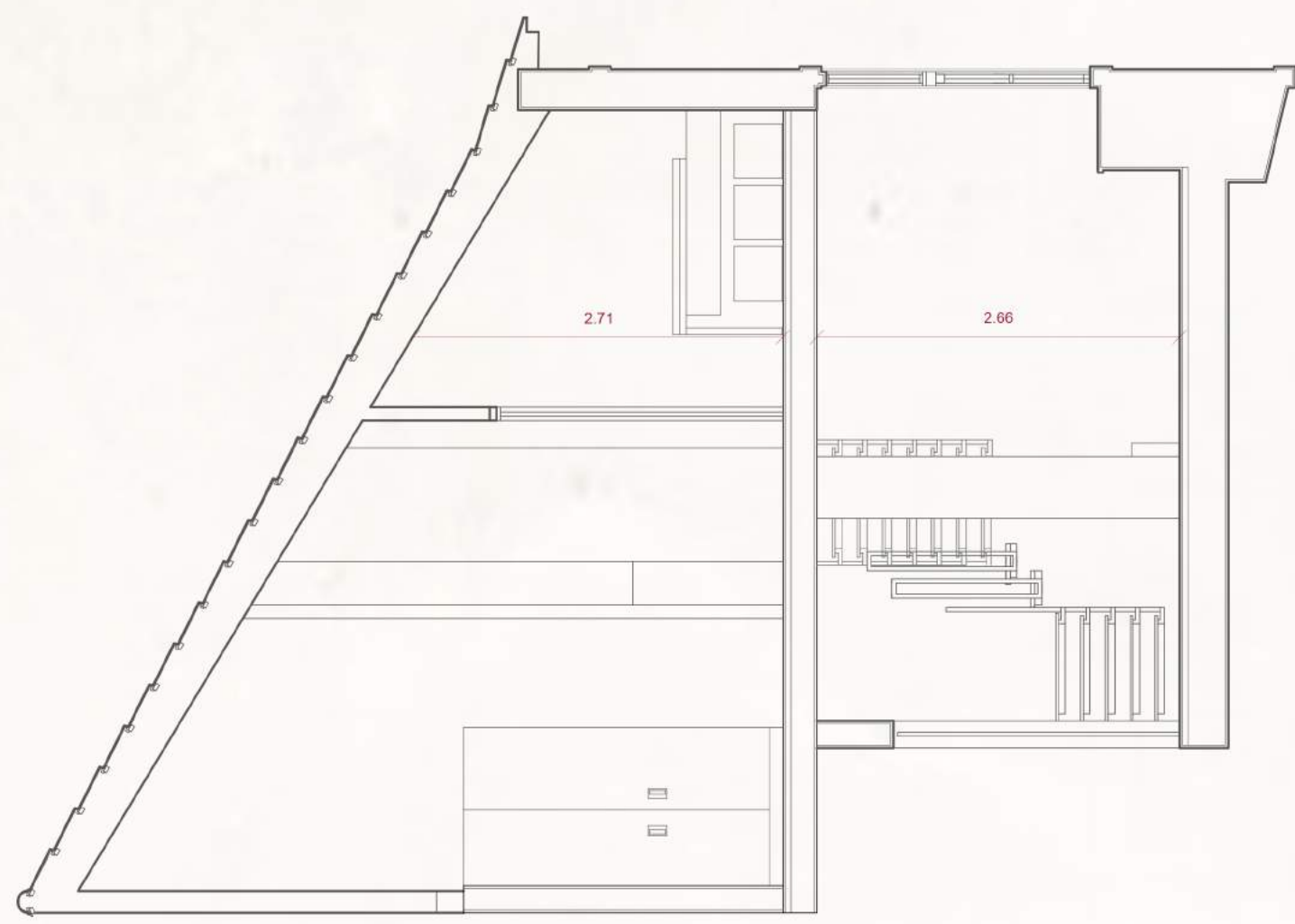


PISO 3

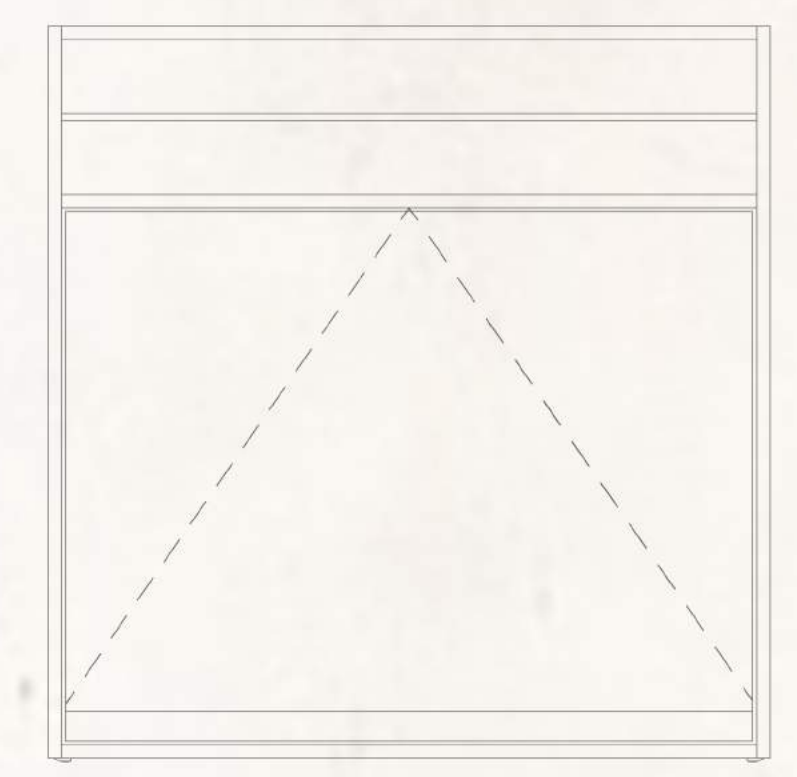
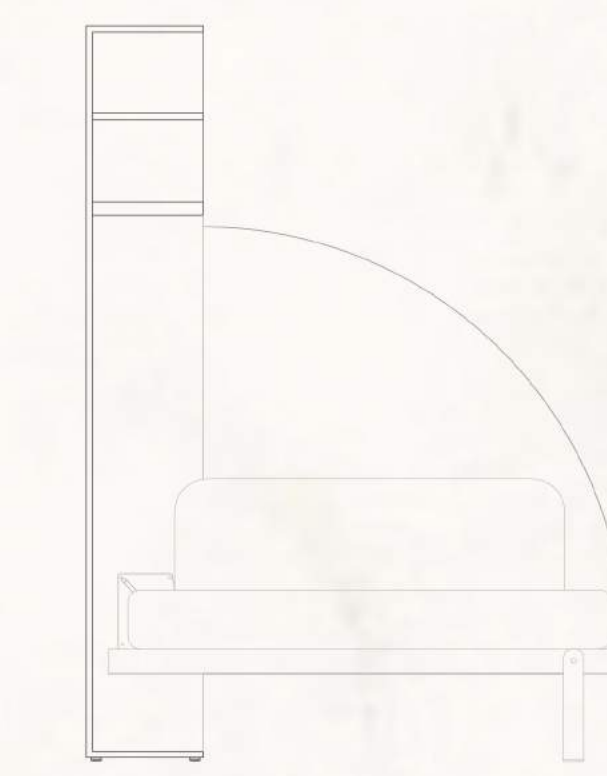
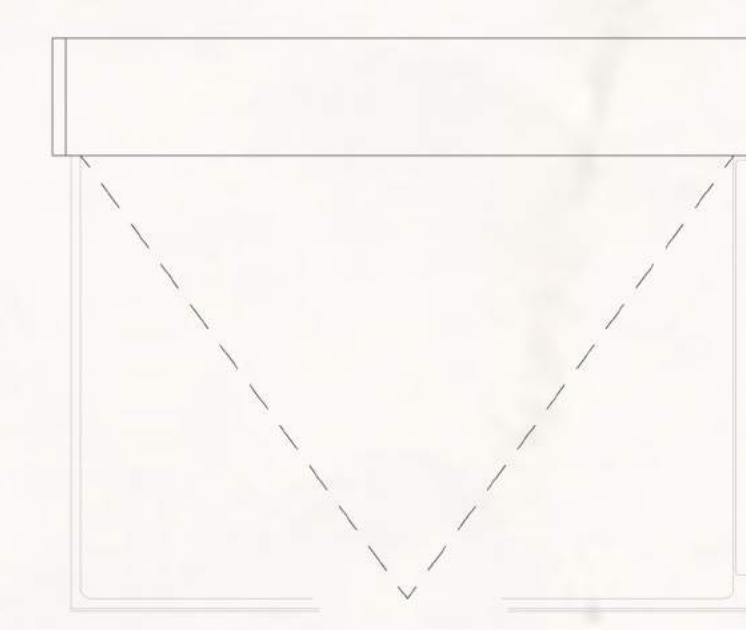
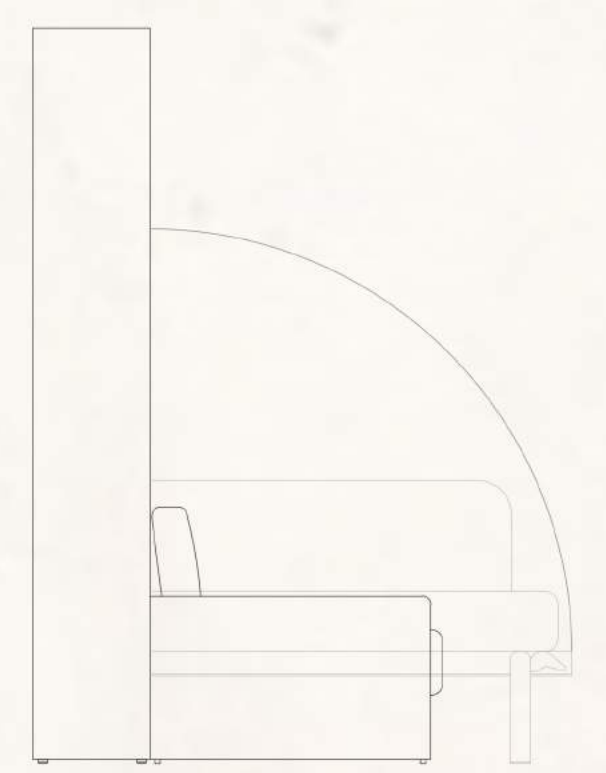
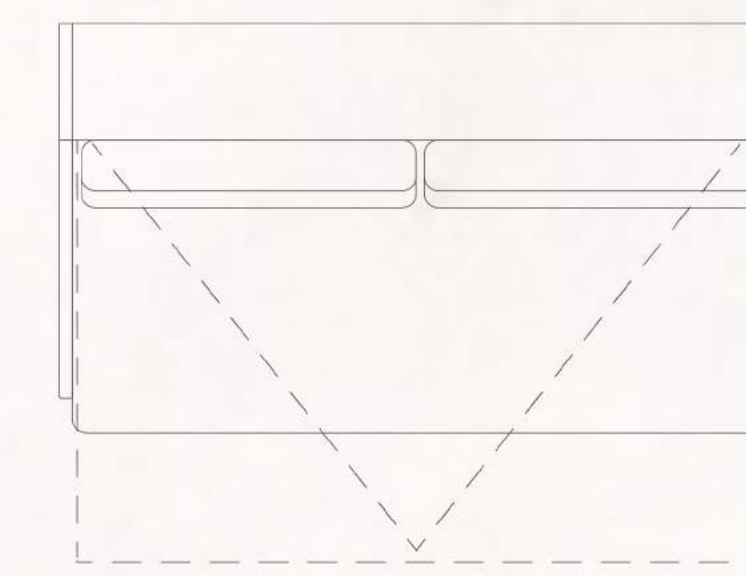
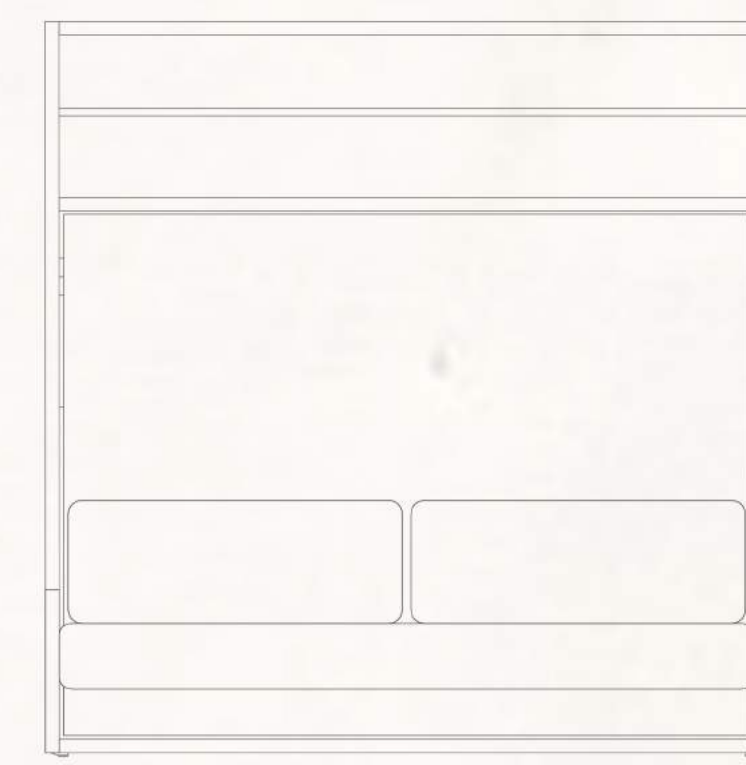
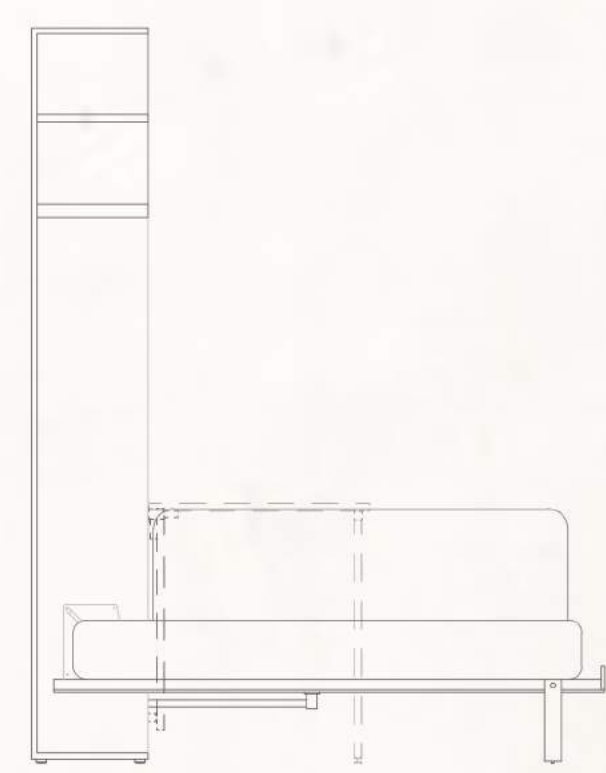
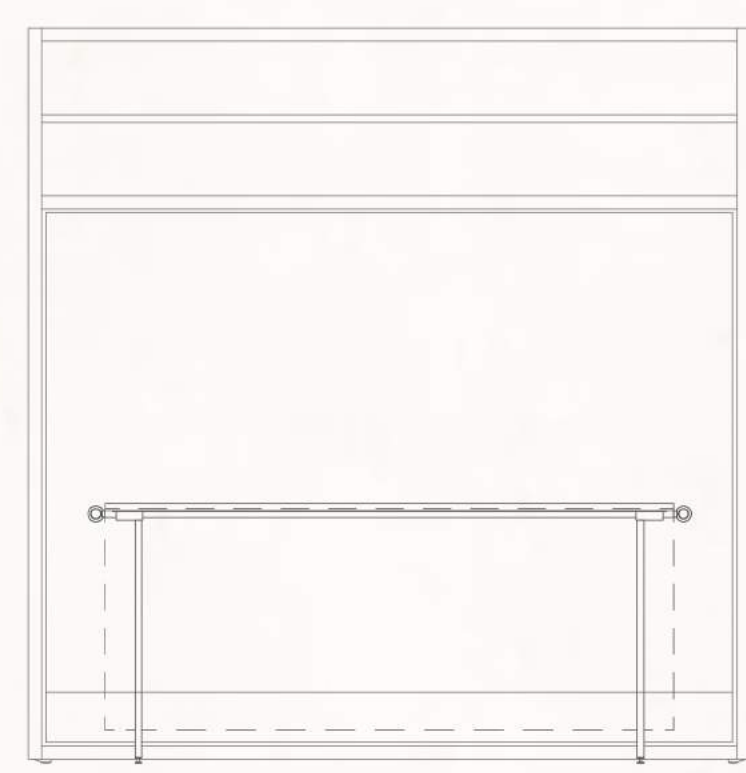
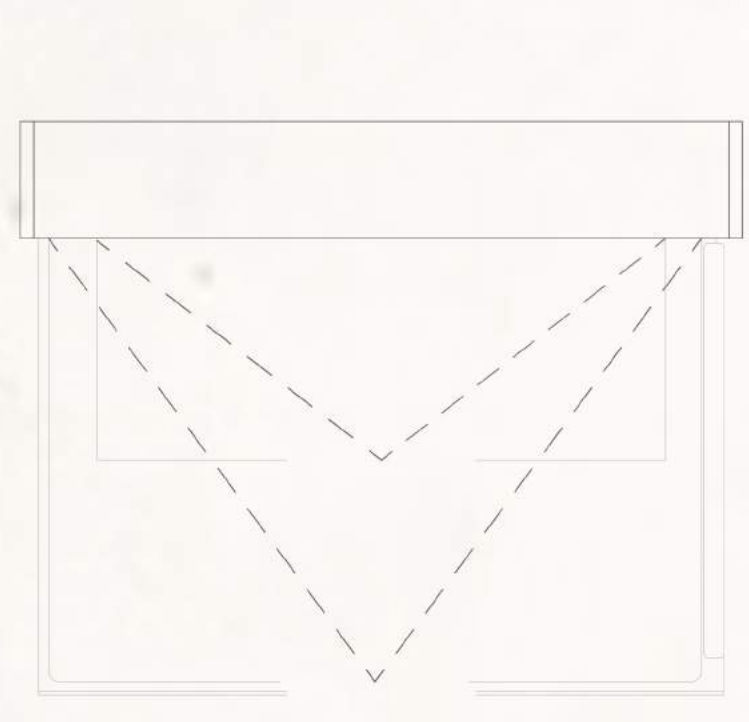
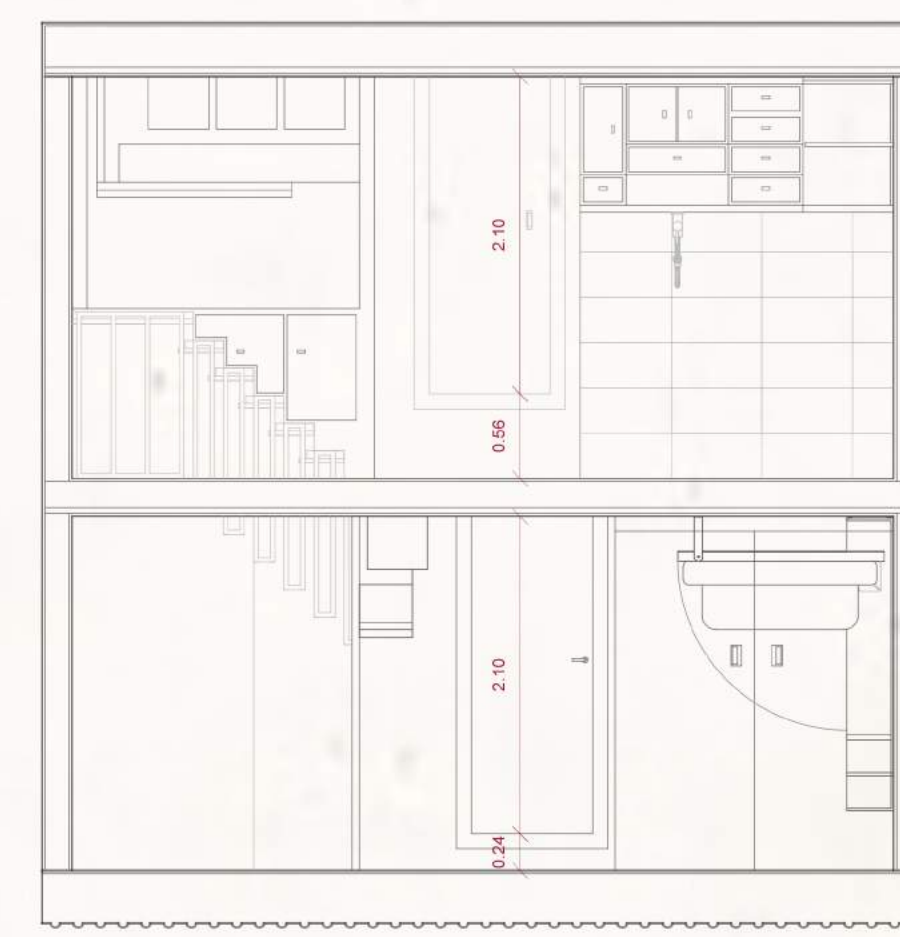
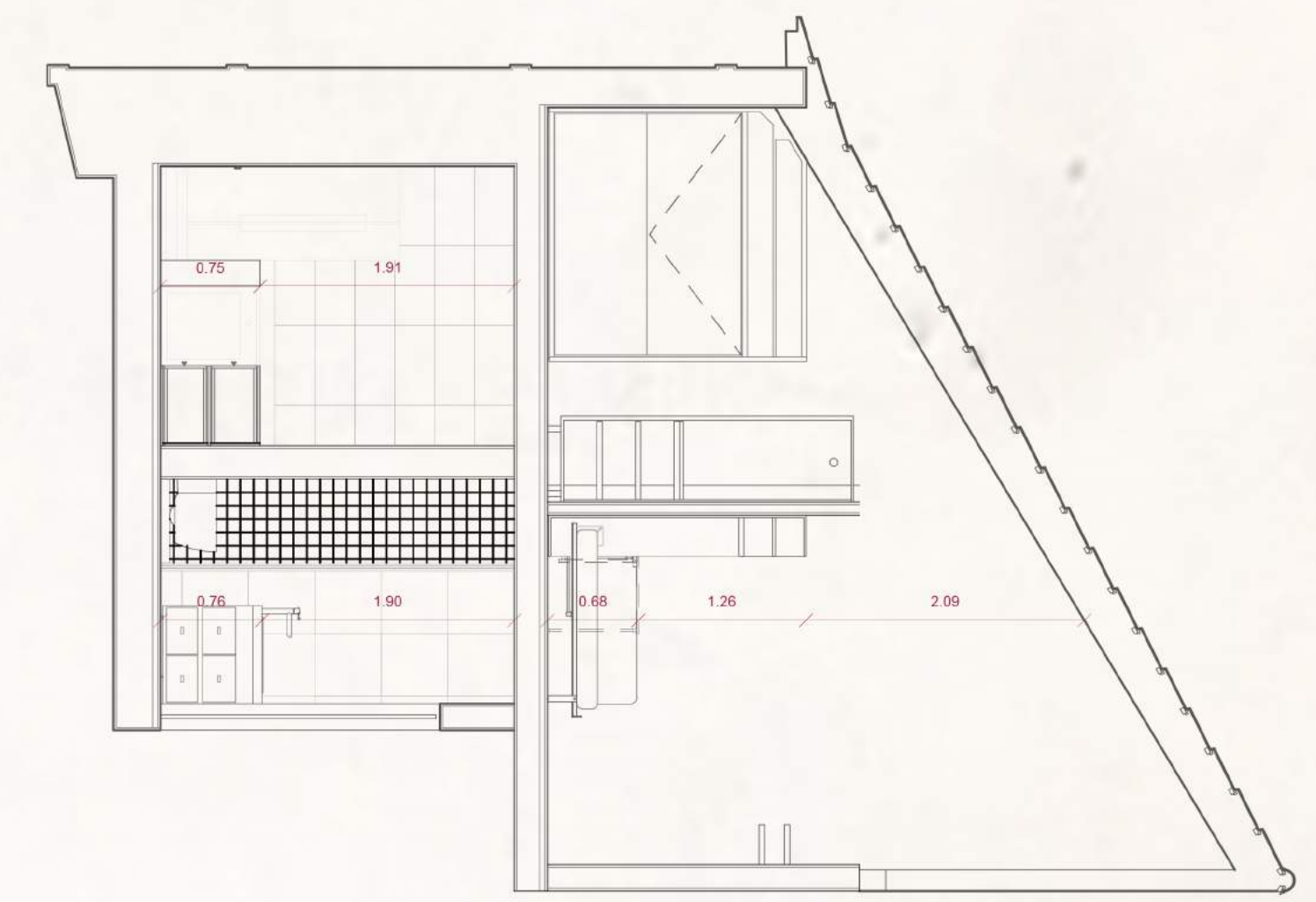


PISO COBERTURA

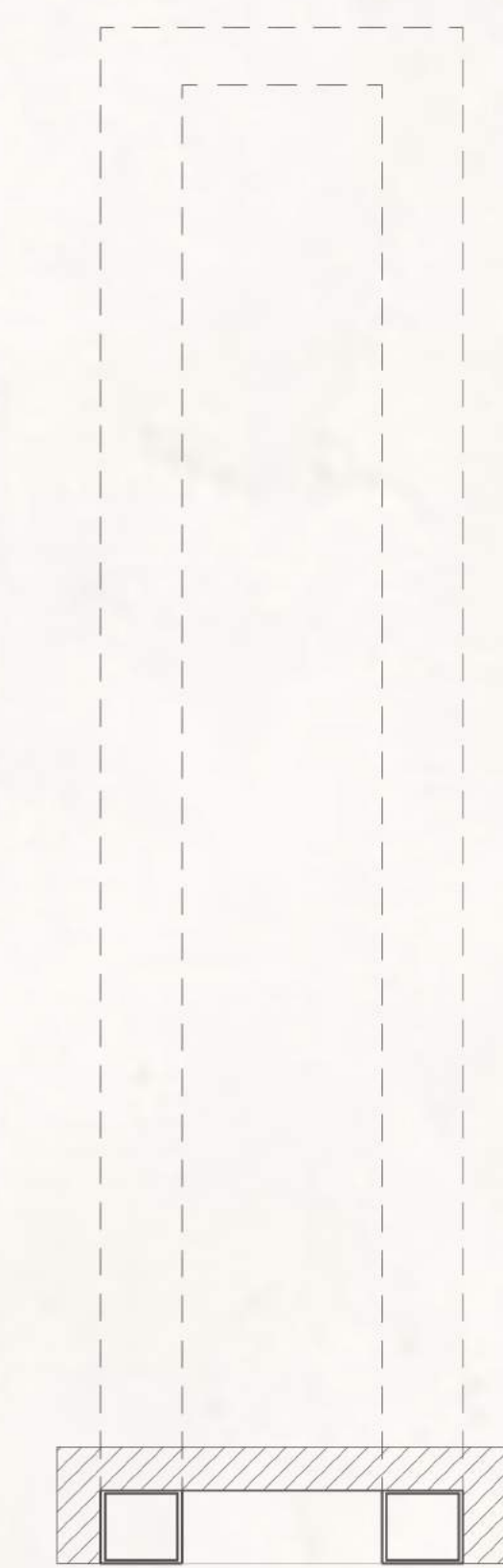
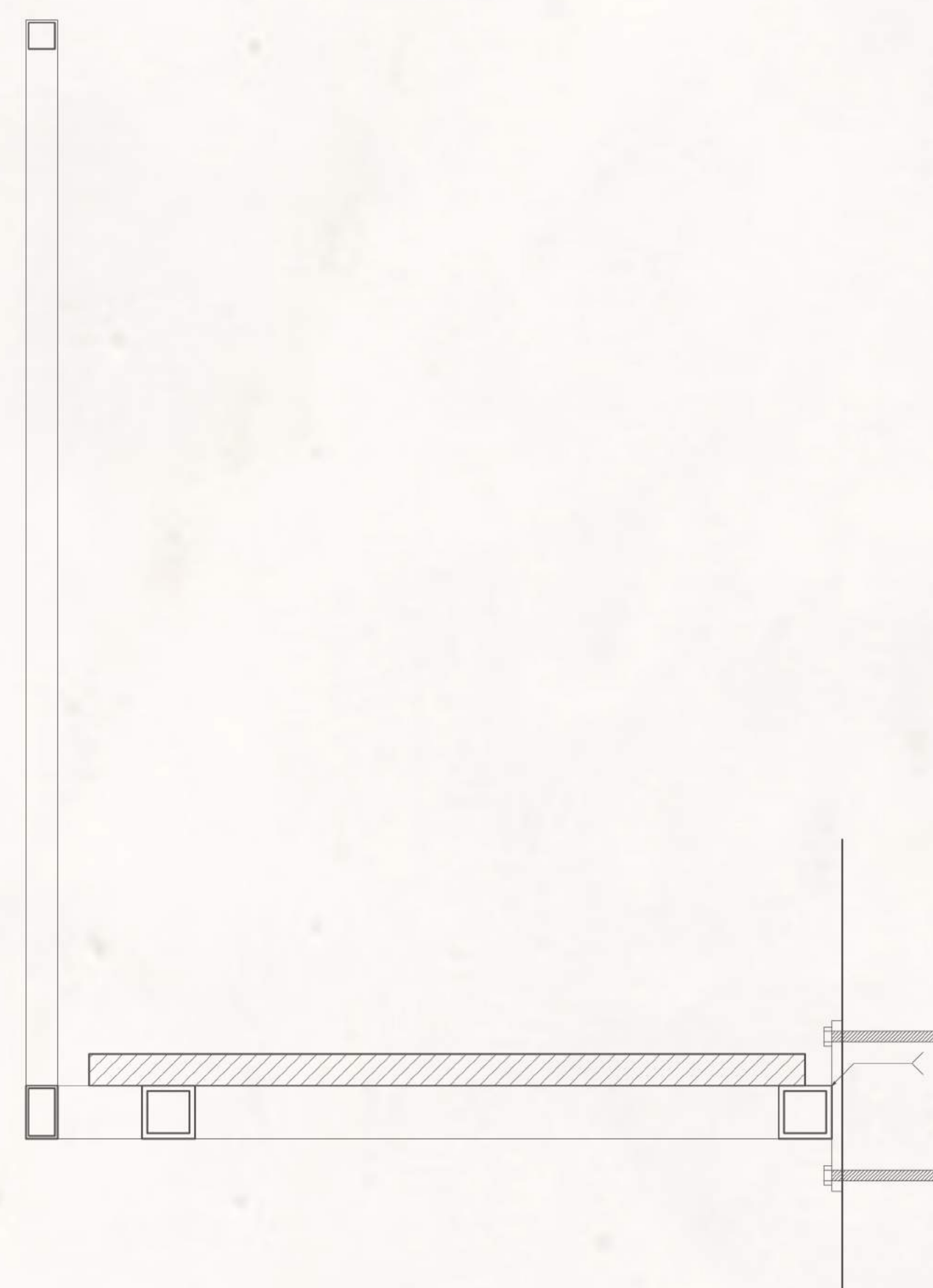
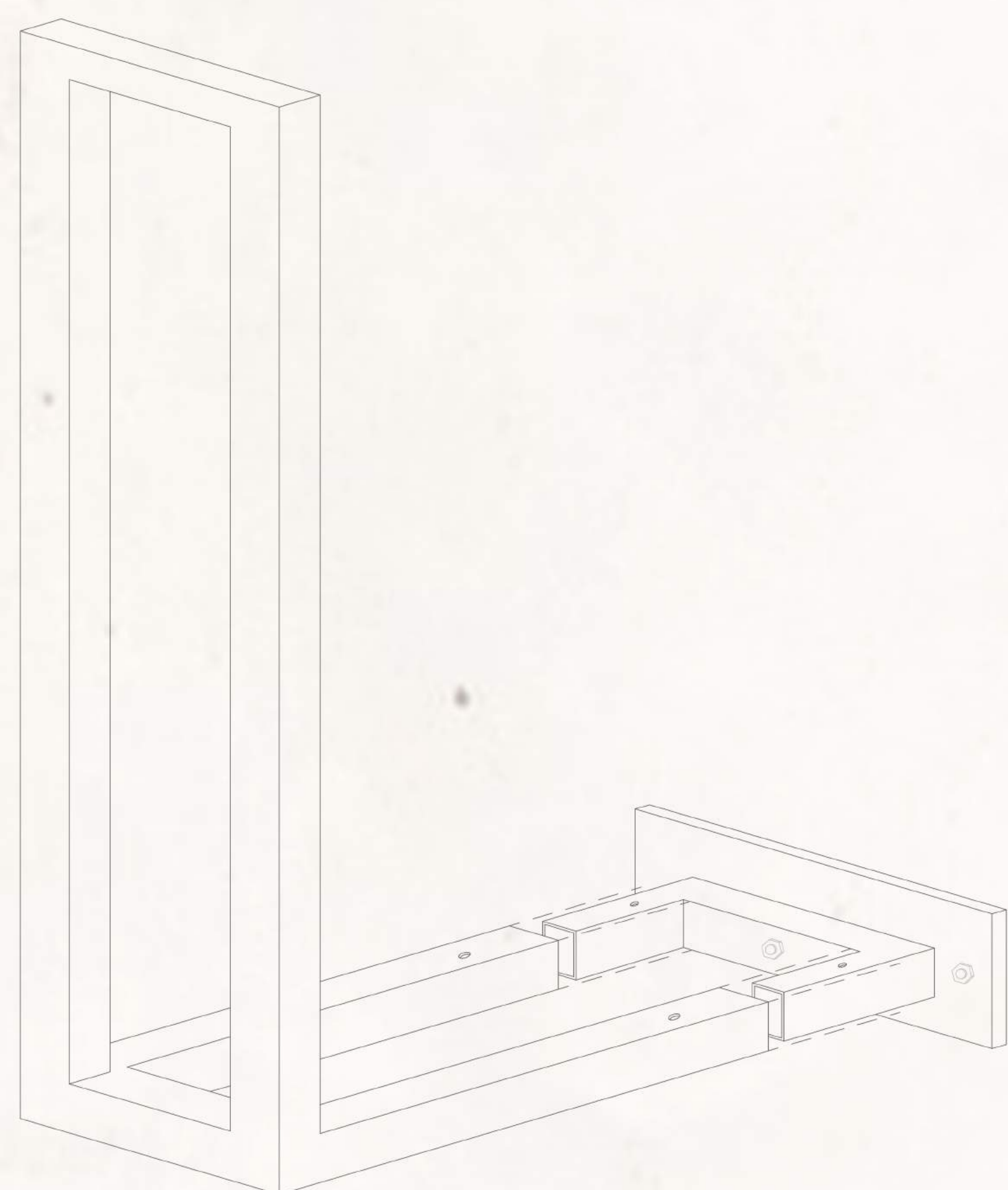
ESCALA
1/100



TIPOLÓGIA 3
1/50



ESQUEMA DE MOBILIÁRIO
1/20



DETALHE CONSTRUTIVO DA ESCADA
1/5